

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**DISCURSOS DO E SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO: O PODER MUDIÁTICO NA
REGULAÇÃO DAS IDENTIDADES**

Marcelo Fila Pecenin

**SÃO CARLOS
2007**



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**DISCURSOS DO E SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO: O PODER MIDIÁTICO NA
REGULAÇÃO DAS IDENTIDADES**



Universidade Federal de São Carlos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**DISCURSOS DO E SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO: O PODER MIDIÁTICO NA
REGULAÇÃO DAS IDENTIDADES**

Marcelo Fila Pecenin

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Lingüística.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Vanice Maria Oliveira Sargentini

**SÃO CARLOS
2007**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

P365ds

Pecenin, Marcelo Fila.

Discurso e do sobre o futebol brasileiro : o poder midiático na regulação das identidades / Marcelo Fila Pecenin. -- São Carlos : UFSCar, 2008.

184 f.

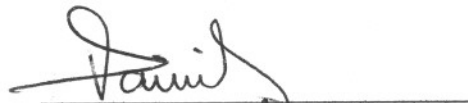
Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2007.

1. Análise do discurso. 2. Discurso. 3. Subjetividade. 4. Identidade. 5. Futebol. 6. Trajeto temático. I. Título.

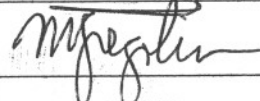
CDD: 401.41 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

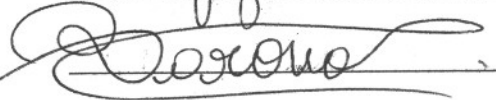
Profª. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini



Profª. Dra. Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin



Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas



Dedico este trabalho à Professora Doutora
Vanice Maria Oliveira Sargentini, minha
orientadora, com quem aprendi muito
sobre Análise do Discurso e a quem
espero ter ensinado um pouquinho sobre
futebol

AGRADECIMENTOS

- 🏀 Em primeiro lugar, a Deus, por tudo que me providenciou (saúde, inteligência, força de vontade, perseverança etc.) ao longo da produção deste trabalho;
- 🏀 A Santo Expedito, meu protetor, a Nossa Senhora de Fátima e a Nossa Senhora Desatadora dos Nós, por terem intercedido por mim junto a Deus e me ajudado a encontrar uma maneira de transpor todos os obstáculos que surgiram durante o Mestrado;
- 🏀 Aos meus pais, Umberto e Fátima, pelo carinho, apoio e paciência absolutos desde o meu primeiro segundo de vida;
- 🏀 Ao melhor jogador de basquete do mundo, meu irmão e melhor amigo Mateus, pelo afeto que “o machão” reluta em demonstrar, pela companhia e pela vontade que tem de me ter por perto;
- 🏀 À antropóloga mais linda do mundo: a minha namorada-quase-noiva-e-futura-esposa, Maria Fernanda, que, com carinho e muita inteligência, contribuiu com este trabalho já a partir da formulação do projeto de pesquisa;
- 🏀 Ao meu irmão e melhor amigo Ottone, com quem, no esporte e na vida, mantenho uma parceria e uma cumplicidade singulares que já duram, pelo menos, 10 anos;
- 🏀 À minha orientadora, Professora Doutora Vanice Maria Oliveira Sargentini, por ter confiado no meu potencial ainda no processo de seleção de candidatos para o Mestrado e por ter feito as críticas e sugestões que contribuíram imensamente para o meu desenvolvimento intelectual e para a qualidade deste trabalho. Também a agradeço pela compreensão e paciência com que lidou com meus problemas acadêmicos e pessoais;
- 🏀 Ao Professor Doutor Roberto Leiser Baronas e à Professora Doutora Maria do Rosário Valencise Gregolin, integrantes da banca examinadora, por terem aceitado o convite para avaliar este trabalho e pelas valiosas contribuições dadas na Qualificação;
- 🏀 À secretaria do PPGL (Programa de Pós-Graduação em Lingüística) da UFSCar, que presta uma assistência fundamental aos mestrandos e alunos especiais do programa;
- 🏀 À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo financiamento da pesquisa;
- 🏀 À Professora Doutora Gladis Maria de Barcellos Almeida, cujas orientações e oportunidades concedidas a mim a transformaram numa das grandes responsáveis pelo desenvolvimento do meu potencial intelectual e, sobretudo, da minha auto-estima;
- 🏀 À minha sogra, Dorotéia, por ter acreditado em meu potencial quando era eu quem mais duvidava dele;

- ⚽ Ao meu sogro, António, ao meu cunhado, Luiz Victor, à Sátia e à Asta, por torcerem muito por mim e me tratarem como se eu fosse mais do que um genro ou um cunhado;
- ⚽ À Estelinha, pelas aulas de Italiano e pelos *Bacci Perugina*;
- ⚽ Ao meu amigo Tiago “*The Italian Stallion*” Poiatti, por me contar várias histórias do esporte, das músicas da década de 80 e pelos chopes aos domingos à noite;
- ⚽ Aos meus amigos lingüistas Michel Lacombe (meu sócio na Fui Eu que Fiz), Gilberto “Múmia” Egydio, Ricardo Moutinho (meu afilhado), Ivan “Aranha” de Souza (também um irmão para mim), Henrique “Cebola” de André, “Luizão” Siloto e Diego Figueira, com quem tive a sorte de conviver e adquirir diversos conhecimentos em Lingüística, Literatura, ensino-aprendizagem de línguas, futebol, truco e na arte de ser “ligeiro”;
- ⚽ Aos colegas do Mestrado: Maristela Polonio, Marcela Canassa, Valdete Moraes, Vanessa Marquifável, Kátia Vanessa Tarantini e Fabrício “Ziggy” de Oliveira. Nossas discussões em sala de aula e nossas conversas informais no PQ sempre renderam sugestões valiosas ao desenvolvimento desta pesquisa;
- ⚽ Ao meu amigo Rogério Gomes, tanto pelas conversas inteligentes como pelas bobagens que me arrancam gargalhadas;
- ⚽ Ao melhor time de futebol do mundo, os Balan-Gá-Pal: Rodrigo Tortella, Gustavo Lazarini, Felipe “Chile” Bueno, Murilo Bueno, Felipe Ferreira, Lucas Parada e Vitor Molina, pela nossa amizade, que é verdadeira, e pela consideração ilimitada que têm por mim;
- ⚽ Aos meus amigos Dicto Stoppa, Cidinha, Fabinho, Dona Cida e Willy, pelos jantares e pelos doces digestivos nas noites de domingo;
- ⚽ Ao Traldi, à Zilda e à Tamara, pela hospitalidade, pela boa comida e pela cervejinha sempre gelada em Vinhedo e agora de novo em Descalvado;
- ⚽ Ao futebol, que, embora não me laureie com os salários milionários dos superastros, foi um dos principais agentes que me motivou a fazer Mestrado;
- ⚽ Ao São Paulo Futebol Clube, pelas campanhas brilhantes e vitoriosas durante os anos em que cursei o Mestrado;
- ⚽ Aos jornalistas esportivos Flávio Prado, José Trajano e Juca Kfourri, da antiga formação do *Cartão Verde*, que me ensinaram a gostar de futebol;

“O futebol, no Brasil, não é exclusividade
de ninguém.”
(Betty Milan)

RESUMO

Estudos afirmam que o futebol é um dos maiores símbolos da identidade nacional brasileira. Por isso, foi e é tomado como objeto em diversos estudos inscritos nas Ciências Humanas. Contudo, o futebol ainda não foi devidamente estudado pelos lingüistas. Tendo em vista essa conjuntura, além de tentar promover a aproximação entre o futebol e os estudos lingüísticos, o objetivo principal desta pesquisa é avaliar como o discurso da crônica futebolística exerce um poder regulador na construção discursiva da identidade do futebol brasileiro e da identidade nacional brasileira durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998. Para tanto, analisamos discursivamente, com base no aparato teórico e metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, representada notadamente por Michel Pêcheux e Michel Foucault, um arquivo de crônicas futebolísticas publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* por ocasião das Copas supracitadas. Para compor o arcabouço teórico que sustenta esta pesquisa, lançamos mão de algumas das categorias-chave da AD francesa – tais como, formação discursiva, processo discursivo e memória discursiva –, dos conceitos de poder, saber, subjetividade, arquivo e acontecimento – todos discutidos por Foucault (1986, 1992, 1995, 1996, 1997, 2000) –, das reflexões teóricas sobre o conceito de identidade produzidas no interior da Sociologia e da Antropologia por Boaventura de Sousa-Santos (2001), Suely Rolnik (2000) e Stuart Hall (2001), e também da noção-conceito de trajeto temático, proposta por Guilhaumou e Maldidier (1994). A partir da leitura sustentada pelo conceito de trajeto temático, verificamos, nas crônicas, como os sintagmas “Brasil”, “seleção brasileira”, “futebol brasileiro” e outras expressões com significados semelhantes foram preenchidos de modo a construir, no e pelo discurso da crônica futebolística da *Folha*, uma identidade nacional para o futebol brasileiro e para o Brasil.

Palavras-chave: Discurso; subjetividade; identidade; trajeto temático; futebol.

ABSTRACT

Studies affirm that soccer is one of the greatest symbols of Brazilian national identity. That's why it was and it is taken as an object in several studies inscribed at Human Sciences. Yet soccer has not been adequately studied by linguists. Taking that conjecture into consideration, besides trying to promote the approximation between soccer and Linguistics studies, the main goal of this research is appraising how the soccer chronicle discourse exerts a regulating power over the discursive construction of Brazilian soccer identity and Brazilian national identity during 1994 and 1998 World Cups. In order to do so, we discursively analyze, based upon the theoretical-methodological apparatus of French-school Discourse Analysis, notoriously represented by Michel Pêcheux and Michel Foucault, one archive of soccer chronicles published in the newspaper *Folha de S. Paulo* in the time of the Cups mentioned above. In order to compose the theoretical foundation that supports this research, we applied some French DA main categories – such as, discursive formation, discursive process and discursive memory –, the concepts of power, knowledge, subjectivity, archive and occurrence – all of them discussed by Foucault (1986, 1992, 1995, 1996, 1997, 2000) –, the theoretical reflections about the concept of identity produced inside Sociology and Anthropology by Boaventura de Sousa-Santos (2001), Suely Rolnik (2000) and Stuart Hall (2001), and also the notion-concept of thematic stretch, proposed by Jacques Guilhaumou and Denise Malidier (1994). From the reading sustained by the concept of thematic stretch, we verify, in the chronicles, how the nominal groups “*Brasil*” (Brazil), “*seleção brasileira*” (Brazilian national squad), “*futebol brasileiro*” (Brazilian soccer) were fulfilled in a way to build up, in and by *Folha* soccer chronicle discourse, one national identity for Brazilian soccer and for Brazil.

Keywords: Discourse; subjectivity; identity; thematic stretch; soccer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	11
1. DISCURSO, IDENTIDADE, MEMÓRIA E MÍDIA	22
2. FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL	33
3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE ARQUIVO	49
3.1. Documento e monumento ou documento/monumento?.....	54
3.2. De volta ao arquivo.....	56
3.3. O arquivo em nossa pesquisa.....	58
3.3.1. <i>A Copa de 1994</i>	69
3.3.2. <i>A Copa de 1998</i>	72
3.4. O tratamento do arquivo	75
4. A MATERIALIDADE DOS ACONTECIMENTOS	80
4.1. A Copa do Mundo de 1994	80
4.1.1. <i>Uma pequena introdução</i>	81
4.1.2. <i>A Copa das seleções brasileiras</i>	82
4.2. A Copa do Mundo de 1998	96
4.2.1. <i>Uma pequena introdução</i>	96
4.2.2. <i>Afirmção da identidade nacional, “não-sei-o-quê” e dissonâncias discursivas</i>	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
ANEXO A – Crônicas futebolísticas publicadas na <i>Folha de S. Paulo</i> durante a Copa do Mundo de 1994.....	130
ANEXO B – Crônicas futebolísticas publicadas na <i>Folha de S. Paulo</i> durante a Copa do Mundo de 1998.....	149

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Oficializado em 1863, na Inglaterra, pela *Football Association*, o futebol chegou ao Brasil em 1894, trazido por Charles Miller, um paulistano filho de ingleses, que, naquele ano, voltara da Inglaterra com duas bolas de couro, um par de chuteiras, camisas e calções, disposto a ensinar aos brasileiros a grande novidade que aprendera por lá, como aluno da *Bannister Court School*.

A partir daí, a modalidade conquistou, em território brasileiro, inúmeros adeptos, integrantes de todas as classes sociais, raças e crenças, e, com o passar dos anos, deixou de representar apenas a angústia passional do público para tornar-se também uma angústia nos campos econômico, comercial e político (Fernández, 1974). O que significa dizer que o futebol, no Brasil, é muito mais do que uma modalidade esportiva que envolve 22 jogadores, dois técnicos e três árbitros. É uma prática monstruosa, cujos tentáculos abraçam não apenas seus atores¹ mais diretos, alguns deles citados acima, mas também um grupo volumoso de instituições, profissões e sujeitos, tais como, clubes e agremiações, dirigentes, preparadores físicos, médicos, fisioterapeutas, psicólogos do esporte, narradores, comentaristas, repórteres, vendedores ambulantes etc.

Desde que a seleção brasileira conquistou pela terceira vez a Copa do Mundo no México, em 1970, e consagrou definitivamente o estilo peculiar de jogo e a hegemonia brasileira nos gramados, o futebol é mote humorístico em charges e piadas; recebe enfoque literário em narrativas curtas e romances; tornou-se tema de manifestações artísticas, como a música, a pintura e a moda; e é explorado, sobremaneira, em todos os seus aspectos, pela

¹ Como esta é uma pesquisa lingüística, também poderíamos chamar os atores do futebol de enunciadore, uma vez que nos interessa os seus discursos, o que eles enunciam.

mídia jornalística e propagandista, seja nos meios de comunicação impressos, no rádio ou na televisão.

Inclusive de propriedades lingüísticas vale-se o futebol no Brasil, pois efeitos de sentido corriqueiramente expressos na língua geral ganham matizes espirituosos quando metaforizados por expressões oriundas das quatro linhas, como “pendurar as chuteiras” no lugar de “aposentar-se” e “pisar na bola” ao invés de “cometer um erro”.

Reforçando a idéia do futebol como fenômeno languageiro no Brasil, Milan (1998) afirma que a terminologia futebolística é inteligível, em menor ou maior grau, a quase todos os brasileiros, tanto homens, tradicionalmente mais afeitos ao esporte, como mulheres.

No entanto, como aponta Carvalho (1996), o futebol, a despeito de ser um fenômeno sociocultural e languageiro no Brasil, raramente é tema de pesquisas lingüísticas, sobretudo sob um enfoque de análise de construções discursivas que ao circularem em uma sociedade produzem efeitos de identificação.

Como foi dito nos parágrafos anteriores, o futebol é, na sociedade brasileira, um produto de elevado valor social, a ponto de representar os brasileiros aos seus próprios olhos e aos olhos do Outro². Nenhum outro país é marcado pelo futebol na mesma medida que o Brasil. Destarte, e também levando em consideração a teoria de Kuper (1996), para quem o esporte bretão é um grande espelho que reflete a sociedade, acreditamos que exista entre nossa sociedade e o futebol uma relação de reflexão e refração que norteia o processo de constituição de identidades. Em outras palavras, assim como um acontecimento³ na sociedade brasileira pode orientar, com práticas discursivas e culturais, a construção de identidades para o futebol nacional, um acontecimento futebolístico, por sua vez, pode fazer o mesmo com a construção de identidades para essa mesma sociedade.

² Nesta passagem, “Outro” compreende, em diferenciação a “brasileiros”, os interlocutores estrangeiros que também associam a imagem do Brasil ao futebol.

³ Neste parágrafo, “acontecimento” significa o que acontece, fato, ocorrência. O sentido de “acontecimento” ainda não está sendo abordado na dimensão conceitual que lhe conferiram Michel Foucault e Michel Pêcheux.

Nesse processo todo tem papel relevante a mídia esportiva, veiculando e produzindo práticas discursivas que erigem discursos capazes de atingir uma enorme parcela da população, sobretudo depois do advento dos *mass media*. Com seu surgimento e consolidação, os *mass media* tornaram-se o lugar, por excelência, da produção de acontecimentos e da atribuição de identidades que atingem o mundo ocidental e suas práticas, inclusive o futebol, uma das atividades humanas mais exploradas pela mídia, principalmente no Brasil. Para empreender essa produção identitária, a mídia lança mão dos mitos, dos aspectos culturais, dos discursos, enfim, dos sentidos inscritos na memória social e discursiva, para interpretar os acontecimentos e para afirmar certas características de pertencimento que servem para delimitar a imagem de um determinado grupo social e diferenciá-la da imagem dos demais grupos, construindo, assim, os processos de identificação.

Vale lembrar, também, que a mídia mantém com o futebol e os torcedores uma relação de poder que, no discurso da primeira, gera identidades para os últimos. É preciso esclarecer que esse poder de que falamos é similar àquele teorizado por Foucault (1992), no livro *Microfísica do poder*. Como ensina Freitas Filho (1985), a mídia, tanto a imprensa quanto o marketing, serve-se da fascinação do esporte para criar para o futebol uma identidade palatável ao gosto dos torcedores. Em troca, beneficia as próprias entidades esportivas, fazendo-as operar como um negócio altamente rendoso para ambos. Essa relação de poder, que se estende à conduta dos torcedores, tem por objetivo transformá-los em consumidores de quaisquer produtos a que esteja agregada a imagem do futebol, tais como: camisas e bandeiras de times, revistas e jornais esportivos, cartões de crédito, artigos alimentícios e, sobretudo, subjetividades – o principal produto futebolístico vendido pela mídia.

Neste sentido, pode-se afirmar que o futebol é um produto explorado pela indústria cultural, conceito criado por Theodor Wiesengrund-Adorno e sobre o qual convém escrever brevemente alguns parágrafos.

Adorno (2002) explica que a expressão “indústria cultural” visa substituir “cultura de massas”, já que esta sugere enganosamente que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das massas. Tal engodo satisfaz os interesses dos detentores dos meios de comunicação, os que engendram verdadeiramente a produção cultural, que é apenas orientada para as massas. Indo mais além, a indústria cultural não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas também determina, em larga medida, o próprio consumo.

Aliada à ideologia capitalista, e sua cúmplice, a indústria cultural contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como dos homens com a natureza, instaurando o que Adorno (2002) cunha de comércio fraudulento. Segundo o filósofo alemão, o comércio enganador travado entre a indústria cultural e seus consumidores pauta-se numa relação de prometer e não cumprir, propor e não realizar. Criando necessidades ao consumidor, a indústria cultural suscita desejos e subjetividades (modos de ser) sugeridos pelas metáforas da imprensa escrita, pelas ondas do rádio, pelas imagens da TV e pelos *bites* da Internet que não podem ser realizados na vida real, isto é, na vida social, existente fora dos meios de comunicação, das páginas dos jornais, das caixas acústicas do rádio e das telas do televisor e do computador.

Não obstante esses desejos tornem-se privações – pois, como dissemos, não podem ser realizados na vida real –, funcionam como a mola motora da dominação cultural e ideológica dos que detêm o poder econômico num dado momento da história – e, conseqüentemente, os meios de comunicação – sobre os meros consumidores, que são tão-somente objetos da indústria cultural.

Nos meios de comunicação que transmitem partidas, anunciam produtos esportivos e “vendem” informações e debates sobre campeonatos, equipes e jogadores, o futebol é tomado como um meio para a venda de desejos e identidades. Convém ressaltar, no entanto, que o futebol não fazia parte das temáticas abordadas por Adorno quando da sua reflexão sobre a indústria cultural.

Silva (1985), num artigo chamado “O esporte como filão publicitário”, afirma que a mídia publicitária brasileira explora os valores de saúde, liberdade e, principalmente, sucesso e admiração popular agregados à imagem do jogador de futebol para vender aos consumidores não apenas um par de chuteiras, um telefone celular ou um automóvel, mas também a identidade do atleta do comercial, ou seja, a possibilidade falsa de serem tão saudáveis, tão livres, tão vencedores e tão admirados quanto o garoto-propaganda. Como exemplo, temos o comercial da Pepsi Cola exibido na TV brasileira durante a Copa do Mundo de 2006, em que um garoto de aproximadamente 12 anos torna-se hábil a executar diversos malabarismos com uma bola de futebol depois de tomar um prazeroso gole da Pepsi consumida por Ronaldinho Gaúcho, garoto-propaganda do refrigerante. O discurso imagético desse anúncio publicitário sugere que, ao beber Pepsi Cola, o consumidor não somente desfruta de uma bebida deliciosa e refrescante, mas também se investe de toda a habilidade do melhor jogador do mundo em 2004 e 2005. Neste caso, a indústria cultural, por meio da linguagem da propaganda, cria uma necessidade de consumo acompanhada da comercialização de uma subjetividade socialmente valorizada que não pode ser alcançada fora do comercial.

Prática semelhante realizam as emissoras de rádio e televisão que fazem a transmissão de jogos de futebol. Lançando mão de uma linguagem vibrante, acentuada pela voz reverberante dos narradores e comentaristas, elas “convidam” o ouvinte ou o telespectador, dependendo do tipo de meio de comunicação, a assistir a um grande espetáculo, divertir-se, torcer, emocionar-se, enfim, participar junto com o seu time de coração como se

fosse um 12º segundo jogador em campo, empurrando-o rumo à vitória e comemorando-a como se fosse sua também. Em outras palavras, o rádio e a TV falsificam as relações entre o homem e o meio e vendem a ele uma identidade recheada de ação, de movimento. No entanto, a participação de um torcedor, esteja ele na poltrona ou na arquibancada, sempre enfrentará a limitação do espaço e jamais será a mesma de um atleta, assim como também não serão iguais os modos de um e de outro de saborear uma vitória.

Em épocas de Copa de Mundo, quando os brasileiros fãs do futebol deixam o Flamengo, o Corinthians, o Cruzeiro, o Internacional de Porto Alegre etc. um pouco de lado para vibrar somente pelo Brasil, a relação de poder exercida pela mídia apresenta-se com mais voracidade e constrói uma identidade unificada, nacional, tanto para o nosso futebol como para nós, conclamando-nos a integrar o grande grupo de torcedores brasileiros que consomem “em prol” da seleção brasileira.

Fazendo um paralelo com a teoria de Adorno (2002), durante a Copa, também é possível verificar o comércio de subjetividades realizado pela indústria cultural brasileira. Os meios de comunicação engendram um modo de ser homogêneo para cada seleção e, conseqüentemente, para cada povo, forjando, por exemplo, um Brasil onde todos são alegres e vencedores, uma Argentina repleta de sujeitos asquerosos, pedantes e violentos e uma Alemanha em que não há lugar para a irreverência, só para a rigidez disciplinar. É claro que essas criações recebem um determinado valor baseado nos interesses econômicos da indústria cultural e no seu público-alvo. Uma emissora brasileira, por sua vez, provavelmente trata dessa forma as seleções brasileira, argentina e alemã. Uma emissora da Argentina, por sua vez, muito provavelmente traria para sua seleção a característica de vencedor e de habilidade com a bola nos pés.

Dessa forma, assistir às partidas do Brasil na Copa do Mundo ou consumir os produtos associados à imagem da seleção brasileira é também consumir uma identidade de

quem é “brasileiro”: alegre, cheio de ginga e vitorioso; de quem, com bom humor e jogo de cintura, passa por cima de todas as dificuldades e se torna o melhor do mundo – essa é uma das proposições que pode ser inferida.

Estabelecido isto, a pergunta que aqui se faz é: será que é possível avaliar a forma de regulação de identidades a partir de discursos produzidos pela e na mídia esportiva impressa, especificamente no suporte jornal, por meio de um de seus gêneros, a crônica?

Dada a riqueza de possibilidades que o assunto evoca, acreditamos que uma primeira tentativa na aproximação entre futebol e os estudos lingüísticos, principalmente, pautado em uma teoria do discurso, é observar a ocorrência de práticas discursivas e relações de poder nos enunciados que integram discursos do e sobre o futebol brasileiro e que lhe promovem a construção discursiva de identidades.

Para tanto, analisaremos como se dão os processos e os procedimentos discursivos que atuam na constituição de identidades do futebol brasileiro e do Brasil, considerando que estas sofrem modificações, atualizações.

Já que mencionamos “práticas discursivas” e “processos discursivos” nos dois parágrafos anteriores, convém defini-los sucintamente. As práticas discursivas não são simplesmente modos de fabricação de discurso, mas são regras “que ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm” (Foucault, 1986, p. 12).

Por sua vez, processos discursivos são, de acordo com Pêcheux (1997), estratégias lingüísticas – recorrência de palavras-pivôs, adjetivos, advérbios e estruturas sintáticas – que materializam na língua os efeitos de sentido de um determinado discurso e também o produzem, isto é, o marcam sob um certo princípio de regularidades.

Vale destacar, neste trabalho, a opção pela análise de discursos considerados “menos” nobres, como os discursos do e sobre futebol, mas que aqui são tomados como objetos de pesquisa considerando-se a relevância de analisar discursos do cotidiano e temas relacionados aos acontecimentos ordinários.

Dado o valor de fenômeno sociocultural e linguageiro do futebol na sociedade brasileira, deve-se enfatizar também a importância e a contribuição valiosa que a análise de discursos do e sobre o futebol brasileiro prestam aos estudos de Análise do Discurso desenvolvidos no Brasil.

Abordaremos a questão da identidade do futebol brasileiro e da identidade nacional do Brasil. Para tal, constituímos nosso *corpus* com crônicas futebolísticas publicadas no jornal impresso *Folha de S. Paulo* durante o período das Copas do Mundo de 1994 e 1998 – abrangendo não apenas o mês de duração da competição, mas também os dez dias que a antecedem, chamados de pré-Copa, e os dez dias que a sucedem, o pós-Copa –, pois é em épocas de Copa do Mundo que, de acordo com Fernández (1974), se observa o sentimento de nacionalismo espicaçado, o que fomenta a construção de uma identidade nacional homogênea, em torno dos símbolos patrióticos, tais como a bandeira e a camisa da seleção brasileira. Portanto, a Copa do Mundo constitui-se como um pano de fundo adequado à análise da identidade nacional brasileira construída no e pelos discursos do e sobre o futebol brasileiro veiculados pela crônica futebolística impressa.

Além disso, convém explicar como a crônica de futebol produz identidades. Um dos produtos dos *mass media* impressos, as crônicas esportivas escritas produzem identidades ao prescreverem procedimentos do autogoverno (técnicas de si)⁴. Esse processo não atinge apenas os leitores comuns, os torcedores, mas também os atores do futebol. A mídia esportiva, principalmente por meio das crônicas, gênero reconhecido pelos pontos de

⁴ Trataremos detalhadamente das técnicas de si e dos procedimentos de autogoverno teorizados por Michel Foucault no primeiro capítulo desta dissertação.

vista explícitos que enuncia, estabelece tanto com os leitores comuns como com os boleiros profissionais uma relação de governamentalidade, fornecendo-lhes pressupostos e prescrições que, sustentados em formações discursivas e vontades de verdade, e regulados por práticas discursivas, visam a autocondução de suas condutas, criando, fixando ou alterando, destarte, sua(s) identidade(s).

Segundo Foer (2004), o futebol é parte da comunidade, da economia, da estrutura política de um país. O futebol é um grande espelho que reflete a sociedade em que é praticado, acrescenta Kuper (1996), cujas propostas teóricas caminham na mesma direção. Sendo assim, os diversos discursos que circulam na sociedade atribuem, ao futebol e aos seus agentes, representações imaginárias que variam de acordo com o valor dado por esses discursos ao esporte. A atribuição de valor varia consoante os interesses políticos, econômicos e sociais desses discursos em relação ao esporte. Em outras palavras, dependendo de como as relações sociais se inscrevem na História, os discursos, com maior ou menor intensidade, constituem para o futebol identidades semelhantes às que constituem para as demais atividades e grupos presentes na sociedade.

Na sociedade brasileira, em que o futebol é um fenômeno sociocultural, as identidades atribuídas ao “esporte das multidões” são reforçadas ou desvalorizadas enquanto constitutivas da identidade nacional por práticas discursivas que corroboram essas identidades materializadas pelo discurso. O reforço ou a desvalorização das representações imaginárias também dependem de condições sócio-históricas, como as vitórias de um time, interesses políticos, econômicos etc., e a identificação dos interlocutores com o que é dito. Do mesmo modo que os discursos circulantes, produzidos no interior de determinadas formações discursivas e materializados a partir de determinados lugares de fala, constituem identidades para o futebol e seus atores, outros discursos, cujo tema são acontecimentos da modalidade esportiva em questão, contribuem para a constituição da identidade nacional.

Por exemplo: enunciados como “O futebol brasileiro é o melhor do mundo” atribuem, no interior de uma certa formação discursiva, um valor baseado no interesse econômico de uma emissora que transmite partidas de jogadores brasileiros, revelando a relação de poder entre a mídia e o futebol. Esse valor, entretanto, só será confirmado e fortalecerá a identidade nacional se a as condições sócio-históricas forem favoráveis: a difusão e o fomento à noção coletiva de nação, que se dá durante Copa do Mundo, e a identificação dos interlocutores com esses discursos.

Já os discursos sobre o futebol brasileiro como sendo alegre, dançarino e extremamente improvisado, dando de ombros para a disciplina tático-estratégica, na medida em que se tornam recorrentes, isto é, parte das memórias coletiva e discursiva, contribuem para a construção de uma identidade nacional essencialmente lúdica. Vale acrescentar que tal construção identitária retoma o discurso da carta de Caminha sobre o Brasil, em que o escrivão relata, ao rei de Portugal em 1500, o descompromisso, a indisciplina, a malandragem e a cordialidade do brasileiro, representado na época da carta de Caminha pelos indígenas, os primeiros habitantes do Brasil.

Neste sentido, também buscamos um melhor entendimento da construção discursiva da identidade nacional da sociedade brasileira, afinal, como afirma Bellos (2003), o futebol é um dos símbolos mais fortes da identidade brasileira.

Levando em conta o que foi dito até aqui, convém estabelecer os objetivos gerais desta pesquisa, que são:

- a) Tendo em vista a relação de reflexão e refração, entre a sociedade brasileira e o futebol, que norteia o processo de constituição de identidades, avaliar a forma de regulação de identidades em construção a partir de discursos

produzidos pelas e nas crônicas futebolísticas publicadas na *Folha de S. Paulo* durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998;

- b) Com base na teoria do discurso, analisar como se dão os procedimentos discursivos que constituem a identidade do futebol brasileiro, bem como de seus personagens principais;
- c) Buscar um melhor entendimento da construção discursiva da identidade nacional da sociedade brasileira, para a qual o futebol é um produto de elevado valor social.

Nos capítulos que seguem, apresentaremos os conceitos-chave que constituem a base teórica desta pesquisa – tais como, discurso, identidade, memória e mídia –; faremos uma reflexão, apontando exemplos, sobre a relação entre o futebol e a identidade nacional brasileira; discutiremos a seleção e a organização do *corpus* de pesquisa, abordando, inclusive, a metodologia que será empregada na leitura do *corpus* e fazendo uma breve descrição de alguns acontecimentos irrompidos nas Copas do Mundo de 1994 e 1998; finalmente, nos capítulos subseqüentes, trataremos da materialidade dos acontecimentos, isto é, dos resultados da nossa análise sobre o papel da mídia na construção discursiva da identidade nacional brasileira realizada pela crônica esportiva impressa durante as Copas supracitadas.

1. DISCURSO, IDENTIDADE, MEMÓRIA E MÍDIA

Além da teoria do discurso elaborada por Foucault e pelos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, suportes centrais para esta pesquisa, também empregamos dois princípios teóricos sobre a relação futebol/sociedade que apontam basicamente para uma mesma direção: o primeiro é de Foer (2004), segundo o qual o futebol é parte da comunidade, da economia, da estrutura política, enfim, é um microcosmo singular; o segundo foi pensado por Kuper (1996) e afirma que o futebol trata-se de um enorme espelho que reflete a sociedade em que vivemos.

Embora as teorias de Foer (2004) e Kuper (1996) estejam filiadas a reflexões produzidas no interior da Sociologia, não há incompatibilidade teórica entre elas e os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (doravante, AD) que sustentam este trabalho, porque a AD, desde sua fundação, reconhece que o discurso só pode ser analisado considerando-se as condições sociais, históricas e ideológicas nas quais o discurso se inscreve. Segundo Pêcheux (1997), o discurso constitui-se como o espaço de confluência entre a língua e a história e, por consequência, as ideologias e as relações sociais coexistem nela.

Além disso, as teorias de Foer (2004) e Kuper (1996), aliadas aos conceitos de discurso e identidade que apresentaremos a seguir, formam o arcabouço que sustentam a relação de reflexão e refração entre o futebol e a sociedade brasileira na construção discursiva de identidades, a pedra angular desta pesquisa.

Partindo desses pressupostos, reafirmamos que as mesmas identidades em curso na sociedade brasileira apresentam-se reformuladas no futebol por meio de

interdiscursos⁵, na sua representação discursiva dentro da crônica esportiva e em outros gêneros-suportes para os quais a modalidade esportiva em questão serve de mote, uma vez que o “esporte bretão” é um fenômeno sociocultural em nossa sociedade (cf. Fernández, 1974; Milan, 1998; Bellos, 2003). Pelo mesmo movimento, a construção discursiva da identidade do nosso futebol e de seus atores reconstrói a identidade nacional como um todo, porquanto os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e é daí que eles tiram sua identidade (Orlandi, 1996).

Com relação ao conceito de identidade, é possível defini-lo na modernidade, consoante Sousa Santos (2001), pelo de subjetividade. Rolnik (2000) define subjetividade como um modo de pensar, de agir, de sonhar, de amar, enfim, modo de ser que recorta o espaço, formando um interior e um exterior. De acordo com Coracini (2004), o sujeito é um construto social e discursivo, pois é no e pelo discurso que a identidade é criada.

Antes de partirmos para a discussão sobre a identidade no discurso, quando enfocaremos com mais detalhes a noção de identidade formulada por esses três autores, é indispensável ressaltar que não são definitivas as considerações feitas aqui sobre identidade e seu processo de formação, já que, de acordo com Hall (2001), o próprio conceito de identidade é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser testado de modo peremptório.

É importante esclarecer que o nome de Stuart Hall figura neste trabalho por causa da contribuição que seus estudos culturais prestaram à discussão do conceito de identidade. Entretanto, vale lembrar que sua posição é diferente da de Foucault, uma vez que o antropólogo norte-americano não leva em consideração o conceito de resistência no processo de produção das identidades.

⁵ Courtine (1999) define interdiscurso como séries de formulações discursivas marcando, cada uma, uma enunciação distinta e dispersa, articulando-se entre elas em formas lingüísticas determinadas: citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se, transformando-se.

Por esta razão, adiantamos que, para fazer a análise do *corpus*, embora apresentaremos recortes do conceito de identidade produzido pela diferença conforme Hall (2001) – o qual abordaremos adiante –, empregaremos primordialmente as idéias de Foucault neste trabalho.

Levando em conta o caráter discursivo da formação identitária e os estudos de Foucault sobre o discurso⁶, é possível afirmar que esse processo – o da construção de identidades ou subjetividades⁷ – está sujeito aos mesmos mecanismos reguladores de formação, distribuição e manutenção a que estão sujeitos os enunciados, unidades elementares do discurso. Entre esses mecanismos, destacam-se formação discursiva – termo que posteriormente foi emprestado por Michel Pêcheux, fundador da AD francesa – e práticas discursivas.

Segundo Foucault (1986), formação discursiva diz respeito ao princípio geral de dispersão e regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos e as escolhas temáticas sobre o qual se agrupa um certo número de enunciados, que manifestam uma incessante vontade de verdade⁸.

Práticas discursivas, por sua vez,

[...] são um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercícios da função enunciativa. (FOUCAULT, 1986, p. 136).

⁶ Consoante Gregolin (2004), entre as amplas temáticas tratadas por Michel Foucault, o discurso destaca-se como conceito fundador, de modo que o filósofo francês teoriza e propõe método para a AD francesa, principalmente nos livros: *As palavras e as coisas*, de 1966; *Arqueologia do saber*, de 1969; e *A ordem do discurso*, de 1971.

⁷ Utilizaremos os termos “identidade” e “subjetividade” de maneira intercambiada, pois entre os autores que embasam este trabalho, alguns empregam “identidade”, como é o caso de Hall e Sousa Santos, já outros, como Foucault, por exemplo, lançam mão de “subjetividade”.

⁸ De acordo com Foucault (1996), vontade de verdade pode ser definida como um princípio, uma maquinaria, que procura sustentar um discurso dominante, isto é, o discurso de quem controla uma certa relação de poder num dado momento histórico. Para realizar sua tarefa prodigiosamente, a maquinaria que é a vontade de verdade exclui os discursos que a contrariam. Ainda segundo Foucault (1996), a vontade de verdade é uma espécie de lógica discursiva que, sufocando a voz dos que tentam questioná-la, transforma algo em verdade.

Em outras palavras, também foucaultianas, as práticas discursivas agem sobre os enunciados como regras que determinam seu aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização, enfim, regulando-os por uma ordem do discurso.

Em *A arqueologia do saber*, a idéia de prática, aliás, foi agregada ao conceito de discurso, já que as palavras empregadas pelo filósofo francês para talhar tal conceito sugerem efeito de movência. Vale lembrar que, conforme Foucault (1986, p. 135-136), discurso é “um conjunto de enunciados [enquanto performances verbais em função enunciativa], na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva. Tanto o princípio de dispersão e regularidade dos enunciados quanto as regras que determinam sua existência e utilização designam uma vontade de saber, uma vontade de verdade, anônima e polimorfa.”

Após a derrota do Brasil para a França, na final da Copa do Mundo de 1998, por exemplo, o que possibilitou o aparecimento de enunciados que justificavam o revés da seleção brasileira com um vultoso suborno oferecido pelos franceses e pela FIFA (Federação Internacional de Futebol *Association*) aos nossos jogadores foi uma vontade de verdade nacional, segundo a qual o futebol brasileiro é bom demais para perder, a não ser para si próprio. O oponente era irrelevante.

Um fenômeno discursivo semelhante irrompeu após o Brasil ser eliminado novamente pela França nas quartas-de-final da Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha. No entanto, diferentemente do ocorrido em 1998, a temática não foi um suposto suborno oferecido aos jogadores da seleção brasileira para que perdessem o jogo, mas sim a falta de garra da equipe.

Identidades ou subjetividades são, de fato, identidades ou subjetividades em curso, pois são formadas a partir da “combinação de negociações de sentidos, polissemia, choques de temporalidade” (Sousa Santos, 2001, p. 135). Rolnik (2000, p. 26) acrescenta que

“são processos vivos e móveis, feitos de forças e discursos provindos de diferentes meios – profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico etc.”.

Trabalhando o conceito de subjetividade a partir de um viés foucaultiano, Coracini (2004) acrescenta os jogos de poder a esse conjunto de forças destacadas acima. Se o sujeito é uma construção social e discursiva, como também consideram Guattari & Rolnik (1986) na obra *Cartografias do desejo*, esse sujeito é interpelado por relações de poder, uma vez que estas são veiculadas pelo lugar onde se exerce o poder: o discurso. Consoante à autora, ocupando o discurso, o poder cria para o sujeito a ilusão de inteireza, de totalidade, de homogeneidade que o torna socialmente governável.

Como já dissemos anteriormente, o poder que mencionamos aqui é aquele teorizado por Foucault (1992), no livro *Microfísica do poder*. Isto é, o poder é uma ação sobre ações, condução de condutas ou governo cujas formas e lugares são múltiplos numa sociedade. Não há um princípio fundador e primário de poder; pelo contrário, ele é definido pelas múltiplas formas de disparidade individual, de objetivos, de determinadas aplicações sobre nós mesmos e sobre os outros. Com isso, estamos afirmando que pela construção de subjetividades também é responsável o poder, que, de acordo com Foucault (1995), categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade. O poder divide e classifica o sujeito, faz do indivíduo sujeito.

Ainda a respeito dessa correlação entre poder e subjetividade, Foucault (1997), nos seus cursos ministrados no Collège de France, discutiu as técnicas de si, que são procedimentos que existem em todas civilizações

[...] pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si. (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Vê-se, portanto, que as técnicas de si são menos que uma preparação momentânea para a vida; mas uma forma de vida, que, mesmo tornada um princípio filosófico, ficou sendo uma forma de atividade, uma ocupação regulada, um trabalho com prosseguimentos e objetivos; logo, não simplesmente uma atitude de consciência ou uma forma de atenção sobre si mesmo.

No curso intitulado “Subjetividade e verdade”, Foucault (1997) articula as técnicas de si com as formas de governamentalidade (relações de poder), projetando uma maneira de fazer uma história da subjetividade, e preconiza analisar esse “governo de si” como:

[...] um domínio de relações estratégicas entre indivíduos ou grupos –relações que têm como questão central a conduta do outro ou dos outros, e que podem recorrer a técnicas e procedimentos diversos, dependendo dos casos, dos quadros institucionais em que ela se desenvolve, dos grupos sociais ou das épocas. (FOUCAULT, 1997, p. 110).

O professor da cátedra de “História da formação do pensamento moderno” ainda aponta para a necessidade de se “retomar num outro aspecto a questão da governamentalidade: o governo de si por si na sua articulação com as relações com o outro” (Foucault, 1997, p. 111). Em outras palavras, as técnicas de si estabelecem as fronteiras nas quais devem ficar os sujeitos. Para ocupar esses lugares de subjetividade prescritos pelas técnicas de si, os sujeitos devem realizar certos procedimentos de autogoverno, de “governo de si” mesmos.

Essa reflexão de Foucault traz importante contribuição para esta pesquisa no sentido de que propicia embasamento para afirmar que a mídia produz e veicula pressupostos que fixam as identidades de sujeitos e grupos sociais. Em outras palavras, a mídia é um lugar de produção de técnicas de si, um lugar de produção de condutas sociais, lingüísticas e

discursivas para os indivíduos, isto é, como eles podem e devem agir, o que podem e devem dizer.

Nesse processo, a mídia não lança mão unicamente da veiculação de textos com enunciados do tipo “seja magro”, “vote em Fulano”, “não fume”, “vamos em frente”, “não fale palavrões”, “diga ‘eu te amo’” etc. Ela emprega artifícios variados. As telenovelas são um exemplo de uma dessas estratégias. O destino atroz – em geral, a prisão, a loucura ou a morte trágica – que o autor de uma telenovela programa para seus vilões é uma forma de apresentar a(s) maneira(s) como os telespectadores não devem agir, fazendo com que estes controlem a si próprios e evitem mirar-se nas condutas consideradas socialmente danosas dos personagens malévolos, que sempre seguem na contramão dos princípios éticos e morais estabelecidos na sociedade. De forma parecida, reportagens sobre os malefícios dos alimentos excessivamente calóricos e a importância da prática regular de atividades físicas apregoam pressupostos que podem moldar a conduta – logo, a subjetividade – dos indivíduos abordados pela mídia, no sentido de eles mesmos se autocontrolarem a fim de se tornar mais saudáveis, supostamente mais felizes ou, até mesmo, consumidores de comidas *light* e clientes de academias de ginástica.

Como nosso trabalho lida com textos midiáticos, crônicas futebolísticas publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, devemos destacar a relação entre a mídia, meio no qual se inscrevem as crônicas supracitadas, e a produção de identidades/subjetividades. No que concerne ao processo discursivo de produção identitária, a mídia pode ser classificada como o que Guattari (1994) nomeia de equipamento coletivo de subjetivação, isto é, uma máquina social e retórica que engendra subjetividades. Vamos explicar o porquê dessa constatação.

Com o advento dos “mass media”, o lugar, por excelência, da produção do acontecimento não é mais o discurso da história, mas sim o da mídia, como assegura Nora, ao declarar que:

Nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles [mass media] e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar. [...] Imprensa, rádio, imagens não agem apenas como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência. A publicidade dá forma a sua produção (NORA, 1985, p. 181)

A mídia é, portanto, o lugar onde, por meio do discurso midiático (jornalístico, charges, caricaturas etc.) se produz a escrita da história do nosso tempo – que é imediata, história do presente, construída a partir de acontecimentos montados, projetados e lançados ao público sob a forma de espetáculo (Navarro-Barbosa, 2001). Tal qual a História, que, conforme Dosse (1992), faz uma seleção do passado, a mídia também separa, recorta, inclui e descarta documentos/monumentos, determinando, assim, quais acontecimentos virarão notícias, quais sujeitos devem ser entrevistados e quais imagens serão mostradas – de acordo com Mariani (1999), tudo, obviamente, visando seus interesses econômicos, políticos e ideológicos.

Nesse processo historiográfico agenciado pela mídia, é nodal o papel da memória. Para Pêcheux (1999), memória não se trata de uma lembrança, mas de um espaço onde se inscrevem ideologias, crenças e discursos, que são a condição essencial de produção e da interpretação de seqüências discursivas, de sentidos. Com as representações do passado, seus mitos, ideologias e deformações materializadas em documentos/monumentos, a memória influencia a realidade e o curso dos acontecimentos históricos, manipulando a história.

Vale retomar aqui as palavras de Pêcheux (1999), de que os sentidos irrompem da sua identificação ou “desidentificação” com os discursos, saberes e aspectos culturais, inscritos na memória, exterioridade constitutiva dos sentidos produzidos pelos sujeitos. Para

reavivar sentidos cristalizados ou para fabricar sentidos novos, a mídia lança mão da memória, recuperando-a ou atualizando-a conforme seus interesses políticos e econômicos.

Lembrando os estudos de Halbwachs (1988) e Nora (1985), a mídia, detentora de arquivos sobre o passado, funciona como um “lugar de memória”, isto é, um indicador empírico da memória coletiva que a emprega como elemento essencial para a construção e reafirmação da identidade nacional. Em outras palavras, a memória social e coletiva pode ser usada na mídia para interpretar acontecimentos do presente de modo a definir e reforçar certas características e certos sentimentos de pertencimento que identificam indivíduos entre si em um grupo – ou seja, criam uma identidade para eles – e, ao mesmo tempo, estabelecem fronteiras entre as demais coletividades, diferenciando esses indivíduos de outros, pertencentes a outros grupos.

A mídia “bebe” da memória, estabiliza os sentidos presentes nesta e, assim, cria a ilusão de inteireza que é a identidade. Esse trabalho Halbwachs (1988) chama de enquadramento de memória.

Mas a mídia não apenas faz a recuperação dos já-ditos da memória. Abastecendo a memória com notícias, entrevistas e anúncios publicitários, enfim, os documentos/monumentos que fabrica, a mídia também modifica e reconstrói a memória coletiva, pois ela – a memória coletiva –, diferentemente da História, é o espaço, por excelência, da não-estabilidade, da mudança, da construção, desconstrução e reconstrução; uma cancha de agregação quimérica de novos sentidos. Pergunte ao chapéu de Clémentis⁹... (cf. COURTINE, 1999).

⁹ No artigo “O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político”, Courtine (1999), visando discutir os conceitos de interdiscurso e memória, começa contando uma anedota de Milan Kundera. Em fevereiro de 1948, o dirigente comunista Klement Gottwald, da sacada de um palácio em Praga, discursa para uma multidão aglomerada na praça vermelha da cidade. Fazia muito frio, e Gottwald estava com a cabeça descoberta. Clémentis tirou o seu chapéu de pele e colocou-o sobre a cabeça do dirigente. Como a ocasião era importante, o departamento de propaganda reproduziu centenas de milhares de exemplares da fotografia em que Gottwald usava o chapéu de Clémentis. Quatro anos mais tarde, Clémentis foi acusado de traição e enforcado. O departamento de propaganda o fez desaparecer imediatamente da história e das fotografias. Desde então, ficaram apenas Gottwald e o chapéu de Clémentis, na sacada do palácio.

Nesse ponto, convém trazer uma reflexão de Foucault (1986): lugar da tradição, dos aspectos culturais e dos conhecimentos que herdamos, a memória social e discursiva pode ser retomada e/ou modificada em consonância com os interesses de quem exerce o poder em um dado momento histórico.

Capaz de conduzir a conduta dos sujeitos, atribuindo-lhes identidades, a mídia, detentora do poder teorizado por Michel Foucault, opera com a memória de modo a atender, retomando o que diz Mariani (1999), a seus mais diversos interesses.

Para concluir este capítulo que abrange os temas identidade e discurso, além de mídia e memória, convém apresentar o conceito de identidade pela diferença, elaborado por Hall (2001). De acordo com o antropólogo norte-americano, o Outro é fundamental na construção da nossa identidade, pois é ele que impõe as fronteiras da nossa subjetividade, isto é, as características que nos servem de modelo e as características das quais queremos nos diferenciar. São os discursos do Outro sobre o Eu e os discursos do Eu sobre o Outro que funcionam como leis de verdade na construção discursiva da nossa subjetividade. Neste sentido, a mídia pode funcionar como esse Outro, apresentando-nos discursivamente as leis de verdade que demarcarão os limites de nossa identidade. Por exemplo, o que a mídia diz sobre os países do Oriente Médio pode servir de referencial na criação de uma identidade do Brasil a qual, ao representá-lo como um país pacífico, o diferencia dos beligerantes Iraque, Líbano, Israel, Palestina e outros.

Ainda, a mídia pode dar voz aos discursos do Outro, dos outros povos, sobre nós, como, por exemplo, quando leva ao ar entrevistas com estrangeiros que pensam que o nosso futebol é o mais habilidoso de todos. Na Alemanha, quando um jogador alemão demonstra alguma habilidade no trato com a bola, é logo apelidado de *deutsch brasilianisch* (alemão brasileiro).

Mas a mídia também pode nos apresentar os discursos sobre o Outro com quem nos defrontamos no processo de produção da nossa própria identidade. Nas transmissões de jogos internacionais isso fica muito evidente, sobretudo quando é a seleção brasileira que está em campo. Os locutores e comentaristas das rádios e das redes de televisão do Brasil, já nos comentários preliminares, levantam uma série de diferenças que, obviamente, distinguem a equipe brasileira de seu adversário, de modo a afirmar a nossa superioridade.

Antes de encerrarmos este capítulo, é fundamental estabelecer em qual conceito de identidade ou de subjetividade vamos nos apoiar para desenvolver esta pesquisa. Como este trabalho filia-se à AD francesa, nos embasaremos principalmente no conceito de subjetividade produzido por Michel Foucault. Foucault (1995) pensou a questão dos processos de subjetivação como o efeito da atuação do poder e do saber, dois elementos que, no e pelo discurso, governam as ações dos sujeitos, ligando-os a uma identidade. Empregamos o conceito foucaultiano de subjetividade nesta pesquisa para mostrar que, no e pelo discurso, a crônica futebolística da *Folha de S. Paulo* exerce um poder e veicula um saber que constroem a identidade do futebol brasileiro e a identidade nacional brasileira durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998.

2. FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

Seja graças ao discurso do Estado ou ao discurso da mídia, as modalidades esportivas têm a capacidade de atuar como elementos essenciais na construção da identidade de uma nação.

No mundo pós-moderno e globalizado, em que o sinal difusor do rádio ou da televisão chega às pessoas com muito mais velocidade do que chega um livro de História, por exemplo, os esportes, ou melhor, a transmissão de um evento esportivo conduzida pelos discursos do narrador, dos comentaristas e dos repórteres são um lugar de constituição de identidades, um lugar onde podemos conhecer as características de um grupo social. Seguindo esta lógica, quando falamos nos Estados Unidos, por exemplo, podemos pensar, ainda mais se formos afeitos ao esporte, no basquete e no beisebol. Este também serve para identificar Cuba. Da mesma forma, as artes marciais, que há muito tempo estão presentes nas Olimpíadas, nos remetem à imagem de países orientais, como o Japão, a China e a Coreia. Os esportes podem servir para construir a identidade de um povo não apenas aos olhos do Outro, mas também aos seus próprios olhos. Isto é, os esportes, entre tantos outros elementos culturais, podem mostrar a uma nação os limites de sua própria cultura, de seu modo de vida, determinando uma identidade.

Tudo depende de como as práticas discursivas, sejam elas empreendidas por ações do Estado – por meio das leis, da escola, da propaganda governamental etc. – ou por ações da mídia, se apropriam dos esportes, pois os processos de identificação são construídos no e pelo discurso, que possui a capacidade de conduzir a conduta dos sujeitos, prendendo-os a uma identidade. Se o Estado financia propagandas cujos discursos incentivam a prática

esportiva e elevam o esporte à condição de orgulho nacional, transformando os atletas de destaque em ídolos nacionais, contribui para a construção de uma identidade nacional permeada pelo esporte. Resultado semelhante produz uma emissora de televisão que, ao exibir só e amplamente notícias e documentários esportivos sobre um determinado país, vincula a imagem desse país ao esporte e, destarte, constrói, para esse país e aos olhos dos telespectadores, uma identidade nacional marcada pela atividade esportiva.

Depende, também, da circulação, da importância e da valorização que os discursos do e sobre as modalidades esportivas – capazes de atribuir subjetividades, como já frisamos – adquirem no corpo social.

Com o futebol, não é diferente. Não é à toa que alguém que mal sabe onde fica a Alemanha pode, após assistir a um jogo entre Alemanha e Brasil, sair por aí dizendo que os alemães em geral são duros, viris e extremamente obstinados. É isso que os locutores esportivos dizem dos atletas alemães. Mobilizando estereótipos, a mídia esportiva nos induz a concluir isso sobre esse povo alemão. Assim como nos permite também odiar o povo argentino, só porque os jogadores argentinos são malandros, cheios de si e os nossos rivais mais difíceis, já que jogam um futebol muito parecido com o nosso.

Convém destacar que os exemplos do parágrafo acima são estereótipos produzidos pela mídia. Amossy & Pierrot (1997) definem estereótipos como construção de subjetividades homogêneas, classificatórias, preconcebidas e generalizantes a cerca de um grupo social. Realizada no e pelo discurso, a construção de estereótipos baseia-se em certos traços culturais que, em alguns casos, são representativos desse grupo; em outros casos, são observados somente em alguns de seus integrantes; e, em outros casos ainda, têm muito pouco ou nada a ver com o grupo estereotipado. Por exemplo: os portugueses não formam um grupo de ignorantes, como propõem as inúmeras piadas depreciativas das quais são vítimas no Brasil. A Escola de Sagres, o poeta Luís Vaz de Camões, o escritor José Saramago, entre

outros elementos e personagens notáveis da cultura portuguesa, são provas da fecunda intelectualidade lusitana.

Amossy & Pierrot (1997) destacam, ainda, o papel da mídia na construção e na exibição de estereótipos, recorrentes em anedotas e charges, principalmente. Nesse processo, o discurso midiático superpõe-se às memórias social e discursiva, valoriza alguns traços culturais de um determinado grupo social, simplesmente descarta outros traços e compõe para ele uma imagem estável, padronizada e generalizada, que é oferecida aos interlocutores como efeito de realidade, mesmo sendo o estereótipo um construto social e discursivo – logo, uma representação que não encontra correspondência total na história –, e mesmo sendo cindida a composição e a subjetividade dos grupos sociais.

Neste sentido, os estereótipos têm efeito deletério, pois, quando discursos contendo estereótipos são divulgados pela mídia em larga escala, podem macular, ao olhar dos interlocutores do discurso midiático, a imagem de um povo inteiro ao simbolizarem-no por uma ou mais características que, consideradas negativas no interior de um conjunto de valores predominantes numa dada conjuntura sócio-histórica, pertencem à minoria de seus componentes ou sequer existem de fato.

Já dissemos aqui, apoiados em Kuper (1996) e Foer (2004), que o futebol espelha a sociedade em que é praticado. Isso porque o futebol é uma prática que não se dá isolada da sociedade; mas sim no seio dela. Dessa forma, é possível observar nos atores do futebol – jogadores, técnicos, torcedores e dirigentes etc. – as mesmas tensões, as mesmas incoerências, as mesmas características, valores e discursos do homem comum. Antes de serem jogadores, técnicos, árbitros, eles são sujeitos sociais, são homens e mulheres submetidos às práticas culturais e discursivas existentes nas sociedades em que vivem.

Com base nesta teoria, é possível dar voz à afirmação de que o futebol brasileiro é a cara do Brasil: supostamente, as autoridades judiciais, isto é, os árbitros e

bandeirinhas, são subornáveis com facilidade; os dirigentes são corruptos; as instituições, ou melhor, os clubes, estão falidos; e é só uma minúscula parcela de jogadores que recebe os milhões de reais por ano que a mídia alardeia, uma vez que a grande maioria vive com um salário reduzido.

Ainda a título de exemplificação, o forte discurso religioso que forma a subjetividade do brasileiro comum migra para o futebol e pode ser ouvido nas entrevistas dadas pelos jogadores, que estão sempre creditando os seus gols e as vitórias de seus times ao poder e à graça de Deus.

Por sua vez, Betty Milan (1998), autora de *O país da bola*, um ensaio sobre o futebol jogado à brasileira, afirma que a irreverência e o *ethos* deveras lúdico do jogador brasileiro têm muito a ver com o brincar, um dos aspectos principais de sua criação nas periferias¹⁰. Em outras palavras, os discursos lúdicos e as práticas que incentivam a infância da maioria das crianças suburbanas nos campinhos de terra batida, as acompanham quando estas ingressam no mundo do futebol profissional, deixando transparecer, nos dizeres e na imagem do “trabalhador da bola”, a faceta do moleque “irresponsável” que brinca com a bola, como se estivesse jogando uma pelada com os colegas da rua.

Coisa semelhante ocorre com Itália e Alemanha, dois países onde o futebol também é um meio de afirmação nacional. De acordo com Milan (1998), os italianos jogam muito fechados na defesa, como se preparam para a guerra; e os alemães, com o planejamento e a sistematicidade pelas quais ficou famosa sua engenharia. Isto é, os discursos sobre preparação bélica e os discursos sobre os modos de produção de máquinas – discursos que circulam num âmbito social de macro-proporções – vão para o futebol e participam da construção discursiva das identidades de italianos e alemães, respectivamente, ao

¹⁰ Neste ponto, é necessário ressaltar que a realidade das crianças das periferias brasileiras, de onde surge a grande maioria dos jogadores habilidosos do país, tem se tornado cada vez menos lúdica, por causa da desigualdade social e violência crescentes, sobretudo, nas favelas. Esse estado de coisas tem afastado as crianças do brincar e as transformado em vítimas da desestruturação familiar e da fome ou escravas do tráfico de drogas.

prescreverem certas condutas técnicas e táticas para jogadores e treinadores, caracterizando estilos de jogo.

Num outro exemplo, os discursos socialistas, que defendem a igualdade e a participação coletiva, podem funcionar, sendo reformulados interdiscursivamente, como “matéria prima discursiva” na elaboração de uma tática que preconiza a união e o esforço de todos os jogadores, inclusive dos craques do time, em todos os setores do campo – defesa, meio de campo e ataque –, tanto nos lances ofensivos quanto na marcação. De acordo com Gabeira (1998, Ilustrada, p. 6), numa crônica publicada na *Folha de S. Paulo*:

[...] o sonho de uma equipe homogênea, em que ninguém se destaque, todos sejam intercambiáveis, é um sonho que os comunistas também acalentaram no esporte, como uma decorrência de sua visão política. (GABEIRA, 1998, Ilustrada, p. 6).

Destarte, embalados pela ideologia comunista do Estado, os clubes e as seleções de futebol das repúblicas soviéticas, tais como o Estrela Vermelha (Belgrado, antiga Iugoslávia), o Dínamo (Kiev, Ucrânia) e o Lokomotiv (Moscou, Rússia), primavam por esse estilo totalmente coletivo, no qual mesmo os astros, que costumam dispor da regalia de não precisar se dedicar o tempo todo à marcação, esforçavam-se tanto quanto seus colegas menos talentosos.

Os discursos que qualificam o futebol brasileiro como alegre, cheio de ginga e criatividade, por exemplo, ao contrário do que se pode ser levado a concluir, não tiveram início no interior da prática futebolística ou da mídia especializada. Conforme conta Bellos (2003), esses discursos surgiram com uma espécie de Determinismo às avessas, desenvolvido pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre no início do século XX, e exposto em sua obra clássica, *Casa grande e senzala*. Para Freyre, a mistura racial de que o Brasil fora palco durante a colonização, sofrendo notadamente a influência africana dos escravos, conferiu aos jogadores brasileiros um jeito de jogar futebol baseado na ginga da capoeira, no bailado

serpenteante do samba, na malandragem dos morros e na alegria da molecada suburbana. Embora esse estilo, exatamente como fora idealizado e praticado entre os anos 50 e 70, já não se repita há um certo tempo, é até hoje a marca registrada da nossa nacionalidade futebolística, diferenciando-nos das demais seleções e fazendo-nos aparecer imbatíveis. Essa maneira peculiar de jogar futebol é pautada essencialmente pela habilidade individual prodigiosa, que ofusca as táticas de equipe. Dribles e fintas têm preferência no lugar de disputas físicas e passes de longa distância. É o famigerado futebol-arte – chamado de *beautiful game* (jogo bonito) pelos ingleses –, que faz dos brasileiros tanto esportistas quanto artistas.

O discurso que veicula essa imagem do brasileiro como um povo alegre e cordial surgiu antes das teorias de Gilberto Freyre. O discurso que funda essa faceta da identidade nacional brasileira irrompeu na época do descobrimento do Brasil, em 1500, quando Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral mencionou, na famosa carta enviada ao rei de Portugal, D. Manuel, a alegria, a cordialidade, a receptividade e também a indisciplina dos indígenas, os primeiros habitantes desta terra “em que se plantando tudo dá”.

E como apontamos anteriormente, o movimento contrário, ou seja, do futebol para a sociedade, também ocorre, desde que o futebol seja representativo na cultura do país em que é praticado. O discurso sociológico que enaltece a mistura racial, empregado para constituir a identidade do futebol do Brasil, ao encontrar respaldo no desempenho artístico e vitorioso dos times nacionais e, principalmente, do selecionado nacional, o maior representante do futebol de uma nação, passou a ser empregado pelo discurso oficial do Estado Novo de Getúlio Vargas, nos anos 1930 e 40, para atribuir uma identidade exclusiva e vitoriosa à nação e ao povo brasileiros. O Brasil ainda era uma república jovem, à procura de uma cara própria e que, de quebra, se coadunasse com a ideologia patriótica e otimista da era

Vargas, para servir aos interesses políticos e econômicos do ditador. Nesse caso, o futebol, que os brasileiros jogavam tão distinta e belamente, caiu como uma luva.

Vale destacar também, nesse processo, o papel da imprensa esportiva da época, cujo discurso adaptou as teorias de Freyre, popularizando a idéia de que havia um estilo brasileiro próprio, união orgulhosa das características únicas da constituição racial do país. Esse estilo brasileiro que veio pelo futebol é, até hoje, uma base interdiscursiva que fortalece a imagem do povo brasileiro como alegre e criativo, que, com muito jogo de cintura e sempre no improviso, encontra um jeitinho para solucionar ou escapar das mazelas que afligem sua sociedade.

É assim, com esses discursos, que o futebol brasileiro representa o Brasil aos olhos do seu povo e aos olhos do Outro. É o Brasil carnaval, da cerveja e das mulatas.

É possível perceber esse processo de construção identitária do Brasil via futebol quando um estrangeiro refere-se ao nosso país. Vejamos, por exemplo, o depoimento do zagueiro europeu Hans Hansen, que joga com dois brasileiros nas distantes Ilhas Faroe (norte da Escócia): “é bom contar com brasileiros no time porque eles possuem um toque de mais qualidade e melhor técnica. (...) Quando você pensa no Brasil você pensa em samba, alegria e dança. Isso é muito bom para nós” (Bellos, 2003, p. 19-20). Publicado no mesmo livro, o depoimento do empresário de jogadores Fábio Menezes, que fala de um outro lugar discursivo, corrobora as palavras de Hansen:

É mais fácil colocar um jogador brasileiro num time do que qualquer outra nacionalidade. (...) Existe uma mania mundial pelos brasileiros. É triste dizer, mas é muito mais fácil vender um jogador ruim brasileiro do que um craque mexicano. Os brasileiros passam uma imagem de alegria, festa, carnaval. É muito sedutor ter um brasileiro no seu time. (BELLOS, 2003, p. 27).

Para a mesma direção caminha um comentário feito por Gilberto Freyre (1974), que diz que os brasileiros jogam futebol como se fosse uma dança e a ela tentam tudo reduzir, seja jogo ou trabalho.

Os acontecimentos históricos, culturais e discursivos que irrompem no futebol, podem mudar a cara de uma sociedade inteira. No começo da década de 1920, quando o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, selecionou jogadores negros para atuar em sua equipe de futebol, provocou uma mudança radical e racial nas bases tradicionais da sociedade brasileira da época. Nos gramados onde ocorriam os jogos dos campeonatos importantes, os negros puderam mostrar toda a habilidade individual de que eram providos e, com isso, foram adicionando as nuances artísticas que caracterizam o futebol brasileiro como ele é conhecido até hoje. Digamos que foram os negros e os mulatos que colocaram o adjetivo “*beautiful*” (bonito) na frente do substantivo “*game*” (jogo), ou melhor, foram eles que juntaram os substantivos “futebol” e “arte”. Além disso, ganharam uma visibilidade social muito grande, pois já naquela época o futebol era o esporte mais popular do Brasil.

O futebol passou, então, a ser um meio de ascensão econômica e social e de afirmação racial para esses jogadores que, apesar de suas qualidades, ficavam, até então, relegados às ligas suburbanas, vítimas do preconceito promovido pelas elites brancas que dominavam política e economicamente o cenário social no Brasil.

Essa mudança lançada pelos diretores do Vasco – todos portugueses, curiosamente membros de um outro grupo social discriminado até hoje por nós – também agregou os indispensáveis matizes negro e mulato à paleta de cores da identidade nacional brasileira. Novamente convém destacar a importância da imprensa esportiva. As práticas discursivas dos jornalistas esportivos da época tiveram papel fundamental, corroborando essas mudanças todas, as quais foram mantidas graças também a condições sócio-históricas favoráveis, sendo a principal delas as performances vitoriosas dos negros no esporte.

No entanto, se por um lado a inclusão do negro brasileiro no futebol garantiu-lhe a possibilidade de ascensão social e econômica, por outro lado só fez intensificar a discriminação da raça, que, desde então, tem ficado conhecida pela aptidão às atividades esportivas, em detrimento dos setores mais privilegiados da economia e das áreas acadêmicas, geralmente ocupados pelos brancos.

Fenômeno semelhante acontece nos Estados Unidos, onde cerca de 80% dos jogadores da NBA (*National Basketball Association*), a liga profissional norte-americana de basquete, são negros.

Entre as crônicas do nosso *corpus*, encontramos discursos que desaprovam a euforia e o otimismo com que se enxerga a “chance de ouro” – transformada em prática de isolamento e discriminação – do negro brasileiro no futebol. Trazemos, como exemplo, este trecho de uma crônica da escritora e jornalista Marilene Felinto publicada na *Folha de S. Paulo* às vésperas da final da Copa da França:

Não é bem o tipo físico dos homens da seleção que a TV Globo estampa nas suas novelas de horário nobre, por exemplo. Não é nenhum Ronaldinho dentuço, nenhum Roberto Carlos atarracado, nenhum beijudo como César Sampaio ou Aldair que a Globo escolhe para astro das novelas ou âncora de seus telejornais. Não é bem esse tipo físico –da maioria dos brasileiros– que a mídia escolhe para apresentar em fotografias, em anúncios reluzentes de revistas que vendem produtos. Mas como é Copa do Mundo, a hipocrisia da classe média resolve arrotar louvores à nossa mestiçagem, dizer que neguinho é lindo, que pretinho isso e aquilo. (FELINTO, 1998, Esporte, p. 4).

Na passagem acima, o discurso, ou melhor, o contra-discurso de Felinto ataca práticas supostamente hipócritas da Rede Globo, a maior emissora brasileira de televisão, e da mídia brasileira em geral, que só dá destaque a mulatos e negros quando o assunto é futebol. Nas novelas e anúncios, predominam os modelos brancos, muito embora o tipo físico da maioria dos brasileiros seja o do “Ronaldinho dentuço”, do “Roberto Carlos atarracado” e do “beijudo como César Sampaio”.

É necessário deixar claro que o futebol não é nenhuma unanimidade no Brasil. Existe um litígio, uma resistência, materializada por contra-discursos, à importância exacerbada que muitos brasileiros dão a essa modalidade esportiva.

Aliás, no nosso *corpus*, marcadamente nas crônicas publicadas durante a Copa do Mundo de 1998, figuram exemplos desses contra-discursos, que marcaram presença constante no caderno de esportes da *Folha de S. Paulo* daquele período. Alguns deles, sugerindo uma certa nocividade na identificação ampla do Brasil com o futebol, criticam a postura de brasileiros que desperdiçam com o “esporte bretão” toda a atenção, a preocupação e a agitação que deveriam dedicar aos assuntos econômicos e políticos de uma nação com graves problemas – fome, desemprego, violência etc. –, escândalos de corrupção e impunidade. Como exemplo, temos um excerto de uma crônica de Clóvis Rossi, membro do conselho editorial da *Folha de S. Paulo*:

Ninguém ficará lá muito surpreso se a economia desandar, vitimada pelos famosos déficits externo e fiscal. Para não mencionar o absurdo déficit social, o maior e mais obscuro de todos.
Mas, no futebol, se a seleção fracassar, aí sim o mundo inteiro ficará abismado.
(ROSSI, 1998, Esporte, p. 6).

Os discursos que sustentam os valores nobres do futebol e das outras modalidades esportivas – vontade de vencer, superação, determinação e espírito de grupo –, comumente empregado pelos treinadores para aumentar a auto-estima de seus atletas, mobilizando-os em busca de vitórias, podem ser aproveitados nas mais diversas situações da vida cotidiana, como, por exemplo, numa dinâmica de grupo de um processo seletivo de uma empresa ou numa palestra para professores. Talvez seja por isso, essa afluência que os discursos do e sobre o futebol manifestam em direção à sociedade, que tantos treinadores e ex-atletas ganham a vida coordenando e apresentando *workshops* motivacionais. Esses

mesmos discursos também podem ser aproveitados numa propaganda governamental¹¹, para controlar a subjetividade do maior número possível cidadãos e, assim, “melhorar” a identidade nacional, que, caso tenha efeito essa estratégia de condução de condutas (poder), pode passar a incorporar os valores nobres das modalidades esportivas.

Em contrapartida, uma derrota no futebol pode abalar grande parte da nação, principalmente, quando se dá de maneira completamente inesperada. Em 1950, o Brasil fez a final da Copa do Mundo contra o Uruguai, no Rio de Janeiro, no estádio Mário Filho, o Maracanã, construído especialmente para aquela competição. Na véspera do jogo, a imprensa e o povo brasileiros já tratavam seus jogadores como campeões. Ninguém imaginava que fosse possível tirar a taça das mãos do Brasil. Mas quem venceu, de fato, foi o Uruguai, por dois gols a um.

Os milhões de torcedores brasileiros foram aos prantos pela perda de uma oportunidade histórica. Se a seleção brasileira tivesse ganhado, não iria apenas consagrar o futebol-arte, mas encheria de esperanças uma parcela vultosa da população do Brasil, que estaria ingressando de vez na onda do desenvolvimento social e econômico, rumo ao Primeiro Mundo, como propunha o discurso oficial da época.

Mas o Brasil perdeu. A derrota para o Uruguai soava como uma maldição que impedia o deslanche brasileiro. Era como se cada torcedor tivesse sofrido o pior revés de sua vida.

O cronista esportivo e dramaturgo Néelson Rodrigues cunhou a expressão “complexo de vira lata”, da qual logo se apropriou o discurso da mídia, não apenas para registrar o sentimento de derrotismo que aquele desastre futebolístico causou a um bom pedaço do orgulho nacional, mas também para justificar os fracassos do Brasil no campo do desenvolvimentismo.

¹¹ A esse respeito, cf. POLONIO, M. Discurso político e publicidade no governo Lula: a construção da identidade nacional. *Estudos Lingüísticos*. São Carlos, n.º 35; p. 1453-62, 2006. Disponível em:

Novamente, um acontecimento e uma expressão lingüística que emergiram a partir do âmbito futebolístico serviram para, discursivamente, construir a identidade de uma nação inteira, e não apenas da parcela ligada diretamente ao esporte.

Quem sabe o desafeto que muito brasileiros têm em relação aos argentinos não tenha surgido do futebol em primeira instância? Afinal, a quase todos os brasileiros, mesmo os que nunca tiveram qualquer contato com um argentino, é oferecida a idéia de que brasileiro não deve gostar de argentino.

Como se pode ver, o futebol tem tudo a ver com a identidade nacional brasileira. Para Bellos (2003), jornalista inglês que escreveu um livro cujo título é bastante sugestivo em se tratando do binômio futebol-identidade brasileira – *Futebol. O Brasil em campo* –, o esporte bretão é o maior signo da identidade cultural do Brasil – muito embora exista um contra-senso a essa afirmação, como dissemos e exemplificamos há pouco.

O futebol ultrapassa as barreiras lingüísticas de sua terminologia e lança seus sintagmas e expressões para a língua, falada cotidianamente, do presidente ao operário e à dona de casa, como mostra o excerto abaixo, extraído de Milan (1998, p. 18):

Sentindo-se querido ou cobiçado, o brasileiro garante que o outro lhe “deu bola”. Tendo enganado o opositor, vangloria-se com o verbo “driblar”. Tendo se enganado, confessa que “pisou na bola”. Se excluído da atividade ou grupo, está “fora da jogada”. Se em dificuldade, mas com intenção de vencer, “vai derrubar a barreira” e então clama por “bola pra frente”. Caso, no entanto, abra mão da luta, anuncia que “tira o time de campo”. Ameaça aposentar-se “pendurando as chuteiras”, seja homem ou mulher, presidente da República ou cantora de sucesso. (MILAN, 1998, p. 18).

Com base nessas citações, é possível concluir que o futebol é parte integrante da identidade nacional brasileira, de modo que qualquer coisa que se enuncie favoravelmente ao nosso futebol já é uma forma de construir discursivamente a identidade do Brasil. Em outras palavras, o futebol é um entre tantos elementos da nossa cultura que marcam a

identidade nacional brasileira. Principalmente durante uma Copa do Mundo. Segundo Fernández (1974, p. 49), “durante uma Copa do Mundo, o futebol, que sempre se expressou como afirmação de grupo – tanto um bairro quanto um grupo social podia tomar a forma de um clube –, passou a ser um meio de afirmação nacional”. Esse movimento de afirmação nacional que se desenrola por ocasião da Copa é verificado com mais intensidade no Brasil, pois, ainda conforme Fernández (1974), para os brasileiros, a Copa do Mundo tem um sabor mais especial do que para os outros povos, já que é nela que o Brasil se reconhece como potência capaz de derrotar as superpotências políticas que subjagam o país no campo econômico.

Durante a Copa, o discurso da mídia, materializado na cobertura jornalística do evento, em propagandas e músicas (o samba, principalmente), no intuito de atender aos seus objetivos, aumenta o apelo da massa em torno dos símbolos nacionais (a bandeira verde e amarela e a camisa da seleção, por exemplo) e fomenta um enorme sentimento de pertencimento nacional. Por exemplo: por meio de enunciados como “Pra torcer pelo Brasil”, “Produto oficial da seleção brasileira de futebol” e “A cerveja de quem torce pela nossa seleção”, entre outros, o discurso da propaganda de alimentos determina quais são os produtos – bebidas, salgadinhos, pipocas, chocolates etc. – e as marcas que devemos consumir para integrar a torcida brasileira e adquirir essa subjetividade nacional e nacionalista insuflada, principalmente, durante a Copa do Mundo.

A passagem desse sentimento futebolístico, em larga medida forjado pela mídia, para a identidade nacional, pode ser notado, lingüisticamente, nos versos de Miguel Gustavo, que em 1970 cantavam: “90 milhões em ação / Pra frente Brasil, / Do meu coração / Todos juntos vamos / Pra frente Brasil, / Salve a Seleção”.

Nesse momento, para os que são levados por essa onda nacionalista agitada pelo futebol, apagam-se as mazelas socioeconômicas do país e as desventuras particulares de

cada cidadão. Pretende-se que vários milhões de brasileiros estejam reunidos em torno de uma única causa: a conquista da Copa, uma metáfora da conquista do mundo via futebol. Basta olhar a continuação da música: “De repente é aquela corrente pra frente / Parece que todo o Brasil deu a mão”. Também via futebol, nossos heróis não são navegadores, generais ou soldados, mas sim os jogadores, heróis das batalhas que são as partidas de uma Copa do Mundo.

Assim como o Estado cria a nação (Hobsbawn, 1991), o futebol, quando trabalhado por um aparelho de subjetivação coletiva (Guattari, 1994) poderoso e de longo alcance como a mídia, também desenvolve essa capacidade.

A relação entre o mais importante torneio de seleções internacionais e o Brasil também não passa despercebida a Bellos (2003, p. 57): “o Brasil mede sua história recente pelas Copas do Mundo, já que é durante as copas que mais se identifica como nação”.

É também durante a Copa que torcedores do Corinthians, Palmeiras, Flamengo, Fluminense, Cruzeiro, Atlético Mineiro, Grêmio, Internacional e tantos outros clubes deixam de lado a rivalidade entre seus clubes para torcer por um time só: a seleção brasileira, a equipe de futebol que melhor representa a nossa pátria, a nossa maneira de ser, a nossa subjetividade, transformada em uma identidade nacional homogênea, uma vez que, no nosso imaginário cultural, a seleção está inscrita como a equipe que congrega as características principais da brasilidade, como a criatividade, ginga, alegria e molecagem, enfim, o futebol-arte. Sendo assim, os caminhos trilhados pela nossa seleção, os espaços ocupados pelo nosso futebol, são caminhos e espaços em que se inscreve o Brasil, em que nos inscrevemos. Novamente, esse aspecto da cultura brasileira perpassa a língua, orientando a produção de discursos. Vejamos, por exemplo, os versos de Maugeri, Müller, Sobrinho e Dagô: “A taça do mundo é nossa / Com brasileiro não há quem possa”; e não com a seleção brasileira não há quem possa, ou com o futebol do Brasil não quem possa. A mesma reescritura de sentidos entre “Brasil”,

“seleção brasileira” e “brasileiro” pode ser notada nos versos do *Pra frente Brasil* escritos anteriormente. Parafraseando o antropólogo Roberto DaMatta (1993), o futebol, assim como o samba e a malandragem, é um dos elementos culturais que fazem do Brasil Brasil.

Chegamos ao fim deste capítulo, mas não poderíamos concluí-lo sem antes destacar mais uma vez a resistência à identidade nacional brasileira marcada intensivamente pelo futebol.

É importante acrescentar que essa identificação toda entre o Brasil e o futebol pode receber uma certa rejeição dependendo do lugar em que é produzida. O presidente Luís Inácio Lula da Silva, por exemplo, é sempre muito questionado pela mídia brasileira – e também por uma certa parcela da população – por fazer uso de metáforas futebolísticas em seus discursos. Ou seja, discursos que associam a identidade nacional brasileira ao futebol não são bem recebidos quando se originam do lugar de presidente da República Federativa do Brasil. Dele, o dirigente de uma nação de Terceiro Mundo carregada de problemas sociais, espera-se discursos sobre desenvolvimento econômico e bem-estar social, entre outros. O discurso da mídia brasileira combate a representação do Brasil no cenário político como sendo permeada pelo aspecto lúdico, pelo descompromisso e pela falta de seriedade atribuídos, por determinadas orientações ideológicas, ao futebol.

Além de indicar de que há um contra-senso a respeito do papel exercido pelo futebol na sociedade e na cultura do Brasil, esse tipo de interdição ocorre, porque, consoante Foucault (1996), o discurso está submetido a uma certa ordem. As formações discursivas construídas a partir de condições sócio-históricas – ideologias, teorias, conjunto de valores e jogos de imagens existentes na sociedade, num dado momento da história –, estabelecem um regime de regras, prescrevendo limites de dizer (enunciados possíveis e interditos), aos sujeitos que ocupam os lugares de enunciação, de modo que não se pode dizer tudo. No exemplo do parágrafo acima, Lula não pode e não deve fazer empregar o jargão do futebol em

seu discurso, da mesma forma que um padre, por exemplo, não pode e não deve proferir discursos racistas, pois a ideologia católica preza pela igualdade entre as raças e pela salvação universal¹².

Tendo já apresentado a justificativa e os objetivos desta pesquisa, bem como as reflexões teóricas sobre as quais a desenvolvemos e a relação intrínseca entre o futebol e a identidade nacional brasileira, focalizaremos nosso objeto de análise, isto é, um conjunto de crônicas futebolísticas impressas publicadas por ocasião das Copas do Mundo de 1994 e 1998. Antes, no entanto, explicaremos como foi coletado e organizado esse material e apontaremos, no interior da teoria que ampara esta pesquisa, a perspectiva metodológica empregada na leitura desse arquivo de crônicas.

¹² A palavra “católica” vem do Latim “catholicus”, que significa “universal”.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE ARQUIVO

Criado no âmbito da História, o conceito de arquivo veio contemplar o método proposto pela Nova História, uma tendência dissidente da História tradicional e sucessora da Escola dos *Annales*, formada por um grupo de historiadores que já no final dos anos 1920 trouxe grandes modificações para o saber histórico ao “fazer falar as coisas mudas” (Febvre, 1953, p. 428), isto é, ao considerar como objeto de estudo não apenas os textos escritos, como era feito tradicionalmente, mas também tudo o que fosse marca humana, tudo o que exprimisse o homem e o servisse, que demonstrasse sua presença, sua atividade, sua subjetividade.

Pelo paradigma tradicional, o saber histórico coadunava-se com o poder político do Estado e Igreja, visando repelir as ameaças de uma revolução e atender aos interesses das classes dominantes. Baseado na crença de verdade dos registros escritos oficiais, os únicos até então examinados, e buscando apresentar os fatos como eles aconteceram realmente, o modelo positivista de narrativa histórica justapunha os acontecimentos em uma seqüência, dividida em longos períodos de duração, e tratava de atribuir, para esses acontecimentos, fatores que pudessem justificar logicamente sua causa, seu sentido. Buscava-se uma explicação fundadora para o movimento às vezes sereno, às vezes revoltado da humanidade no passar dos anos, dos séculos, das Idades. Era o velho sonho do historiador positivista de reconstituir o passado com neutralidade e objetividade – sonho que parecia possível graças, por exemplo, ao efeito de realidade produzido por recursos semióticos e lingüísticos, tais como o fac-símile de um decreto emitido pelo rei ou um excerto, reportado em forma de discurso direto, de uma arenga proferida por um grande ditador.

Segundo Foucault (2000), a História tradicional apaga a dispersão, os acidentes e a descontinuidade, concentrando-se exclusivamente nos grandes acontecimentos e em seus realizadores, todos grandes homens – estadistas e generais, por exemplo –, que assumiam o lugar de sujeitos soberanos, senhores de si e, de certa forma, dos demais sujeitos também, sendo alguns deles atores com papéis secundários na trama da história, e outros, meros espectadores provenientes das classes dominadas e das minorias, cujas vozes, proezas e tormentos eram sufocados pelas grossas e pesadas páginas de uma história vista de cima.

Propondo-se o trabalho de quebrar com o paradigma tradicional/positivista, notáveis historiadores, como Bloch, Burke, Certeau, Le Goff, entre outros, fundaram, na década de 1960, a Nova História. De acordo com Burke (1991), era preciso solucionar o dilema entre historiadores e sociólogos e construir uma narrativa capaz de conjugar dialeticamente os acontecimentos com as estruturas socioeconômicas e culturais – as instituições e os valores nelas apregoados, os jogos de poder, os aspectos culturais etc. Para tanto, seria preciso, por um lado, investigar em que medida as estruturas são determinantes sobre os sujeitos históricos na irrupção dos acontecimentos, pois os aspectos culturais, por exemplo, prescrevem modos de pensar e viver por meio dos quais os sujeitos interpretam o que aconteceu em sua época. Em contrapartida, verificar se os acontecimentos provocaram mudanças nas estruturas, afinal a relação entre eles é dialógica.

Neste sentido, não se trata mais de decifrar o passado, categorizando-o em períodos, épocas e nações. Pelo contrário: a finalidade da História torna-se, consoante Foucault (2000), analisar as transformações das quais as sociedades são efetivamente capazes. As noções de tempo e passado devem ser substituídas pelas noções de mudança e acontecimento. Neste ponto, é necessário fazer uma interrupção e escrever algumas linhas sobre o conceito de acontecimento.

O acontecimento deve ser pensado como aquilo que é “novo”, uma ruptura, que surge graças à uma mudança e que provoca mudanças. Embora fuja à regularidade, o acontecimento não pode ser, para Pêcheux (1988), concebido como um “aerólito miraculoso”, ocorrendo independentemente das redes de memória, mesmo quando as desloca e as modifica.

Tentando ilustrar, com tintas futebolísticas, a noção de acontecimento, é como se ele fosse um gol de goleiro ou Pelé no banco de reservas. O acontecimento “sacode”, “bagunça” um pouco as redes de memórias e instaura algo novo, como é possível notar por esses exemplos, uma vez que nenhuma pessoa em sã consciência deixaria o Rei do futebol de fora de uma partida, assim como é muito difícil imaginar e raro assistir a um goleiro, sempre tão distante das jogadas ofensivas de seu time, marcando um gol. Foucault (2000) propõe que o acontecimento seja tomado no momento de sua emergência.

Filiando-se à História, a AD francesa transpôs o conceito de acontecimento para criar a idéia de acontecimento discursivo. De acordo com Foucault (2000), o acontecimento discursivo é marcado pela realização de um enunciado em um dado momento e pode tanto ser conseqüência de um acontecimento histórico, quanto produzi-lo. Quantas reportagens, crônicas e propagandas não eclodiriam caso o Rei do futebol ficasse no banco? E quantas não surgiram quando Rogério Ceni, atual goleiro do São Paulo Futebol Clube, começou a marcar seus gols em cobranças de falta e pênalti? Por um lado, um acontecimento histórico como a Revolução Francesa, em 1798, faz emergir uma série de enunciados, caracterizados como acontecimentos discursivos, que materializam na língua os sentidos da história – malgrado o acontecimento discursivo também possa dar novos rumos às mudanças trazidas pelo acontecimento e estimular, dessa forma, novos acontecimentos. Por outro lado, uma revolução pode ser causada por um acontecimento discursivo, como, por exemplo, um discurso fundamentalista proferido por um grande líder.

Acontecimento histórico e acontecimento discursivo relacionam-se em um jogo dialógico. O trabalho tanto do historiador como do analista de discurso é conjugar os dois tipos de acontecimento, pois, segundo Guilhaumou & Maldidier (1994), é olhando para o entrecruzamento de enunciados em um dado momento que se pode apreender o acontecimento.

Entretanto, o acontecimento, histórico ou discursivo, não é marcado apenas pelo seu ineditismo ou pela irrupção de um fato ou discurso monumental. Foucault (2000) e Pêcheux (1988) esclarecem que o acontecimento discursivo – o que mais nos interessa aqui – é constituído pelo aparecimento de um enunciado, pela realização de alguma coisa que não existia antes. Ou seja, caracteriza um acontecimento discursivo qualquer retomada de memória, qualquer recuperação de um já-dito que faz irromperem enunciados, os quais, em larga medida, constituem discursos.

Voltando a falar das proposições inovadoras introduzidas pela Nova História, o novo modelo de narrativa deve prescindir da continuidade temporal em favor das categorias negadas pela História tradicional (descontinuidade, dispersão e acidentes) e tratar de temas diversificados, como, por exemplo, a história das mentalidades coletivas ou a história da loucura. Deve-se dar espaço aos acontecimentos do cotidiano e das classes desprivilegiadas, cujos atores são sujeitos “comuns” – servidores públicos, operários, trabalhadores informais, mendigos etc. –, em oposição aos grandes homens da história. O historiador não pode mais se limitar a ler uma pequena quantidade de registros oficiais, proveniente de regimes restritos de produção e circulação. A partir do novo paradigma, é preciso estabelecer um certo número de relações manipulando e tratando uma série ampla de documentos, com o intuito de fazer emergir acontecimentos que, de outra forma, não teriam aparecido – acontecimentos que, subjacentes aos acontecimentos visíveis, são imperceptíveis, invisíveis, mas igualmente

determinantes na história do mundo. Cabe ao historiador “descobrir esse estrato de acontecimentos difusos” (Foucault, 2000, p. 292).

Enfim, a Nova História instaura e defende uma história serial, vista de baixo, que, ainda segundo Burke (1991), deve ser narrada também “de baixo”, ou seja, a partir de vários pontos de vista, coletivos e individuais. Não se deve prezar mais por uma verdade única e absoluta, uma espécie de metáfora de longo alcance. O historiador é destituído do lugar de arauto da objetividade, e colocado na posição de um sujeito que, no interior de uma instituição e, destarte, condicionado a práticas discursivas, jogos de poder e aos documentos que tem em mãos, ocupa uma posição não-neutra, de onde reconstrói o passado como um simulacro de realidade.

No fulgor das teorias, abordagens e métodos engendrados pela Nova História, o conceito de arquivo, bastante importante, foi criado para atender ao amplo propósito da história serial: inserir os documentos, matérias-primas da pesquisa histórica, em uma série e permitir, assim, o estabelecimento de relações desses documentos com outros, produzidos em momentos históricos diferentes, a partir de fontes e processos variados. Dessa forma, arquivo é o lugar de apreensão de documentos diversificados, conforme o tema ou o acontecimento adotado para estudo. Com base no conceito de arquivo, também é possível pôr em prática o método arqueológico de Foucault, de atingir o acontecimento no instante de seu aparecimento, uma vez que o acontecimento é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam numa conjuntura histórica dada.

A discussão acerca da noção de arquivo movimentou a crítica ao documento e ao monumento. Não foi à toa que a palavra “documento” já apareceu algumas vezes até então neste texto. Antes de discutirmos mais a fundo a noção de arquivo, central neste trabalho, faremos observações sobre os conceitos de documento e monumento.

3.1. Documento e monumento ou documento/monumento?

À memória coletiva e à História aplicam-se dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. De acordo com Le Goff (1992), o monumento é um sinal do passado, é tudo aquilo que perpetua a recordação, como, por exemplo, atos escritos. Mesmo assim, desde a Antigüidade romana, tende-se a especializar o monumento nos sentidos de: a) obra comemorativa de arquitetura ou de escultura, tal como o Arco do Triunfo, na França; b) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa. O documento, por sua vez, é todo registro, principalmente, escrito do passado – registro que pode ser representativo da memória coletiva de grupos sociais e/ou etnias, isto é, do conjunto de objetos materiais e discursivos comuns que formam a identidade desses grupos e etnias, a imagem que têm de si próprios.

No paradigma tradicional, os documentos triunfaram sobre os monumentos por dois motivos. Por um lado, se reconhecia nestes uma certa intencionalidade advinda de quem o edificou; por outro lado, os documentos eram tidos como objetivos, inócuos e primários. Para o espírito positivista que pairava sobre a História – e sobre as Ciências em geral –, o documento, sobretudo o oficial, consistia em uma prova histórica indelével.

Nos anos 1920, a Escola dos *Annales* trouxe uma contribuição fundamental a uma nova interpretação do conceito de documento ao: a) criticar o positivismo dos historiadores, que, passivos, deixavam escapar à sua análise as causas humanas responsáveis pela presença ou ausência de documentos; b) ampliar essa noção, passando-a de puramente texto a signos, paisagens, telhas, fósseis, enfim, qualquer marca humana. Para Bloch (1949), seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico correspondesse um tipo único

de documentos. É preciso considerar, na pesquisa histórica, regimes múltiplos de produção e circulação documentais.

O polêmico trabalho dos *Annales* abriu caminho para os teóricos da Nova História na crítica radical ao documento. Primeiramente, graças à criação do computador foi possível registrar e agrupar uma quantidade imensa de documentos, dos mais variados tipos – escritos, ilustrados, transmitidos pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira –, o que estimulou o interesse dos historiadores por todos os homens, por acontecimentos e temas diversificados (história vista de baixo), entre os quais alguns já foram mencionados aqui. A revolução tecnológica conduziu a uma revolução da consciência histórica. A intervenção do computador transformou em dados os documentos e, sob uma abordagem quantitativa da pesquisa histórica, inseriu-os em uma série que os precede e os segue, dentro da qual mantêm relação, possibilitando, assim, a passagem de uma história linear para uma história serial, descontínua. Para dar conta de reunir essa grande quantidade de documentos e, ao mesmo tempo, atender as aspirações da história serial foi formulada a noção de arquivo tal qual já a definimos anteriormente.

Em segundo lugar, a Nova História considerou o documento não mais como inócuo e sim como “uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu [...] o documento é o signo da identidade da sociedade que o produziu” (Le Goff, 1992, p. 547). Qualquer documento pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo. Por ser, semelhantemente à concepção tradicional de monumento, produto e instrumento das forças que detinham o poder no momento de sua produção, o documento passou a ser denominado documento/monumento.

Difundida no seio da Nova História e responsável pela alteração profunda no conceito de documento, a nova consciência histórica que citamos há pouco provocou também uma reconfiguração no trabalho do historiador. Dadas as diversas variáveis constitutivas do

documento/monumento, o historiador deve não apenas concentrar-se em ler seu conteúdo, mas também em desmontá-lo, demolir sua construção, a fim de analisar suas condições de produção. A análise das condições em que foram produzidos os documentos pode pôr em prática o método de Burke (1991): de averiguar o papel das estruturas sociais e dos aspectos culturais na irrupção dos acontecimentos. Além disso, se o documento/monumento não é mais prova de boa-fé do fundamento histórico, o historiador não deve se considerar o arauto da verdade histórica. Segundo Le Goff (1992), ao escolher seus documentos, extraindo-os do conjunto dos dados do passado, preferindo-os a outros e atribuindo-lhes um valor de testemunho – práticas condicionadas pelas forças socioculturais constitutivas de sua subjetividade –, o historiador deixa de investir-se da neutralidade almejada pelo Positivismo, capaz de narrar o inatingível real da história.

3.2. De volta ao arquivo

Como já tratamos do conceito de arquivo no interior da Nova História, campo do saber no qual ele foi criado, vamos comentar sua transposição para a AD de linha francesa.

Michel Pêcheux e Michel Foucault, os maiores expoentes da teoria do discurso, são os principais responsáveis pela importação da noção de arquivo para o âmbito dos estudos do discurso. Pêcheux (1994) concorda com os teóricos da Nova História ao afirmar que a construção do arquivo depende de certas condições, tais como o acesso aos documentos e o(s) sujeito(s) que o constrói (constróem), interpelado(s) por formações discursivas e pelos valores da instituição na qual atua(m). Segundo esse filósofo francês, o arquivo deve ser entendido no sentido amplo de campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão.

Filósofo e historiador, Michel Foucault, por sua vez, discutiu o conceito de arquivo principalmente na obra *Arqueologia do saber*, cuja primeira edição data de 1969. Para Foucault (1986), arquivos são sistemas de enunciados cujo aparecimento, acontecimento, deriva de certas condições e regras de formação, as práticas discursivas. “O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (Foucault, 1986, p. 148-150).

No que concerne às noções de arquivo apresentadas aqui, é possível concluir que ambos os filósofos dialogam com as premissas fundantes do conceito, preconizadas genuinamente pela Nova História, no que diz respeito às condições de produção do arquivo, bem como à necessidade de ele ser composto por documentos provenientes de amplos sistemas de produção e circulação.

Mas não são somente nesses dois pontos que a noção de arquivo da Nova História e a noção de arquivo da AD se entrecruzam. Existe mais um ponto de confluência: a memória coletiva.

Já dissemos que os documentos/monumentos, os materiais componentes do arquivo, são representativos da memória coletiva. Desse modo, o arquivo é responsável pela edificação da memória coletiva, que, grosso modo, designa um espaço onde se inscrevem ideologias, crenças e discursos, que, conforme Pêcheux (1999), são a condição essencial de produção e da interpretação de seqüências discursivas, de sentidos. Ao definirem aquilo que é comum e o que diferencia um grupo do outro, os documentos/monumentos – logo, o arquivo – da memória coletiva tornam-se elementos essenciais na construção e reafirmação da identidade.

Ao tomar o arquivo nessa articulação com a memória coletiva, Pêcheux (1994) considera-o objeto de desejo do poder, pois, por meio da construção de arquivos e, conseqüentemente, da memória coletiva, o poder pode atender a seus interesses controlando

os corpos, as almas, enfim, as subjetividades de grupos sociais e/ou povos. Responsável pela manutenção das tradições, dos aspectos culturais, dos acontecimentos que herdamos, a memória, segundo Foucault (1992), é garantida pelo arquivo, que faz com que discursos se modifiquem, que alguns dizeres permaneçam e outros desapareçam. Neste sentido, arquivo e memória podem ser empregados na construção e manipulação de identidades por quem exerce o poder em um dado momento histórico. Por essas considerações foucaultianas é possível observar que o arquivo é uma exterioridade constitutiva do sujeito. Arquivo e memória correlacionam-se ao conceito de identidade/subjetividade, os quais também nos propusemos a discutir.

Convém esclarecer que nem todo documento/monumento é material da memória coletiva, do mesmo jeito que nem todo arquivo o é. Existem diversos tipos de memória coletiva. Na memória coletiva do povo judeu, por exemplo, registra-se uma presença mínima de discursos exaltando o nazismo. Na memória coletiva institucional (oficial) dos Estados Unidos há pouco espaço para as lamúrias dos civis iraquianos atingidos “acidentalmente” por mísseis norte-americanos.

3.3. O arquivo em nossa pesquisa

Falaremos, neste item, sobre o arquivo montado para nossa pesquisa e explicaremos o porquê de sua escolha, apontando as características principais de seus documentos/monumentos.

Tendo em vista que nossa pesquisa visa avaliar o poder da mídia esportiva impressa na construção da identidade nacional brasileira que é construída pelos discursos do e

sobre o futebol brasileiro, é evidente que o conjunto de materiais a serem analisados segundo o viés teórico-metodológico da teoria do discurso será composto de textos que circulam na mídia – entendendo mídia como veículo ou meio de divulgação das ações jornalística e publicitária.

No que diz respeito ao futebol brasileiro e à sua identidade, o impacto da mídia é consoante Bellos (2003), tão retumbante que, apesar de a seleção brasileira não repetir, desde a década de 90, o celebrado futebol-arte da Copa de 70, tal maneira de jogar foi inscrita na memória coletiva que o mundo inteiro atualiza ao pensar, falar e escrever sobre o Brasil e sobre o futebol brasileiro. Malgrado o brilhantismo do futebol verde-e-amarelo tenha surgido no final da década de 50, foi consagrado somente dez anos mais tarde, graças, entre outros fatores, “ao impulso da TV colorida, que imortalizou Pelé e as camisas amarelas sobre o fundo até então preto-e-branco do esporte mundial” (Bellos, 2003, p. 20).

Os textos midiáticos podem ser de quatro tipos: radiodifundidos, televisivos, impressos e eletrônicos. Dada as dificuldades de captura, gravação e impressão verificadas nos textos dos dois primeiros tipos, optaremos por inserir em nosso arquivo os textos verbais do terceiro tipo, isto é, os impressos, especificamente crônicas futebolísticas publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*¹³.

Analogamente classificadas como textos midiáticos impressos, a reportagem e a propaganda não comporão nosso arquivo.

A propaganda também não fará parte do nosso arquivo, porque não foi possível encontrar anúncios publicitários envolvendo o futebol brasileiro publicados durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998. Vale ressaltar que, dessas duas edições da competição, a mais recente foi há mais de oito anos. Portanto, seria muito difícil achar as propagandas em circulação em 1994 e 1998, uma vez que as grandes agências de publicidade, que produzem a

¹³ As crônicas estão em anexo, divididas em anexos A – crônicas publicadas durante a Copa de 1994 – e B – durante a Copa de 1998 – e justapostas, no interior dessa divisão, de acordo com seu dia e mês de publicação.

grande maioria dos comerciais relacionados ao futebol brasileiro em épocas de Copa do Mundo, não costumam permitir o acesso a seus arquivos e *portfolios*.

Nos cadernos esportivos dos jornais ou nas revistas dedicadas ao “esporte das multidões”, as crônicas são gêneros legitimados e institucionalizados para a divulgação de opiniões e discursos sobre futebol – institucionalizados porque os enunciados têm sempre uma existência material¹⁴. A crônica futebolística, aliás, é um lugar de legitimação do discurso do e sobre o futebol.

Falando em crônica como gênero, explicaremos rapidamente por que a crônica futebolística pode ser classificada como gênero do discurso. Para tanto, empregaremos o conceito de gêneros do discurso desenvolvido por Bakhtin, que percebeu a utilização da língua como um processo com variadas, heterogêneas e múltiplas maneiras de realização. De acordo com Bakhtin (1992), o ser humano em quaisquer de suas atividades vai servir-se da língua e a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade, os enunciados lingüísticos se realizarão de maneiras diversas. A estas diferentes formas de incidência dos enunciados, o autor denomina gêneros do discurso, já que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 1992, p. 277). Os gêneros do discurso constituem-se como um meio social de produção e de recepção do discurso

Permeando o conceito de gêneros do discurso, está a questão do “uso”, de modo que o gênero é parte de um repertório de formas disponíveis apropriado a uma determinada atividade humana exercida no movimento de linguagem e comunicação numa dada circunstância sócio-histórica. Desse modo, só existe relacionado à sociedade que o utiliza.

¹⁴ De acordo com Foucault (1986), “o enunciado é sempre apresentado em uma espessura material que lhe é constitutiva: ele precisa ter uma substância, um suporte, um lugar, uma data. O enunciado tem um regime de materialidade repetível” (p.117) que é da ordem da instituição (pertence à literatura, à ciência, ao jurídico etc.).

É importante esclarecer que, quando Bakhtin se refere à estabilidade relativa dos enunciados, está se apoiando sobre um dos pilares de sua semiologia materialista e diacrônica: a não-estabilidade do sistema lingüístico, as alterações de ordem social, cultural e temporal que atravessam a língua. Isto que dizer que todo gênero do discurso deve ser compreendido como algo passível de mudança, aprimoramento ou expansão.

Devido à extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso, resultado da infinidade de relações sociais que se apresentam na vida humana, Bakhtin (1992) divide os gêneros em dois tipos: gênero primário ou simples e gênero secundário ou complexo.

Os gêneros primários emanam das situações de comunicação verbal espontâneas, não-elaboradas. Pela informalidade e espontaneidade, os gêneros primários caracterizam-se pelo uso mais imediato da linguagem – entre dois interlocutores, por exemplo, há uma comunicação imediata. Verifica-se essa imediatização da linguagem nos enunciados da vida cotidiana: na linguagem oral, diálogos com a família, reunião entre amigos etc.

Os gêneros secundários são definidos a partir do meio em que são configurados, e esse meio é normalmente a escrita. Se há meio, logo, há relação indireta com a linguagem, há uma instrumentalização. Dessa forma, o gênero secundário funciona como instrumento, uma forma de uso mais elaborada da linguagem para construir uma ação verbal em situações de comunicação mais complexas e relativamente mais evoluídas: artística, cultural, política.

Os gêneros complexos absorvem e modificam os gêneros primários. “Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (Bakhtin, 1992, p. 281). Para exemplificar essa relação, o autor fala sobre a inserção de um fragmento de conversação do

dia-a-dia quando inseridos num romance. Gênero primário, o fragmento de diálogo desvincula-se da realidade comunicativa imediata ao ser absorvido pela complexidade da ação verbal desenrolada por meio da linguagem sofisticada do romance, pertinente ao registro escrito.

Como para cada tipo da inesgotável atividade humana corresponde um gênero do discurso, torna-se impossível definir quantitativamente os gêneros.

No entanto, é possível diferenciar um gênero do discurso de outro graças à categorização criada por Bakhtin (1992). Para o autor, são três os elementos principais em que devemos nos fundamentar para descobrir o gênero a que pertence determinado enunciado: conteúdo temático, plano composicional e estilo.

O conteúdo temático é(são) o(s) assunto(s) de que trata, o(s) discurso(s) que materializa, o enunciado em questão. Por sua vez, o plano de composição alude à estrutura formal propriamente dita. E o estilo leva em conta questões individuais de seleção e opção: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais.

Feitas essas considerações a respeito da vertente bakhtiniana de gêneros do discurso, podemos considerar a crônica futebolística impressa como um gênero do discurso, porque:

- Corresponde a um dos ramos da atividade humana: o jornalismo esportivo impresso que trabalha com futebol;
- As crônicas futebolísticas são um meio de produção e recepção de discursos do e sobre o futebol. Como já dissemos, aliás, a crônica é um lugar de legitimação desses discursos, uma vez que é um meio oficializado, socialmente valorizado e reconhecido para a divulgação de discursos esportivos. Em outras palavras, um discurso sobre uma partida, um

campeonato, a performance de um jogador etc. passa a ter mais valor, mais autoridade, quando é veiculado no espaço de uma crônica de futebol. Esse tipo de crônica também pode funcionar como um espaço de legitimação do contra-senso, dos contra-discursos do e sobre o futebol, como também evidenciamos anteriormente e como pode ser verificado em várias crônicas do nosso *corpus* escritas pelos membros do conselho editorial e colaboradores da *Folha de S. Paulo* – Clóvis Rossi, Jânio de Freitas e Marilene Felinto, entre outros – e publicadas durante a Copa do Mundo de 1998;

- Como a crônica futebolística impressa é publicada em meios escritos – jornais e revistas –, pode ser classificada como um gênero secundário;
- Apresenta conteúdo temático, plano composicional e estilo peculiares, que a diferenciam de outros tipos de crônicas (a literária e a política, por exemplo) e, inclusive, das crônicas pertencentes à tipologia esportiva (a crônica de tênis e a de golfe, por exemplo), devido, principalmente, ao assunto abordado (conteúdo temático), que, geralmente, é o futebol, e ao estilo: léxico especializado (terminologia do futebol), léxico geral pouco sofisticado, com palavras e expressões do dia-a-dia, e estruturas morfossintáticas simples, marcadas pela predominância de orações coordenadas, ausência de conjunções pouco usuais (todavia, não obstante, porquanto etc.) e emprego de regras gramaticais verificadas frequentemente na linguagem verbal cotidiana, como a preferência por próclises ao invés de ênclises – escolhas feitas com base na heterogeneidade social e intelectual do público-alvo das crônicas de futebol, que costumam ser lidas por integrantes de todas as classes sociais.

Contudo, cabe uma ressalva concernente ao conteúdo temático. Embora o conteúdo temático da crônica futebolística seja o futebol na maior parte das vezes, verificaremos adiante, em fragmentos de diversas crônicas da *Folha* durante a Copa de 1998, o entrecruzamento de discursos do e sobre o futebol com o discurso político e o discurso econômico. Nesses fragmentos, os enunciadores – novamente, os editores e colaboradores do jornal – criticam o governo, a mídia e os torcedores brasileiros que dedicam mais atenção ao futebol do que aos problemas políticos, econômicos e sociais do Brasil. Portanto, a crônica futebolística, além de constituir-se como um espaço de legitimação de discursos e contra-discursos do e sobre o futebol, também pode abrigar diferentes gêneros discursivos, ainda que na minoria dos casos.

Convém acrescentar que o plano composicional não é uma categoria que serve para diferenciar a crônica esportiva dos demais tipos de crônicas, pois, de acordo com o jornal ou a revista em que são publicadas, as crônicas de qualquer tipologia devem atender a uma mesma estrutura formal determinada pelo conselho editorial do suporte.

A legitimação de seu discurso da crônica de futebol advém da legitimação conferida aos cronistas, os sujeitos que assinam as crônicas, seus autores principais, que se responsabilizam judicialmente pelo que enunciam. Estes são, via de regra, jornalistas esportivos, ex-jogadores ou ex-técnicos de futebol. O prestígio conferido aos cronistas formados na “universidade da bola”, isto é, que já trabalharam como atletas ou treinadores em equipes de futebol, provém de sua experiência, afinal ninguém melhor para falar do assunto do que quem o viveu direta e intensamente. Não é à toa que Eduardo Gonçalves, o Tostão, ex-atacante do Esporte Clube Cruzeiro (MG) e da seleção brasileira durante as décadas de 1960 e 70, é considerado pelos jornalistas em geral o melhor e mais “lúcido” cronista brasileiro na atualidade.

Já o que credencia os jornalistas esportivos a declinarem suas ponderações sobre o futebol é, segundo justificam Barbeiro & Rangel (2006), o contato freqüente que têm com a informação. Os jornalistas esportivos têm uma espécie de formação acadêmica no assunto, porque teoricamente dedicam boa parte de seu tempo a estudar e a analisar as modalidades esportivas, bem como suas implicações na sociedade.

O saber futebolístico veiculado pela crônica de futebol enuncia e interpreta a história do esporte, dá destaques positivos e negativos a equipes, jogadores, treinadores e árbitros, enfim, constrói discursivamente subjetividades para os atores do mundo da bola, pois o saber, conforme Foucault (1995), é um dos elementos que, pelo discurso, transforma indivíduos em sujeitos. Nem mesmo os torcedores escapam dos processos de identificação colocados em prática pelo discurso do jornalismo esportivo, tanto o verbal quanto o imagético. Na maioria das vezes em que um repórter esportivo sai às ruas para entrevistar torcedores corinthianos, escolhe jovens negros, vestindo gorro e camiseta de grupos de *rap* e falando gírias da periferia paulistana, como se médicos, advogados e publicitários não fossem adeptos do Corinthians. Já durante a transmissão televisiva de uma partida, quando a câmera filma a torcida do São Paulo, geralmente dá destaque a homens e mulheres brancos e envergando trajes socialmente valorizados, excluindo, assim, os negros e mulatos suburbanos que torcem pela equipe tricolor. Nos dois casos, a mídia esportiva constrói identidades distintas para essas duas torcidas e desses dois times. Tanto devido à edição das entrevistas como às tomadas de câmera na transmissão do jogo, o Corinthians é exibido como o clube da massa, do proletariado, do povão. Por sua vez, o São Paulo é apresentado como a preferência da burguesia, das elites brancas. Rival desses dois clubes, o Palmeiras também não escapa a uma certa representação imaginária. A equipe alviverde é tratada pela mídia esportiva como eterna representante das comunidades de imigrantes italianos que residem na capital paulista.

Mas não é simplesmente o fato de se poder assinalar claramente um posicionamento de orientação ideológica do autor o que levou as crônicas a se tornar documentos de nosso arquivo. Sua relação com um dos temas centrais de nossa pesquisa, a identidade/subjetividade, é o que mais chama atenção.

Orientados pela afirmação de Le Goff (1992), de que o documento, enquanto monumento, sinaliza a imagem que as sociedades têm de si próprias – portanto, sua auto-referência, sua identidade –, não poderíamos deixar de fora de nosso arquivo um tipo de documento/monumento indispensável no processo historiográfico realizado pela mídia, a crônica.

Além disso, pretendemos avaliar não apenas a construção da identidade do futebol brasileiro, mas também como e em que medida essa identidade produzida na mídia norteia os processos de identificação nacional da sociedade brasileira como um todo, pois segundo Bellos (2003), o futebol é o símbolo mais esplendoroso da identidade nacional do Brasil.

Se a crônica de futebol, como dissemos, é reconhecida como um lugar de saber futebolístico, os discursos que ela veicula constituem uma espécie de ciência do futebol, à qual os leitores podem filiar-se para legitimarem seu discurso. Certa vez, ao fazer um comentário sobre uma partida qualquer, o famoso jornalista Roberto Avalone, para dar propriedade ao seu discurso, frisou que, de certa forma, estava parafraseando o cronista Tostão. Destarte, a crônica de futebol preconiza aos seus leitores, entre os quais estão os profissionais do futebol, prescrições que governam seus discursos e, por consequência, suas subjetividades, uma vez que o sujeito se constrói no discurso. Em outras palavras, a crônica esportiva constrói um lugar social de identidade para o brasileiro – e não apenas o boleiro – ocupar. Esse movimento de subjetivação discursiva desempenhado pela crônica futebolística no Brasil pode influir sobre a identidade não só do futebol, mas também da nação.

Desse processo de construção identitária também participam outros tipos de discursos, provenientes de regimes variados e veiculados em outros suportes. Um disco da seleção brasileira feito somente com músicas de samba ou uma toalhinha de papel na bandeja do McDonald's contendo curiosidades do nosso futebol¹⁵, graças ao seu apelo junto ao público, complementam, junto com as crônicas, uma certa orientação das subjetividades futebolística e nacional do Brasil. Concluímos isso apoiados em Foucault (1996), para quem é assim que um discurso forma-se: pela repetição de enunciados formulados a partir das mesmas práticas e formações discursivas e apregoados em diferentes gêneros e suportes. Um discurso médico, por exemplo, não se materializa apenas numa consulta, mas também num congresso de medicina, numa receita, numa bula de remédio etc.

Segundo Foucault (1992), o discurso articula saber e poder. E o que isso tem a ver com o discurso da crônica esportiva que está materializado no arquivo de crônicas que analisamos?

As crônicas, como logradouro do saber futebolístico, são instrumentos do poder da imprensa sobre seus leitores, pois, para o filósofo francês, não existe saber sem poder, nem poder sem saber. Baseando-nos nesse filósofo, já definimos aqui poder como condução de condutas, governo sobre os corpos, as almas, enfim, sobre as subjetividades. O poder – nesse caso, o da imprensa, que visando seus interesses econômicos, almeja transformar os sujeitos em leitores/consumidores de informação –, sustentado por um saber – o futebolístico –, cria, no discurso – espaço em que se manifesta o poder – uma identidade que pode ser consumida pelos sujeitos, uma ilusão de inteireza e totalidade que se apresenta como produto final, completo, sólido e imutável, escondendo as tensões, as práticas e os jogos polissêmicos que o construíram (Coracini, 2004). Vale ressaltar que, em geral, essa identidade

¹⁵ Como a goleada por 13 a 0 do Botafogo sobre o Mangureira ou a influência do candomblé no Campeonato Baiano.

criada pela mídia tem a ver com as verdades com as quais os leitores/consumidores de informação se identificam, isto é, com o que eles querem ler e ouvir.

Neste sentido, a crônica esportiva também é um lugar de prescrição dos procedimentos do autogoverno, isto é, das técnicas de si. E não só para seus leitores comuns, os torcedores, mas também para os atores do futebol. A mídia esportiva, principalmente por meio das crônicas, gênero reconhecido pelos pontos de vista explícitos que enuncia, estabelece tanto com os leitores comuns como quanto com os boleiros profissionais uma relação de governamentalidade, fornecendo-lhes pressupostos e prescrições que, sustentados em formações discursivas e vontades de verdade, e regulados por práticas discursivas, visam a autocondução de suas condutas, criando, fixando ou alterando, destarte, sua(s) identidade(s).

Selecionamos crônicas publicadas durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998. A preferência por essas competições como elementos norteadores do arquivo deve-se ao seu apelo internacional, cuja disputa fomenta a construção identitária do futebol dos países participantes, de seu estilo peculiar de jogo¹⁶, bem como de sua própria representação nacional. A passagem a seguir corrobora nossas afirmações:

Durante uma Copa do Mundo, o futebol, que sempre se expressou como afirmação de grupo – tanto um bairro quanto um grupo social podia tomar a forma de um clube –, passou a ser um meio de afirmação nacional. (FERNÁNDEZ, 1974, p. 49).

É durante as Copas do Mundo que o sentimento de unidade nacional manifesta-se vigorosamente entre toda a população brasileira, independentemente das abismais diferenças sociais e econômicas. Para os brasileiros, afirma a autora de *Futebol – Fenômeno lingüístico* (FERNÁNDEZ, 1974, 244p.), a Copa do Mundo tem um sabor mais especial ainda, porque é nela que o Brasil e, por conseguinte, os brasileiros, se reconhece como

¹⁶ Além dos brasileiros – conhecidos, em grande parte, pelo futebol-arte –, os italianos são geralmente identificados pela marcação forte; os africanos, inversamente, pela irresponsabilidade com a marcação; os ingleses, por lançarem repetidamente a bola para a área adversária; os alemães, pela aplicação quase maquinal aos esquemas táticos; os argentinos, pela garra e pela malandragem; os orientais, pela disposição física.

potência capaz de derrotar as superpotências políticas que subjagam o país no campo econômico. Não é à toa que, como aponta Bellos (2003, p. 57), “o Brasil mede sua história recente pelas Copas do Mundo, já que é durante as copas que mais se identifica como nação”.

Embora os jornais e as revistas tenham guardados os textos midiáticos impressos antigos – no interior dos quais se inscreve a crônica futebolística impressa – em seus acervos particulares, esses suportes não os disponibilizam para leitura, consulta ou análise do leitor comum ou do pesquisador, salvo raríssimas exceções. Apenas a *Folha de S. Paulo* o faz. Em seu site, numa seção chamada Arquivos Folha, o jornal deixa livre para acesso de seus assinantes e dos assinantes do provedor UOL (Universo On-Line), todos os textos jornalísticos publicados desde 1994. Essa é umas das razões pelas quais, retomando o que apontamos anteriormente, nosso arquivo será composto pelas crônicas futebolísticas publicadas na *Folha de S. Paulo* por ocasião das Copas ocorridas em 1994 e 1998. Contudo, a escolha do material a ser analisado justifica-se, principalmente, pelo desejo que temos em analisar a construção discursiva da identidade nacional brasileira durante as Copas supracitadas explorando o conceito de trajeto temático, o qual apresentaremos e discutiremos no item “3.4. O tratamento do arquivo”.

3.3.1. A Copa de 1994

Do ponto de vista do acontecimento, da mudança e da descontinuidade, as categorias metodológicas criadas por Michel Foucault, as Copas de 94 e 98 marcam períodos acidentados no que diz respeito à identidade do futebol brasileiro.

A Copa do Mundo realizada nos Estados Unidos, em 1994, foi palco de um acontecimento por excelência na representação identitária do futebol brasileiro. Às vésperas de uma Copa o que se espera da seleção brasileira é a apresentação de um estilo de jogo que a consagra desde 1958 e que a partir dos anos 1970, graças à força da mídia, inscreveu-se definitivamente na memória coletiva: o futebol-arte, marcado por inúmeras qualidades, tais como talento, habilidade, velocidade, criatividade, improvisação, ginga e dribles, muitos dribles. Em toda copa, a vontade de verdade que acomete a sociedade brasileira é a de que sua seleção jogue de maneira superior às demais equipes.

No entanto, para aquela competição, o técnico Carlos Alberto Parreira armou um esquema predominantemente europeu, caracterizado pela marcação, pela preocupação em não tomar gols e pela aprovação de vitórias por um mísero placar de 1 a 0, sem dar espetáculo. A nova estratégia proposta por Parreira, europeizada, pode ser considerada, dada sua novidade e sua singularidade, um acontecimento histórico no futebol da seleção brasileira. Acenando com os efeitos de sua emergência, esse acontecimento engendrou mudanças, entre elas, uma ruptura na identidade do nosso futebol.

O “novo” futebol brasileiro foi muito mal recebido pela crônica esportiva e pelos torcedores, pois contrariava a vontade de verdade em circulação naquele momento. Ao verem em campo a seleção verde-e-amarela, um dos maiores símbolos da identidade nacional, os brasileiros não reconheciam a si próprios.

Imediatamente começaram a aparecer as notícias em tom de assombro, as crônicas em tom de crítica e o coro da torcida em tom de protesto, enfim, acontecimentos discursivos produzidos por ocasião desse acontecimento – é sobre esses acontecimentos discursivos, surgidos nas duas Copas do Mundo supracitadas e materializados nas crônicas futebolísticas que se debruça nossa pesquisa.

Em entrevista dada ao UOL, na seção de bate-papo virtual (*chat*)¹⁷, no dia 30/9/2005, o comentarista esportivo Juca Kfoury declarou que preferia ver o time do Brasil perder jogando bonito como na Copa de 1982 do que ganhar como na Copa de 94. Betty Milan registra da seguinte forma o sentimento nacional para com a equipe de Parreira:

Quando não é o jogo que conta, mas a vitória a qualquer preço, nós não nos reconhecemos nela. Somos contrários ao futebol em que o técnico determina previamente as jogadas, cerceando a liberdade do jogador. Queremos a invenção e o risco implícito. O sucesso de uma equipe que entra em campo só para não perder pode até ser comemorado – como no tetracampeonato –, porém não nos satisfaz. (MILAN, 1998, p. 81).

Para resolver o dilema da desidentificação do povo brasileiro com a seleção nacional, mas, mais do que isso, atender aos anseios de seus leitores, a imprensa produziu um outro acontecimento discursivo ao segregar, no discurso, a identidade daquela seleção e bipolarizá-la, de maneira maniqueísta, entre dois de seus membros. A identidade de um time de futebol, principalmente de um selecionado nacional, sempre foi pensada coletivamente, já que se trata de um grupo de jogadores oriundos de uma única pátria.

Dessa vez, entretanto, foram postos de um lado, o técnico Parreira, e de outro, Romário. Visto como teimoso e arrogante, Parreira era, segundo a voz da imprensa, que posteriormente interpelou a do torcedor, o culpado pelo jogo feio do Brasil. Com a seleção locupletada de defensores, o atacante Romário, exercia a intrépida resistência em prol da vontade de verdade dos brasileiros ao jogar e representar o futebol que dava de ombros para as rígidas táticas importadas da Europa e impunha-se pelo improviso e pela molecagem, também por causa da sua pequena estatura, que lhe rendera a alcunha de Baixinho.

Não foi à toa que José Simão, cronista da *Folha de S. Paulo*, iniciou sua crônica sobre a conquista do tetracampeonato da seguinte maneira: “Apesar de Parreira e graças a Romário, ganhamos”. Assim, a imprensa conseguiria manter o controle sobre os

¹⁷ Endereço eletrônico: <<http://www.uol.com.br/batepapo>>. Acesso em: 07 abr. 2006.

leitores e continuaria a vender notícias a esses sujeitos ávidos pelo legítimo futebol brasileiro. No entanto, após o Brasil ter faturado o título e se consagrado como o único tetracampeão do mundo, toda a nação fez as pazes com Parreira, o que evidencia a vitória como a condição de produção mais influente de qualquer discurso produzido no espaço futebolístico – um espaço permeado pela mesma ultravalorização do triunfo, marca contundente da ideologia capitalista.

3.3.2. A Copa de 1998

A Copa do Mundo de 1998, sediada na França, também apresenta seus motivos peculiares para figurar em nosso arquivo.

Com o tetracampeonato o Brasil voltava a assumir a hegemonia no esporte bretão. Durante os quatro anos que separaram a Copa dos EUA da França, uma turma de excelentes jogadores brasileiros surgiu.

O treinador, Mário Jorge Zagallo, ainda desagradava, mas dificilmente alguém derrotaria um time formado por Ronaldinho, Rivaldo, Roberto Carlos, Giovani, Cafu e os experientes Taffarel, Aldair, Romário e Bebeto – todos superastros em milionários clubes da Europa. De fato, o talento singular do Brasil predominou sobre seus adversários e o levou mais uma vez à grande final, e como favorito ao título.

Até aí, nada de novo. Das 15 Copas que havia disputado, o Brasil chegava a final pela quinta vez. O adversário era a desprestigiada seleção da França. Embora estivessem jogando com o apoio de sua torcida, não se esperava que os franceses fossem tão longe.

Mas de desprezíveis antagonistas, os azuis, como eram conhecidos os jogadores da seleção francesa, tornaram-se campeões do mundo, derrotando a favoritíssima

seleção brasileira pelo surpreendente placar de 3 a 0. E foi isso mesmo. Numa ensolarada tarde parisiense, no estádio Parque dos Príncipes, nossos craques levaram um “chocolate” dos donos da casa bem no jogo que decidia o título, aquele jogo que jamais imaginávamos perder.

Para grande parte do povo brasileiro, perder numa final de Copa do Mundo é acontecimento deveras traumático. Os revezes no futebol sempre abalam a identidade do Brasil, seja como equipe de futebol seja como nação, principalmente quando as circunstâncias apontam para uma vitória infalível. Foi assim também em 1950, contra o Uruguai, em pleno Maracanã, na então capital Rio de Janeiro. Como já contamos, na época, a expressão “complexo de vira-lata”, cunhada por Nelson Rodrigues, materializou a falta de fibra moral que parecia ter tomado conta do brasileiro não só no esporte, mas também na vida. Não nos contentamos com o segundo lugar. Segundo Bellos (2003), nossas abundantes glórias futebolísticas nunca são suficientes para nós.

Além da derrota, o jogo contra a França foi bastante atípico. Poucos minutos antes da partida, Edmundo, jogador reserva, figurava na lista dos que entrariam em campo para disputar a final. Estranhamente ele havia sido escalado no lugar de Ronaldinho, que nos dois últimos anos (1996 e 1997) fora eleito o melhor jogador do mundo. Como o consenso não deixaria um jogador tão premiado fora de uma final, os jornalistas ficaram em polvorosa. As informações foram chegando conforme se aproximava o horário do jogo. O atacante de 21 anos sofrera uma espécie de ataque epilético e estava sendo examinado numa clínica local. Tudo indicava que ele não iria jogar, mas, quando as seleções finalistas subiam dos vestiários para o gramado, espantosamente lá estava Ronaldinho. A torcida brasileira suspirava espantada, porém aliviada. Talvez naquele momento nem os médicos da seleção brasileira estavam apreensivos quanto à saúde do craque. Como brasileiros, queriam que ele entrasse em campo e, com seus gols, desse ao Brasil o inédito pentacampeonato.

Mas não foi bem assim. Assim como Ronaldo, nossa equipe simplesmente não atuou nada. Armas ofensivas, os laterais Cafu e Roberto Carlos foram anulados por seus marcadores individuais. Vestindo a camisa 10 que já fora de Pelé e Zico, Rivaldo tropeçava nas próprias pernas compridas. Mal pegava na bola, e já vinham dois ou três eficientes zagueiros franceses para marcá-lo. Até o capitão Dunga, conhecido por sua vibração, exibia um semblante embotado. Enfim, foi uma seqüência de acontecimentos que desembocaram no grande acontecimento: a derrota.

Como justificar a perda de uma oportunidade histórica, e depois de um revés humilhante sofrido pela melhor seleção do mundo? Novamente a imprensa explorou discursivamente uma faceta individual da identidade do nosso futebol. A saída foi culpar a epilepsia de Ronaldo. Tal qual Parreira em 1994, o Fenômeno foi o bode expiatório da vez, com a diferença de que não pode contar com uma vitória para melhorar sua imagem. Esse acontecimento discursivo produzido pela mídia¹⁸ e divulgado entre as massas, acionou a memória coletiva sobre a Copa de 50, quando apontaram um pequeno acidente sofrido pelo jogador brasileiro Augusto como causador da derrota – o que evidencia a afirmação de Pêcheux (1999) de que o acontecimento não é um “aerólito miraculoso” e, como tal, não ocorre desfilado de redes de memória e dos trajetos sociais.

Mas enunciados acusando Ronaldinho não foram os únicos a aparecer. Imaginou-se de tudo, até a hipótese de que a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), num esquema envolvendo Ronaldinho, que simulara uma enfermidade neurológica misteriosa, a FIFA (Federação Internacional de Futebol *Association*) e a federação francesa de futebol, havia “agendado” o pentacampeonato para a próxima copa, em 2002. Como parte do conluio, a seleção brasileira teria de entregar o jogo para os franceses.

¹⁸ O caso Ronaldinho vazou das páginas do caderno esportivo e apareceu, de forma parafrástica, em piadas de programas humorísticos, metáforas para explicar a situação política do país, entre outros gêneros do discurso.

3.4. O tratamento do arquivo

Feitas as devidas observações sobre os documentos/monumentos que iremos analisar, é hora de mostrar como leremos esse arquivo, que métodos e teorias empregaremos para extrair dele os dados de que precisamos.

Vamos nos embasar na noção-conceito de trajeto temático, desenvolvido por Jacques Guilhaumou e Denise Maldidier. Demonstrando em que medida a AD pode encontrar contribuições na História, os dois analistas franceses do discurso apresentaram, num artigo chamado “Efeitos do arquivo. A Análise do Discurso no lado da História” (Guilhaumou; Maldidier, 1994, 163-183p.), os resultados de um estudo em que perseguiram o tema subsistência, “a maior questão social da França do século XVIII” (p. 164). Para tanto, investigaram como foi preenchido o sintagma nominal “pão e x”, em que “x” é o espaço de preenchimento, em uma série ampla, logo, um arquivo, de discursos políticos, divulgados durante os diversos acontecimentos irrompidos ao longo dos anos que cercaram a Revolução Francesa. Dessa forma, reconstruíram a história da subsistência às vésperas da Revolução Francesa por meio de análises discursivas de documentos/monumentos, mostrando que não é só a AD que tem a ganhar com a História, mas que esta também pode se beneficiar dos conceitos do discurso, pois ele materializa na língua os sentidos da história.

O conceito de trajeto temático surgiu no fim dos anos 1980, quando a AD passava por mudanças peremptórias nos seus quadros conceitual e epistemológico, movimento que Guilhaumou (2005), num artigo intitulado “Os historiadores do discurso e a noção-conceito de formação discursiva: narrativa de uma transvaliação imanente” (Guilhaumou, 2005, p. 107-115.), chama de transvaliação ou transvalidação emancipatória.

Segundo ele, no início da década de 80, os historiadores do discurso, uma categoria de pesquisadores então recém-surgida no âmbito da AD, passam a criticar o uso da noção-conceito de formação discursiva tal como Michel Pêcheux a tinha concebido, com base no materialismo histórico de Marx – grosso modo, aquilo que pode e deve ser dito, um exterior discursivo homogêneo que, correspondendo a uma certa formação ideológica, determina o dizer de discursos X, Y, Z.

O que também contribuiu, de forma decisiva, para a crítica da noção marxista de formação discursiva foram os estudos de Jean-Jacques Courtine sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos, que mostraram que uma formação discursiva é heterogênea a ela mesma. Com os resultados das pesquisas de Courtine, Pêcheux pôde ver que uma formação discursiva já não deveria mais ser tomada como idêntica a ela mesma. Foi a partir desse deslocamento, que o filósofo francês criou a expressão “deslocalização tendencial do sujeito enunciador”, para denominar o movimento do sujeito enunciador no horizonte de posições enunciativas possíveis no interior da materialidade dos textos.

O foco das análises de discursos recaí, então, sobre a materialidade própria dos textos, o que fez com que a noção de formação discursiva, perspectiva apontada por Guilhaumou (2005, p. 112), caísse em desuso:

A dimensão teórica da análise de discurso se investe de construções abstratas vindas de materiais empíricos – na ocorrência dos elementos da língua empírica – coletadas com base em um espírito de pesquisa junto aos atores históricos. Ela se articula, portanto, mais facilmente com uma história das *práticas languageiras*, evitando, assim, a taxionomia *a priori* dos discursos X, Y, Z, que seriam a mesma coisa que formações discursivas. (GUILHAUMOU, 2005, p. 112).

Soma-se a isso a aproximação entre Michel Pêcheux e os estudos de Foucault, sobretudo, no que diz respeito à noção de arquivo, a qual já expusemos anteriormente. Esse “encontro de Michéis” – expressão empregada por Gregolin (2004) para designar a aproximação teórico-metodológica entre Pêcheux e Foucault – que se deu no campo dos

estudos do discurso marca bem o momento em que essa noção, a de formação discursiva, desaparece do campo da reflexão dos analistas do discurso sempre tão preocupados com a materialidade discursiva. De acordo com Guilhaumou (2005), tendo formado o grupo de pesquisa “Análise de discurso e leitura de arquivo”, em 1982, Pêcheux pretendia estudar uma nova operação de leitura, a leitura de arquivos, retornando à concepção de arquivo para Foucault, que se torna singularmente valorizada.

No interior dessa conjuntura e ao encontro das novas perspectivas teóricas dos estudos do discurso, Jacques Guilhaumou e Denise Maldidier desenvolveram a noção de trajeto temático, que “abre um leque interpretativo na configuração dos recursos vindos da materialidade própria dos enunciados” (Guilhaumou, 2005, p. 111-12). Com essa nova noção-método é possível colocar em evidência efeitos de sentidos recuperáveis na análise de um momento do *corpus*.

De fato, não era apenas a aproximação entre Pêcheux e Foucault, mas também o encontro da História com a AD francesa que promove a criação do conceito de trajeto temático. Já que a AD passava a se importar com uma extensa massa de textos, com regimes de produção e circulação variados – notadamente um gesto instaurado primeiramente entre os pesquisadores filiados à Nova História –, era preciso encontrar um método de leitura desse arquivo pelo qual fosse possível realizar uma descrição empírica da materialidade da língua no interior da discursividade do arquivo e apreender os efeitos de sentido no momento de sua irrupção. E a noção-método de trajeto temático servia muito bem a essa finalidade. Essa preocupação que os analistas do discurso importaram da História tem a ver com um outro conceito também advindo desse ramo das Ciências Humanas e trazido por Foucault para o interior dos estudos da AD e, posteriormente, estudado também por Pêcheux (cf. Pêcheux, 1988): o de acontecimento, que, como acontecimento histórico ou como acontecimento

discursivo, pode ser apreendido, no momento de sua emergência, mediante a análise serial de enunciados, tal como propõe Foucault (2000).

De acordo com Guilhaumou & Maldidier (1994), a metodologia com base no conceito de trajeto temático requer a escolha de um tema, que norteará a definição de um conjunto de configurações textuais, ou seja, uma palavra ou expressão, cuja repetição será analisada em um arquivo, a fim de se verificar de que novos sentidos essa palavra ou expressão foi locupletada e em que condições sócio-históricas.

Posto que nossa pesquisa trata da construção identidade nacional brasileira pelos discursos do e sobre o futebol brasileiro, o tema adotado será a nossa questão de pesquisa: como a identidade nacional brasileira se reescreve nos e pelos discursos do e sobre o futebol.

O conjunto de configurações textuais a ser perseguido na série de crônicas do nosso arquivo será formado, obviamente, por sintagmas relacionados a esse tema, tais como “futebol brasileiro”, “seleção brasileira”, “seleção”, “Brasil” etc. Verificaremos como eles são preenchidos, isto é, a que outros sintagmas e expressões se ligarão, que adjetivos os predicarão, que modalizadores os transformarão e/ou renovarão os sentidos no discurso. Dessa forma, poderemos também reconstruir pela/na linguagem os caminhos dos acontecimentos descritos nos subitens anteriores – referentes às Copa do Mundo de 1994 e 1998 – e investigar sua participação na produção desses sentidos.

Falando em acontecimentos, não podemos prescindir de mais uma orientação metodológica de Foucault (2000). Se a História é serial, e suas principais categorias são a mudança e o acontecimento, o estrato de acontecimentos invisíveis, que foram excluídos pelas crônicas, também devem ser levados em consideração, pois são eles que determinam os acontecimentos, digamos, maiores, como os que descrevemos no capítulo anterior.

No que diz respeito à Copa de 1994, por exemplo, não basta olhar apenas para a maneira “feia” como atuou a seleção brasileira ou destacar as estratégias que o técnico Carlos Alberto Parreira importou da Europa. Devemos avaliar também a pressão da CBF e dos torcedores sobre o treinador para que o Brasil vencesse, pois já havia 24 anos que o melhor futebol do mundo não faturava nada de importante. Além disso, politicamente o status de campeão no futebol coadunava-se de maneira oportuna com a imagem de um país que parecia estar preparado para se estabelecer como potência econômica graças a um plano monetário que equipara o valor da moeda brasileira ao dólar. Esses são acontecimentos que, mesmo tendo passado silenciados pela mídia, podem ter levado Parreira a adotar uma tática menos espetacular, porém mais eficiente.

Com relação à Copa de 1998, até hoje, aqui no Brasil, a superioridade dos franceses é contestada como argumento. O fato de que a maioria do time jogava em superclubes europeus foi simplesmente posto de lado, do mesmo modo como foi escamoteado o êxito tático do técnico Aimé Jacquet sobre Zagallo. Bellos (2003) tem razão ao afirmar que “o Brasil está sempre jogando contra si mesmo, contra seus próprios demônios” (p. 56). O oponente é irrelevante. Também não se falou muito das desavenças entre os jogadores brasileiros durante o tempo de preparação, e o grupo de 98 estava em pleno litígio – fato que pode ter se refletido no modo desencontrado como a seleção brasileira atuou na final contra a França.

4. A MATERIALIDADE DOS ACONTECIMENTOS

A partir de agora passaremos a apresentar os resultados da nossa análise sobre a construção discursiva da identidade nacional brasileira realizada pela crônica futebolística do jornal *Folha de S. Paulo* durante as Copas do Mundo de 1994, sediada nos Estados Unidos, e 1998, sediada na França.

Vale lembrar que as crônicas constitutivas do nosso *corpus* de pesquisa estão em anexo, divididas em anexos A – crônicas publicadas durante a Copa de 1994 – e B – durante a Copa de 1998 – e justapostas, no interior dessa divisão, de acordo com seu dia e mês de publicação.

Ao longo deste quarto capítulo, ilustraremos os resultados da análise com excertos de várias das crônicas analisadas.

Para abordar separada e especificamente esse processo de construção identitária em consonância com os eventos em que ele se dá, subdividiremos este capítulo em duas grandes partes, sendo que cada uma delas tratará de uma das edições supracitadas da Copa do Mundo.

4.1. A Copa do Mundo de 1994

Antes de apresentarmos como se materializou, no e pelo discurso da crônica futebolística analisada, a identidade do Brasil durante a 15ª edição da Copa, realizada nos

Estados Unidos, vamos fazer uma pequena introdução, narrando um pequeno panorama com alguns dos acontecimentos mais marcantes daquela competição.

4.1.1. Uma pequena introdução

17 de julho de 1994, Roberto Baggio ajeita a bola sobre a marca do pênalti no estádio *Rose Bowl*, em *Los Angeles*, na final da Copa do Mundo. A Itália, que já perdeu dois pênaltis, com Baresi e Massaro, não pode desperdiçar mais nenhuma cobrança. Caso falhe, a seleção brasileira se tornará tetracampeã mundial, a primeira na história do futebol. Exausto, o camisa 10 da seleção italiana observa a movimentação de Taffarel sobre a linha do gol. Pretende mandar a bola no canto oposto ao que o goleiro brasileiro escolherá. E consegue. Goleiro de um lado, bola do outro... só que para fora, para muito longe do gol.

Brasil tetracampeão! “É tetra, é tetra, é tetra”, grita Galvão Bueno, abraçado a Pelé, na cabine de transmissão da Globo, montada na tribuna de imprensa do *Rose Bowl*. Na comemoração da torcida brasileira, uma mistura de compaixão, reconhecimento, veneração e, sobretudo, alegria. Compaixão ao ver o esgotamento físico dos nossos guerreiros em verde e amarelo, que lutaram por mais de 120 angustiantes minutos sob o sol escaldante do verão da Califórnia. Reconhecimento ao treinador Carlos Alberto Parreira e ao seu assistente, Mário Jorge Zagallo, que triunfaram a despeito de suas estratégias defensivas e das inúmeras críticas de que foram alvos. Veneração ao atacante Romário, artilheiro do Brasil e, disparado, o melhor jogador da competição, premiado com o troféu Chuteira de Ouro. Alegria com um título que não comemorávamos desde a Copa de 70, quando Pelé, Tostão, Jairzinho, Gérson e Rivelino deram verdadeiras “aulas de futebol” nos gramados mexicanos. Depois de 24 anos,

ostentávamos, mais uma vez, uma imagem vitoriosa, a imagem de campeões. Éramos, de novo, os melhores do mundo.

No entanto, essa imagem vitoriosa conferida à seleção brasileira e ao Brasil, embora se apresente como inteira, estável e definitiva, esconde, sob a opacidade da materialidade do discurso, as lutas discursivas travadas no interior da crônica esportiva brasileira antes e, principalmente, durante a Copa de 1994 – lutas que movimentaram, com base em jogos de saber e de poder, a construção discursiva da identidade do futebol brasileiro e, por conseguinte, da identidade nacional brasileira.

4.1.2. A Copa das seleções brasileiras

Pela nossa análise, pode-se dividir o processo de construção identitária empreendido pelo discurso da crônica futebolística em três momentos: a) como a seleção brasileira deve ser; b) como a seleção brasileira poderia e deveria ser, mas não estava sendo; c) como a seleção brasileira deveria ter sido, não foi, mas ainda pode voltar a ser.

4.1.2.1. Como a seleção brasileira deve ser

Às vésperas de uma Copa do Mundo sempre é aguardado um show de bola e de gols da seleção brasileira. Em 94, não foi diferente, principalmente aos olhos de um europeu, como o ex-jogador holandês Johan Cruyff, para o qual o Brasil sempre será o melhor

do mundo no futebol, sobretudo por causa de seu “ataque mortal”, outra característica da identidade do futebol brasileiro. É o que podemos ver no excerto abaixo, extraído de uma de suas crônicas:

- (1) [...] neste Campeonato do Mundo a seleção brasileira pode e deve lutar pelo título, porque possui todos os ingredientes para fazê-lo.
A equipe possui uma boa defesa, um meio-campo técnico e um ataque mortal.
O Brasil foi de menos a mais. (CRUYFF, J. Brasil tem tudo para ser campeão, 9 jun. 1994, p. 6).

Pelo título da crônica de Cruyff – *Brasil tem tudo para ser campeão* –, o favoritismo do Brasil estava em alta, aliás, sempre esteve, mesmo se ainda pairavam dúvidas sobre o desempenho da seleção, como está no seguinte trecho:

- (2) Favorita eterna ao título mundial, a seleção brasileira chega à Copa do Mundo cercada por expectativa e dúvidas [...] A expectativa vem do ataque. Poucas vezes um jogador concentrou tanta responsabilidade em torno de si quanto Romário. (FONTETENELLE, A. Time brasileiro ainda não convenceu a todos, 16 jun. 1994, p. 5).

Neste primeiro momento da análise, também é característica a invocação de uma memória discursiva composta, conforme Courtine (1999), por enunciados prontos para serem reinscritos em “novas” formulações. Essa memória consagra as qualidades do nosso futebol, como a criatividade, a ofensividade e a enorme quantidade de craques. Como exemplo, trouxemos uma passagem em que o enunciador, para afirmar o pertencimento do futebol brasileiro às peculiaridades que os distingue, de maneira vitoriosa, dos demais, remonta às outras Copas do Mundo das quais saímos ou campeões de fato ou campeões morais, como em 1982:

- (3) Porque talento e criatividade não nos faltam. Principalmente no futebol [...] Torço para que a criatividade dos nossos jogadores seja muito mais ousada que qualquer esquema tático a ser adotado pela seleção.
- Para cada inovação surge uma estratégia que tenta anular a criação. Mas a criatividade está sempre à frente, na vanguarda, por isso é inovadora e, as táticas são esboçadas, para que os médios e os medíocres possam bloquear os criadores [...] O Brasil, além de tricampeão, foi em duas outras Copas a melhor seleção: em 1950, na inauguração do Maracanã, e em 1982, na ainda recente campanha na Espanha. Portanto, das onze Copas realizadas após a guerra, fomos os melhores em cinco delas: levamos três. Com futebol maravilhoso, que a todos deslumbrou. E não imitadores, e muito menos defensivos. Esse fortíssimo retrospecto nos coloca na posição de autêntica vanguarda do futebol. Que deve ser conduzida com a ousadia de quem acredita. De quem tem craques. (OHTAKE, R. Criatividade faz do Brasil a vanguarda do futebol, 16 jun. 1994, p. 12).

Em (3), especificamente no trecho “as táticas são esboçadas, para que os médios e os medíocres possam bloquear os criadores”, marca presença um discurso repudiando o emprego de estratégias e táticas severas, uma das características principais do futebol de resultados, praticado amiúde pelas seleções europeias. Filiar-se a esse discurso foi a estratégia que o enunciador encontrou para desqualificar as outras seleções e afirmar, já no interior de outro discurso, as qualidades não só da equipe brasileira, mas também dos brasileiros, haja vista os enunciados iniciais – “Porque talento e criatividade não nos faltam. Principalmente no futebol” –, em que o pronome oblíquo “nos”, por meio da irrupção de um enunciador coletivo, engloba os brasileiros em sua totalidade, inclusive o próprio enunciador, e não apenas a seleção de futebol do Brasil.

Essa estratégia discursiva empregada pelo enunciador tem muito a ver com o que dissemos, embasados em Hall (2001), sobre o papel do Outro na construção da identidade do Eu, pois, apresentar as características do Outro foi uma forma distinguir e apresentar nossas qualidades, construindo, desse modo, uma identidade para nós. As palavras “criatividade” e “talento” caracterizam essa identidade nacional que é construída, no discurso, por meio do futebol.

Ainda em (3), a diferenciação, feita no e pelo discurso de Ohtake, entre o estilo descontraído da seleção brasileira e o taticamente disciplinado das seleções europeias participantes daquela Copa do Mundo, apresenta rastros de uma memória colonial que, formada por discursos sobre a indisciplina atribuída pelo europeu ao brasileiro, coloca em pólos divergentes o Brasil e a Europa, dois dos maiores protagonistas do processo de colonização das Américas, iniciado no século XV com as expansões ultramarinas.

Como vimos, nesta primeira parte da análise, os sintagmas que percorremos durante a nossa leitura, tais como “Brasil”, “seleção brasileira” e “futebol brasileiro”, apresentam-se preenchidos pelas marcas de talento, criatividade, alegria, ofensividade e favoritismo. É a retomada de um discurso, digamos, tradicional sobre a seleção brasileira – e sobre o Brasil também –, que, por meio da construção discursiva de uma subjetividade homogênea, exalta as qualidades de uma certa brasilidade, valorizando a identidade nacional aos olhos dos brasileiros e dos leitores de outras nacionalidades.

É importante dizer que há o exercício de uma relação de poder entre a imprensa escrita – neste caso, representada pela *Folha de S. Paulo* – e a torcida brasileira: para controlar a subjetividade dos torcedores, transformando-os torcedores leitores/consumidores de informações e comentários esportivos, e também para atender, assim, aos interesses econômicos do jornal, a crônica futebolística manifesta, em seu discurso, um saber que se identifica com o que os torcedores brasileiros querem ler, com o que acreditam, com a imagem que fazem de sua seleção: que ela é a melhor do mundo. E isso faz os torcedores sentirem-se ocupando o lugar de melhores do mundo também. Esse saber manifestado pela crônica esportiva corresponde a uma incessante nossa vontade de verdade que se alastra pelo Brasil em épocas de Copa e constroem uma determinada subjetividade para os brasileiros: como temos o melhor futebol do mundo, somos os melhores do mundo. Segundo Foucault (1995), poder e saber são elementos que transformam em sujeitos, os indivíduos.

4.1.2.2. Como a seleção brasileira poderia e deveria ser, mas não estava sendo

No dia 20/7/1994, o Brasil estreou na Copa vencendo a Rússia por 2 a 0. O segundo jogo, no dia 24, foi contra Camarões. 3 a 0 para o Brasil. Duas vitórias relativamente boas, mas que ainda não convenciam a torcida e a crônica quanto ao desempenho da seleção brasileira. Dada a fragilidade dos adversários, o time poderia ter feito muito mais gols nessas duas partidas, mas não o fez porque, dizia-se satisfeito com os resultados, e resolveu conter o ímpeto ofensivo. Mesmo assim, ainda havia a esperança de que o Brasil voltasse a ser o Brasil¹⁹. Até que, no último jogo da primeira fase, a seleção brasileira empatou com a inexpressiva Suécia e, contra a fraquíssima seleção dos Estados Unidos, venceu por um mísero 1 a 0, comportando-se muito defensivamente, como se os EUA fossem uma equipe que se deveria temer.

Como dissemos anteriormente, não é com esse estilo de jogo que os torcedores brasileiros se identificam, porque se satisfazer apenas com o resultado não tem nada a ver com eles, porque os jogadores brasileiros são capazes de muito mais, afinal são os melhores do mundo. É por isso que, neste segundo momento da análise, verificamos que a seleção brasileira não estava sendo o que seu futebol, o que a brasilidade, capacitava-lhe a ser.

O discurso em prol de um futebol legitimamente brasileiro passa a se manifestar com veemência. Neste sentido, o retorno à memória do futebol-arte da seleção brasileira se faz presente para reafirmar e, mais do que isso, defender a identidade que nos

¹⁹ Essa frase, aliás, demonstra que existe uma imagem fundadora sobre o país como o país do melhor do futebol.

torna vitoriosos, acenando com a esperança de uma melhora nas atuações da seleção. É o que se pode verificar na passagem a seguir:

- (4) Um futebol como o nosso não pode jogar para empate. Temos, talvez, o melhor elenco dos 24 presentes nesta Copa. Acredito nele. (SANTANA, T. Copa dos EUA será melhor que a da Itália, 17 jun. 1994, p. 3).

O primeiro enunciado de (4), que diz que um futebol como o nosso não pode jogar pelo empate, mostra que não podemos ser representados por um futebol que não é o nosso, o futebol de resultados.

E falando em futebol de resultados ou futebol burocrático, as críticas a essa maneira de jogar futebol, materializada na seleção de 1994 pelas estratégias defensivas implantadas pelo treinador da seleção, Carlos Alberto Parreira, e seu assistente, Mario Jorge Zagallo, também se tornam uma regularidade da discursividade das crônicas analisadas:

- (5) Nosso time não está aqui para brilhar. Mais que isso: esconjura o brilho, o show, o espetáculo. Tem plena consciência de suas limitações e nítida visão de seu objetivo: quer simplesmente ganhar a Copa, modestamente, opacamente, burocraticamente, não importa. E é o que está fazendo até agora: gol indevassado e cinco bolas nas redes russas e camaronesas. [...] Acabou a festa, pois Romário vai lá e tira a diferença. (HELENA JÚNIOR, A. Suécia só deu alegria ao Brasil, 28 jun. 1994, p. 5).

Enunciados como esse dialogam em tom de corroboração com outros que surgiram posteriormente e continuam a aparecer, principalmente em épocas de Copa do Mundo. Como exemplo, vamos retomar o que diz, por exemplo, Betty Milan em 1998, ano da 16ª edição da Copa, realizada na França:

Quando não é o jogo que conta, mas a vitória a qualquer preço, nós não nos reconhecemos nela. Somos contrários ao futebol em que o técnico determina previamente as jogadas, cerceando a liberdade do jogador. Queremos a invenção e o risco implícito. O sucesso de uma equipe que entra em campo só para não perder pode até ser comemorado – como no tetracampeonato –, porém não nos satisfaz. (MILAN, 1998, p. 81).

O emprego do pronome pessoal “nós” marca a presença de uma voz de um saber antropológico que define o que é e o que não é próprio da cultura brasileira, construindo um lugar de identidade cultural para o Brasil e seu futebol. O país e o povo não podem ser representados por um futebol retranqueiro, que não é o seu, que nada tem a ver com as características da sua cultura. Neste sentido, Milan (1998) faz referência ao tetracampeonato como exemplo de futebol pelo qual não nos reconhecemos.

O pronome pessoal “nós”, definindo o espectro da identidade cultural do Brasil via futebol, também se faz presente nas crônicas analisadas, fazendo uma separação entre o que estávamos vendo na seleção e o que queríamos e podíamos ver:

- (6) Também pudera, o nosso técnico é o único que não se apercebeu de que este time dos “sonhos”, nada mais tem sido que um grande pesadelo para nós brasileiros [...] Para aqueles que, como nós, esperavam que o Brasil nada mais fosse que a pura expressão do futebol que aqui jogamos, é chegada a hora de deixar o orgulho de lado. É preciso mostrar para os norte-americanos que pelo menos em uma coisa nós somos melhores que eles. No trato com a bola. (FROMER, M; REIS, N. Independência (ou morte) é hoje, 4 jul. 1994, p. 11).

Com essa desidentificação entre a crônica e o futebol burocrático da seleção brasileira de 1994, surgem os sintagmas “seleção de Parreira”, “time de Parreira e Zagallo” e outras expressões de mesmo valor semântico. A identidade até então homogênea da seleção passa a ser cindida em duas equipes distintas: a seleção brasileira, cheia de craques e, por isso mesmo, detentora das qualidades vitoriosas pelas quais é reconhecida – criatividade, ginga, dribles, gols, alegria etc. –, e a equipe defensiva idealizada pela comissão técnica chefiada por Parreira e Zagallo que, visando simplesmente não perder a partida, sacrificam, em táticas e estratégias importadas da Europa, o talento dos nossos jogadores, que não encontram seu lugar de sujeito no time, como podemos ver a seguir:

- (7) Que estranho time é esse que há muito já deixou de ser brasileiro?
 É um time estranho, pois já deixou de representar o futebol de seu próprio país, abandonando à míngua os seus torcedores.
 É um time estranho que durante a Copa foi abandonando, também, seus jogadores.
 Os nossos craques já não se reconhecem nesse time (alguns já nem mesmo cabem dentro dele) e, conseqüentemente, apresentam um futebol irreconhecível.
 Se esse time não representa mais o futebol brasileiro, se ele não representa também os torcedores e nem mesmo os seus jogadores, quem ele representa afinal?
 Ele representa apenas o Parreira. O problema é que o Parreira não representa nada.
 (FROMER, M; REIS, N. Time de Parreira deixa os torcedores à míngua, 10 jul. 1994, p. 7).

O título da crônica – *Time de Parreira deixa torcedores à míngua* – comprova a irrupção da distinção entre a seleção do Brasil e a de Parreira, que, segundo os enunciadores, “não representa nada”, como se o treinador não fosse brasileiro, isto é, não fizesse parte do futebol-arte da nação vitoriosa que é o Brasil.

Por isso, também é possível notar por meio dos sintagmas que estamos destacando agora uma repartição entre os brasileiros, representados pelo enunciador coletivo abrigado pelo pronome “nós”, e a equipe idealizada pela comissão técnica da seleção brasileira de 1994.

Em (7) e nos três enunciados a seguir, verifica-se um processo de des-subjetivação dos cronistas em relação à seleção de seu próprio país:

- (8) Meus amigos, meus inimigos, o time idealizado por Parreira voltou a mostrar os mesmos erros e defeitos dos dois primeiros jogos do Brasil. (SUZUKI, M. Nada muda, até os erros são os mesmos, 29 jun. 1994, p. 2).
- (9) Foi uma vitória constrangedora de um time medíocre e sem imaginação. Um futebol sem personalidade e medroso. É um jogo que poderá exigir criatividade do time brasileiro. E mais velocidade.
 Até agora, duas mercadorias em falta no time de Carlos Alberto Parreira. (SUZUKI, M. Brasil teve uma vitória constrangedora, 5 jul. 1994, p. 2).
- (10) Basta comparar os seus números com aqueles das seleções já eliminadas para constatar a impotência do time de Parreira & Zagalo. [...] Na defesa, ao lado da Coréia do Sul, o

Brasil é por enquanto o vice-campeão dos chutões. Mandou a pelota além das linhas laterais em 60 oportunidades. [...] Aliás, nem mesmo faltas o Brasil induz os seus adversários a cometerem. Sofreu 34 infrações contra as 37 do Marrocos, as 41 da Coreia e as 63 da Bolívia. (LANCELLOTTI, S. Ataque brasileiro é o menos eficiente até agora, 1 jul. 1994, p. 3).

Nos três enunciados acima, os sintagmas “time idealizado por Parreira” e “time de Parreira & Zagallo” são preenchidos por sentidos que apresentam uma certa contigüidade semântica, tais como erros, defeitos, impotência, mediocridade, medo e falta de personalidade, marcando a emergência de um discurso contra o futebol burocrático.

Em (10), devido ao valor que os dados estatísticos detêm no futebol – haja vista que, nas transmissões de jogos de futebol, a todo o momento, divulga-se a quantidade de escanteios, impedimentos, chutes a gol etc. –, o emprego dos números constitui-se como uma importante estratégia argumentativa na validação desse discurso contra “a impotência do time de Parreira & Zagallo”.

Diferenciar a seleção brasileira da “seleção de Parreira”, “des-subjetivar-se” em relação à seleção brasileira daquela Copa foi mais uma maneira de a crônica esportiva reativar a memória discursiva que enaltece as características fundadoras do futebol brasileiro, mantendo viva não apenas sua identidade, mas também a relação de poder entre imprensa e torcedores.

Nesse momento, os argumentos que poderiam justificar as escolhas táticas de Parreira e Zagallo – como a pressão de o Brasil, o país do futebol, estar há 24 anos sem um título mundial, e o pouco tempo de preparação da seleção brasileira antes da Copa – foram silenciados pelo discurso da crônica.

E, como afirma Freitas Filho (1985), se a mídia esportiva necessita de ídolos para sobreviver, nada melhor do que erigir o atacante Romário a essa condição, como faz o enunciador de (5): “Romário vai lá e tira a diferença”. O camisa 11 simbolizava todas as características do futebol brasileiro. Tinha o tamanho, a ousadia e a alegria de um moleque,

era criativo, genial com os dribles e oportunista com os gols. Dificilmente desperdiçava uma chance de mandar a bola para as redes e fazer a festa do e com o torcedor. Se o “time de Parreira” não punha em campo a nossa identidade, Romário o fazia.

Por fim, o embate discursivo entre uma seleção originalmente brasileira e a seleção de Parreira e Zagallo dialoga com conflitos de monta semelhante. A crítica feita no e pelo discurso da crônica esportiva da *Folha de S. Paulo* à escola dos treinadores supracitados revela a presença de certos litígios.

Um deles coloca frente-a-frente a individualidade criativa do jogador brasileiro, requintada por ginga e dribles, e a importância do jogo em equipe. Desenvolvida e fomentada, sobretudo, na Europa requer de todos os jogadores empenho no setor defensivo – isto é, todos devem participar da marcação ao adversário – e comportamento (posicionamento e movimentação) tático em prol dos companheiros de time. Um dos pilares do futebol burocrático de Parreira, o jogo em equipe foi tão combatido pelo discurso da crônica futebolística analisada, porque fere a subjetividade fundadora do futebol brasileiro, contrariando alguns dos princípios do futebol-arte ao recomendar que o jogador, até mesmo o craque, abnegue de sua liberdade ofensiva para tomar parte em funções defensivas quando sua equipe é atacada. E com esse estilo de jogo a torcida brasileira não se identifica, como dissemos anteriormente.

Dialogando com o conflito descrito no parágrafo acima, verifica-se a existência de um, que se desenrola entre a brasilidade e a globalização, a internacionalização. Em outras palavras, trata-se do embate discursivo entre uma identidade futebolística global, composta de propriedades comuns à grande maioria dos clubes e seleções do mundo, principalmente, as européias, e uma identidade nacional simbolizada por características locais peculiares, as quais já citamos aqui, representativas de um estilo brasileiro de jogar futebol, em detrimento de um estilo internacional, marcadamente europeu. A globalização não é um fenômeno que

atinge apenas as técnicas e os meios de produção e distribuição de produtos no âmbito da economia mundial. Ela também chegou ao futebol. E, conjugada ao conceito de jogo coletivo, contribuiu para a formação de jogadores e equipes com atributos uniformes, capazes de sustentar essa filosofia que preza pela versatilidade do ataque-defesa, filosofia que Parreira e Zagallo implantaram na seleção brasileira de 1994.

A insistência do discurso da crônica futebolística da *Folha de S. Paulo* pela aplicação de um estilo de jogo mais despojado e menos duro – digamos, genuinamente brasileiro – reforça a invocação de uma identidade nacional produzida com os matizes nacionalistas do futebol ao desqualificar e rejeitar os esquemas internacionais apoiados na performance de atletas com qualidades globais.

4.1.2.3. Como a seleção brasileira poderia ter sido, não foi, mas ainda pode voltar a ser

Nas quartas-de-final, o Brasil enfrentaria a Holanda, seu adversário mais difícil até aquela etapa. A “laranja mecânica” não nos trazia boas recordações, pois havia nos eliminado 20 anos atrás, na Copa de 1974, na Alemanha.

Mesmo assim, a seleção brasileira bateu os holandeses por 3 a 2, e, ainda por cima, viu seus principais rivais naquela competição, Argentina e Alemanha, serem eliminadas na mesma rodada. O tetracampeonato, que antes parecia distante devido à maneira como a seleção estava se portando, agora estava perto. Uma identidade vitoriosa, de campeão, estava se delineando novamente, se não pelo futebol-espetáculo, por outros feitos da seleção naquele mundial.

Aos poucos, emerge uma luta discursiva no campo da crônica esportiva. Algumas vozes começam a aceitar as novas qualidades que a filosofia do treinador Carlos Alberto Parreira atribuiu à equipe brasileira – raça e força de vontade, por exemplo –, como se pode notar no enunciado que se segue:

- (11) Afinal, entusiasmo, força de vontade e raça, não faltam na seleção. (SANTANA, T. No jogo dos invictos, Brasil leva vantagem, 13 jul. 1994, p. 3).

Com o Brasil vencendo a Copa, então, os méritos do treinador do Brasil passam a ser reconhecidos pelo discurso da crônica futebolística, e já não há mais a distinção entre “seleção brasileira” e “seleção de Parreira”:

- (12) Meus amigos, meus inimigos, foi a melhor partida do Brasil e uma vitória fundamental para os próximos jogos. O Brasil ganha peso, consistência e aguarda tranquilo a decisão do adversário hoje.
Carlos Alberto Parreira está conseguindo triunfar com os seus conceitos. É bom que se diga antes: se o Brasil ganhar, os méritos são em grande parte dele. (SUZUKI, M. Brasil passou pela partida fundamental, 10 jul. 1994, p. 2).
- (13) Assistindo a emocionantes campeonatos nacionais e regionais, não víamos na formação do selecionado a expressão do que estava ocorrendo nos campos brasileiros. [...] Mas a grande verdade é que não se pode questionar agora a validade do projeto de Teimoso e Velho Zaga para a conquista do tetra, mesmo que isso por um acaso não ocorra amanhã, o que é praticamente impossível. (FROMER, M; REIS, N. Quem são, afinal, os verdadeiros heróis?, 16 jul. 1994, p. 12).

O sintagma “seleção brasileira” e os demais sintagmas que percorremos no trajeto temático adotado por nós passam a incorporar novamente o seu técnico e suas teorias. Apesar de suas táticas defensivas nada terem a ver com a identidade cultural do futebol brasileiro, Parreira foi vitorioso. Ele levou o Brasil ao sonhado, e por 24 anos esperado, tetracampeonato. Uma imagem de vitória é muito difícil de combater, porque, no futebol, a vitória é a condição essencial na produção de sentidos.

As razões que levaram o treinador a lançar mão do futebol de resultado – como a pressão nacional pelos 24 anos sem títulos mundiais e a preparação inadequada da seleção no pré-Copa –, antes omitidas pela crônica esportiva, agora passavam a servir de argumento para sustentar as estratégias de Parreira:

- (14) Mesmo assim, Parreira saiu vitorioso, suas teses triunfaram na prática. [...] Depois de 24 anos sem ganhar, não podia ser diferente: –guerra, planejamento, previdência, pênaltis. Tudo isso deu certo. (COELHO, M. Parreira triunfa sem o futebol-espetáculo, 20 jul. 1994, p. 6)

O mesmo fazem Kfoury & Coelho (1994, p. 9) num texto sobre a trajetória da seleção brasileira publicado na revista *Placar*, edição comemorativa do tetracampeonato: “revelando com clareza as dificuldades que o time [a seleção brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1994] teria pelo frente em função do quase nenhum tempo para treinar”.

Voltando aos excertos das crônicas, era como se o Brasil ainda fosse o dono do futebol-espetáculo, mas só abdicou dele um pouco – ou melhor, Parreira abdicou dele um pouco, como pode ser notado no título do excerto acima –, para ser tetracampeão.

Além disso, uma identidade de campeão supostamente se coadunaria adequadamente à efervescência política e econômica que o Brasil estava vivendo naquele momento graças ao lançamento do Plano Real. Com um plano econômico que, em tese, garantiria uma moeda estável e capaz de competir com o dólar, além de aumentar o poder de compra dos brasileiros, havia a expectativa de que nosso país definitivamente se lançasse para o fim da desigualdade social, o desenvolvimento e para o seletivo grupo de países que formam o Primeiro Mundo. Nada melhor do que uma vitória no futebol para contemplar o sonho de ser o melhor do mundo também no campo do desenvolvimento econômico, político e social.

Concretizava-se um movimento discursivo de reconstituição da unidade identitária fundadora do futebol brasileiro, que havia acabado de confirmar sua supremacia no

cenário internacional mais uma vez. Parreira e seu futebol burocrático já faziam parte do passado, ou melhor, tinham lá os seus méritos nesse triunfo que alçava o Brasil ao topo do futebol mundial. O que prevalecia era o tetracampeonato, que se juntava às conquistas de 1958, 1962 e 1970 e resgatava, no discurso, a memória do verdadeiro futebol brasileiro.

Vale acrescentar que práticas discursivas semelhantes fomentam discursos de euforia e esperança sobre o futuro político e econômico do Brasil, discursos geralmente representado por enunciados consagrados, como os antigos “Ninguém segura este país”, e “Brasil: um gigante adormecido”, e outros que dialogavam com esse novo momento de entusiasmo econômico e de expectativa de desenvolvimento em curto prazo, uma espécie de milagre brasileiro dos anos 90, que o país experimentava com o Plano Real.

Por isso era possível registrar ressalvas em prol do futebol-arte, um dos símbolos da identidade nacional, como esta:

- (15) [...] eu gostaria de ter visto nos EUA uma seleção um pouco moleque, mais crioula, menos burocrática e sisuda. [...] O que eu queria, como no velho cancionero, era um samba enfezado, compassado, ritmado, cheio de alegria. Por outro lado, chega de saudade. (HELENA JÚNIOR, A. Só queríamos uma seleção mais moleque, 22 jul. 1994, p. 3).

Acima, título e texto demonstram satisfação e ressentimento. Satisfação com o tetracampeonato, uma vez que um título de Copa do Mundo é sempre bem-vindo para os brasileiros. Ressentimento por não termos jogado o futebol que poderíamos ter jogado: mais moleque e crioulo, menos burocrático e sisudo, ao ritmo do samba e da alegria. Esse ressentimento, aliás, pode ser verificado já no título – “Só queríamos uma seleção mais moleque” –, em que o morfema sufixal de pessoa do verbo “queríamos”, indicando a primeira pessoa do plural (nós), mais uma vez, define a identidade dos brasileiros em geral, que só queriam uma seleção que jogasse o legítimo futebol brasileiro – futebol que ainda podemos

jogar, porque embora a seleção não tenha atuado como gostaríamos que atuasse, ainda pode fazê-lo.

4.2. A Copa do Mundo de 1998

Antes de apresentarmos como se materializou, no e pelo discurso da crônica futebolística analisada, a identidade do Brasil durante a 16ª edição da Copa, realizada na França, vamos fazer uma pequena introdução, narrando um pequeno panorama com alguns dos acontecimentos mais marcantes daquela competição.

4.2.1. Uma pequena introdução

Sete de julho de 1998, em direção a uma das metas do estádio *Velodrome* (Marselha, França), a bola foi lançada a partir da marca do pênalti pelo zagueiro Frank de Boer. Se ele errasse, o Brasil estaria classificado para sua sexta final de Copa do Mundo.

Na trajetória da bola, muita apreensão e expectativa, até ela ser espalmada pelas mãos milagrosas de Cláudio Taffarel, que defendeu dois pênaltis numa semifinal emocionante contra a Holanda. O destaque não foi só para o goleiro, mas para toda a equipe brasileira, que, durante 120 minutos de jogo e mais a série de cobranças de pênaltis, protagonizou a partida mais disputada daquela competição.

O Brasil chegou à final como franco-favorito ao título. Ainda mais porque o jogo era contra a França. Embora contassem com o apoio de sua torcida, “os azuis” não pareciam ter tradição e qualidade à altura da seleção brasileira, transformada em todopoderosa após a vitória sobre a Holanda.

No entanto, não foi isso o que se viu. Superior em toda a partida, os franceses despacharam o Brasil por 3 a 0.

Ao longo da campanha da seleção brasileira na Copa de 1998, o discurso da crônica futebolística da *Folha de S. Paulo* construiu a identidade nacional do futebol brasileiro de diversas formas em momentos diferentes. Desse processo, analisado neste trabalho, vale ressaltar os movimentos de afirmação dessa identidade, marcado, entre outros processos discursivos, pela irrupção do sintagma “não-sei-o-quê”, considerado pelos cronistas como o(s) responsável(is) pela performance pífia de uma equipe recheada de craques; e de negação do traço futebolístico que permeia a identidade nacional brasileira.

4.2.2. Afirmação da identidade nacional, “não-sei-o-quê” e dissonâncias discursivas

Diferente do sucedido durante a Copa do Mundo de 1994, quando a construção discursiva da identidade do futebol brasileiro – e, conseqüentemente, da identidade nacional brasileira – realizada no e pelo discurso da crônica futebolística da *Folha de S. Paulo* subdividiu-se em três momentos definidos, o processo de construção da identidade nacional brasileira executado no e pelo discurso da referida crônica ao longo de toda a Copa de 1998 foi marcado, sobretudo, pela presença polêmica de discursos dissonantes.

De um lado, buscava-se afirmar nossa identidade nacional simbolizada pelo futebol-arte, lançando mão de discursos que sustentavam uma unidade subjetiva homogênea e fundadora: a do brasileiro alegre, criativo, habilidoso e vencedor, enfim, o artista da bola, o melhor do mundo, que só pode ser derrotado por si próprio.

De outro lado, as vozes dos membros do conselho editorial e dos colaboradores da *Folha de S. Paulo*, ocupando uma fatia do espaço da crônica futebolística, negaram, por várias vezes, o consenso de que o futebol é uma unanimidade nacional, o maior e melhor bem da cultura brasileira, ao criticarem a conduta dos torcedores brasileiros durante um Mundial e ao colocarem em xeque a ampla identificação entre o Brasil e o futebol. Como veremos adiante, seus contra-discursos apoiavam sua argumentação nos aspectos negativos da política nacional, em algumas atitudes deletérias de torcedores, na apropriação mercantilista do futebol pela mídia e no apetite capitalista dos jogadores brasileiros, mais preocupados em conquistar novos patrocinadores do que em conquistar títulos.

Se, em 1994, havia muita expectativa sobre uma grande campanha da seleção brasileira, em 1998, as coisas foram um pouco diferentes.

Durante o pré-Copa, isto é, a fase de preparação de aproximadamente 15 dias que antecede a Copa, o Brasil realizou duas atuações fracas ante ao clube Athletic Bilbao, da Espanha, e à seleção de Andorra. Esperava-se que a seleção brasileira desse um show e aplicasse duas goleadas, não só por causa da pouca qualidade dos adversários, mas, principalmente, por causa do talento de uma equipe que contava com os dois melhores jogadores do mundo na época, Ronaldinho, o Fenômeno – chamado hoje de Ronaldo –, e Roberto Carlos, além de outros craques, como Rivaldo, Leonardo, Cafu e Denílson.

Graças a esses resultados, à estréia apagada contra a Escócia – vitória do Brasil por 2 a 1 –, à derrota para a Noruega e à instabilidade que a seleção demonstrou até às quartas-de-final diante da Dinamarca, começavam a se delinear, no discurso da crônica

futebolística analisada, efeitos de dúvida sobre a identidade da seleção brasileira, efeitos que instauraram um clima de incerteza sobre a produção da identidade nacional:

- (16) Uma seleção que, de resto, permanece sob o signo da imprevisibilidade total. (KFOURI, J. Tradição a ser vencida, 24 jun. 1998, p. 2).
- (17) O pior é que não sei do que seremos capazes. Pode ser que simplesmente a gente caia no artil irritante dos escoceses, como também pode ser que baixe um orixá em cada um, e que a bola passe a rolar com aquela fluência e leveza que todos nós esperamos de um Cafu, de um Roberto Carlos, de um Giovanni, de um Rivaldo, de um Bebeto e de um Ronaldinho, todos sob o comando de Dunga, até agora nosso maestro no meio-campo. (HELENA JUNIOR, Quebra de tradição, 10 jun. 1998, p. 4).

Devido ao que o enunciador de (16) chama de “imprevisibilidade total” da seleção brasileira, verifica-se a construção discursiva de uma subjetividade hesitante, oscilando entre a espera por uma boa atuação “de um Giovanni, de um Rivaldo” e o tom moderado do enunciado “pode ser que simplesmente a gente caia no artil irritante dos escoceses”.

No entanto, em (17), o enunciador associa o nome de jogadores da seleção brasileira de 1998 aos substantivos “fluência” e “leveza”, qualidades que não apenas predicam a maneira como eles sabem fazer a bola rolar, mas que também acionam uma memória discursiva sobre o futebol-arte, cujas características são fluência e leveza, entre tantas outras citadas anteriormente.

A modalização dos nomes próprios com o artigo indefinido “um” cria um efeito de sentido que estabiliza as identidades de Cafu, Roberto Carlos, Giovanni, Bebeto, Rivaldo e Ronaldinho etc. como sendo a de craques. A possibilidade de poder contar com o talento abundante e a grande fase que experimentavam esses jogadores era uma das condições de produção que sustentavam a construção discursiva dessa identidade.

Além disso, ao afirmar que esperamos fluência e leveza de Cafu, Roberto Carlos e dos demais jogadores supracitados, o enunciador inclui, com o emprego do pronome pessoal “nós” elíptico na terminação de “esperamos”, os leitores numa coletividade de brasileiros que, às vésperas da Copa, vivem a expectativa de assistir a um futebol jogado de maneira leve e fluente.

Esses são procedimentos que visam afirmar a identidade do futebol brasileiro, reforçando algumas de suas qualidades, citando os nomes de alguns de seus grandes jogadores na época e inscrevendo um lugar de expectativa positiva para o leitor/torcedor.

Para reforçar o efeito de unidade na identidade do futebol brasileiro, que andava desestabilizada já no início daquela competição por causa da instabilidade da seleção brasileira instaurada pelos resultados supracitados, alguns cronistas passaram a dizer que a equipe comandada por Zagallo estava “escondendo” o jogo.

Expressão típica do futebol, “esconder” o jogo significa não jogar tão bem quanto se pode com o objetivo de não mostrar todo o potencial e os defeitos ao adversário, que, por sua vez, pode se aproveitar disso na formulação de táticas defensivas ou ofensivas.

Os títulos e alguns enunciados das crônicas cujos trechos são mostrados abaixo são exemplos desse processo, que se constituiu como forma de proteger a identidade nacional brasileira caracterizada pelo espetáculo, pelos gols e pelas vitórias categóricas do futebol nacional. Só “esconde” o jogo quem o tem para mostrar. Seria incoerente dizer que, por exemplo, a Austrália, sem tradição nenhuma no futebol, “esconde” seu jogo:

- (18) O Brasil então, ah, o Brasil já é o campeão neste jogo de esconde-esconde. Único país do seletor grupo dos campeões mundiais cujo nome não começa com vogal (pelo menos em português), a seleção nacional segue consoante as determinações de não entregar o ouro para os adversários. [...] Portanto, calma, brasileiros. A arte da dissimulação é para poucos e, felizmente, nossos patrícios que estão em Lésigny são mestres neste mister. (KFOURI, J. Esconde-esconde, 2 jun. 1998, p. 2).

- (19) Como não dá para corrigir problemas estruturais desse calibre do dia para a noite nem parece haver coragem (se é que se trata de fato de uma necessidade) para trocar de técnico, o jeito é esperar que “El País” esteja certo e que a seleção esteja apenas “escondendo” seu jogo até a hora de estrear na Copa. (ROSSI, C. Em busca do jogo que a seleção “escondeu”, 2 jun. 1998, p. 4).

Em (18), o pedido de calma feito pelo enunciador aos brasileiros, seguido da afirmação de que nossos jogadores compatriotas são mestres na arte de “esconder” o jogo, bem como a esperança, manifestada em (19), de que a seleção brasileira estivesse verdadeiramente “escondendo” o jogo, conforme informava o jornal espanhol *El País*, também são estratégias discursivas para aumentar o ânimo dos leitores e manter a relação de poder entre imprensa e público-leitor de que tratamos anteriormente, no capítulo “Introdução e justificativa”.

Dialogando com esse processo, surge o sintagma “não-sei-o-quê”, apontado pela maioria dos cronistas da *Folha de S. Paulo* como aquilo que estava faltando para a seleção brasileira deslanchar, colocar em campo sua identidade, digamos, legítima. Embora a presença efetiva do sintagma em questão não seja freqüente, o “não-sei-o-quê” é uma expressão bastante representativa dessa tendência do discurso da crônica futebolística da *Folha* em apontar, na própria seleção brasileira, os motivos pelo seu desempenho apagado.

Também é possível notar, nesse processo, uma certa defesa da identidade nacional brasileira, porque os enunciados que corroboram a teoria do “não-sei-o-quê” creditam a algum problema interno, inerente à própria seleção brasileira, a responsabilidade por a equipe verde-e-amarela não conseguir apresentar-se com todo o seu potencial. Em outras palavras, a crônica analisada faz um esforço para manter a supremacia da identidade do Brasil como a nação detentora do melhor futebol do mundo, produzindo discursos em que se nota uma certa resistência em se admitir as qualidades dos oponentes, discursos segundo os quais a seleção brasileira só perderia para si mesma, para algum agente deletério que macula

sua identidade de futebol-espetáculo, de melhor do mundo, pois não havia nenhuma outra seleção capaz de derrotá-la.

Como poderemos observar nos três exemplos seguintes, o “não-sei-o-quê” poderia ser uma série de coisas, entre elas: a internacionalização da seleção brasileira, que, assim como em 1994, deu margem à polêmica entre a individualidade do jogador brasileiro e a globalização do jogo em equipe; e o excesso de estrelismo de alguns jogadores, que, além de ficarem se atracando verbal e até fisicamente por um lugar na equipe titular, estavam mais preocupados em atender aos interesses mercantilistas de seus empresários e patrocinadores:

- (20) O Cony vem insistindo em suas colunas sobre a Copa que a tal de globalização começou pelo futebol. É bem possível. Basta ver que, dos 11 titulares de Zagallo, só 3 jogam no futebol brasileiro (Taffarel, aliás já de saída, Júnior Baiano e Bebeto). (ROSSI, C. Confissões de quem não torce por decreto, 5 jun. 1998, p. 4).

Presente no excerto acima, o sintagma “11 titulares de Zagallo”, empregado em lugar de, por exemplo, “11 titulares da seleção brasileira”, gera um efeito de distanciamento entre o time comandado pelo treinador Mário Jorge Zagallo e a seleção que representava o Brasil naquela Copa, acentuando a polêmica entre a internacionalização da equipe brasileira e sua nacionalização, isto é, sua formação feita com uma maioria de jogadores que atuam em clubes do Brasil.

- (21) Falam agora que houve até agressão física. É muito ruim para um grupo ficar nessa situação, ainda mais quando a Copa do Mundo está quase começando. Esse é um momento de união, e os jogadores devem ser mais que nunca companheiros uns dos outros, não ficarem batendo boca. [...] O futebol fraco que a seleção brasileira apresentou no amistoso contra o time de Andorra, que é muito ruim, talvez decorra dessas disputas internas. (SANTANA, T. Briga vem em hora ruim para a seleção, 5 jun. 1998, p. 3).
- (22) A análise que se pode tirar da derrota de Marselha é simples: homem por homem, isoladamente, como numa apresentação de misses num concurso de beleza, o Brasil dá banho. Como jogo associado, esse conjunto de misses deslumbrantes não forma um

sentido. Perdem para a Noruega e perderão para o Chile, amanhã, se continuarem a pisar o gramado como numa passarela de visibilidade internacional. [...] Já o Brasil parece vergado ao peso de sua própria glória, de suas medalhas, de seus patrocinadores. Não é mais uma equipe de futebol, mas um conjunto pop de superastros que, diga-se de passagem, até aqui nada fez de notável nesta Copa de 98. (CONY, C. H. Lambendo feridas, 26 jun. 1998, p. 4).

- (23) Se alguém se animar a colocar em um computador o talento individual dos jogadores brasileiros e, em especial, o seu molejo, na comparação com seus adversários da Noruega, o resultado final seria algo em torno de 10 a 0 ou por aí para o Brasil. Mas, como futebol não é videogame, deu Noruega. Deu porque continua faltando, sempre, alguma coisa ao time brasileiro [...] Acaba ficando monótono ter que repetir que falta aquele não-sei-o-quê no time brasileiro. (ROSSI, C. A seleção que fica sempre no quase, 24 jun. 1998, p. 4).

No trecho acima, o enunciador reafirma a identidade do futebol brasileiro ao diferenciá-lo do futebol europeu, representado pela Noruega, empregando, como base de comparação, dois sintagmas que, correspondentes a duas das categorias marcantes e originais do futebol-espetáculo dos brasileiros, inferiorizam o estilo norueguês: o “talento individual”, que preenche de sentido o sintagma “jogador brasileiro”; e, “em especial, o seu molejo”.

A reafirmação dessa identidade também é feita na passagem envolvendo o prognóstico da partida Brasil x Noruega elaborado pelo computador. No interior de uma formação discursiva segundo a qual informática produz uma verdade pura e incontestável, o enunciador de (23) afirma que o resultado natural seria uma goleada do Brasil. Ou seja, excluídos os fatores acidentais, os imprevistos que transformam o futebol numa caixinha de surpresas, naturalmente deveria vencer o Brasil, praticante do melhor futebol.

Aliás, o discurso do futebol como uma caixinha de surpresas, ao qual o enunciador do excerto acima também se filia, pressupõe a superioridade de uma equipe sobre a outra, pois classifica como surpreendente, insólita a vitória do time teoricamente mais fraco sobre o time teoricamente mais forte. Em (23), a superioridade seria do Brasil sobre a Noruega.

Ainda em (23), o sintagma “não-sei-o-quê”, ou melhor, a falta dele justifica a derrota para a Noruega, classificada por alguns comentaristas da época como a primeira “zebra” – resultado absurdo, completamente inesperado – da Copa. Mesmo tendo o Brasil perdido o jogo, seus deméritos é que foram responsabilizados, e não as virtudes dos noruegueses.

No entanto, é interessante destacar que até o jogo em equipe – uma das bases do futebol de resultados tão combatido pelo discurso da crônica futebolística em 1994, porque se queria ver florescer as habilidades individuais do jogador brasileiro – preencheu de sentidos esse “não-sei-o-quê” que faltava à seleção na Copa da França. Como o Brasil ainda não conseguia encher os olhos do torcedor, alguns cronistas da *Folha* passaram a afirmar que a solução para os problemas existentes “na nossa metade do campo” – sintagma empregado em (26) – seria o equacionamento entre o talento individual dos craques brasileiros e o entrosamento, a solidariedade, o entendimento dos jogadores em campo, a variação de jogadas coletivas, todas elas características do jogo em equipe:

- (24) Como vocês puderam notar, a seleção brasileira fez uma estréia na Copa que só foi boa pelo resultado. A resposta para isso é clara (não serei o primeiro nem o último a dizer), mas falta entrosamento, os jogadores não se entendem em campo. (SANTANA, T. As opções de Zagallo para mudar a seleção, 14 jun. 1998, p. 3).
- (25) A dificuldade da seleção dirigida pelo velho Lobo do fut Zagallo encontra-se nela mesma: quando tem o domínio de bola, a seleção brasileira é um time previsível, sem mobilidade e sem variação de jogadas. (SUZUKI, M. No mínimo 1, 10 jun. 1998, p. 2).
- (26) Bom posicionamento significa também colocar-se de modo a facilitar a saída de bola do companheiro. Esse tipo de solidariedade não está existindo na nossa metade do campo. (COUTO, J. G. Alá-la-ô, seleção, e a turma da Rvatska, 18 jun. 1998, p. 4).

Os enunciados acima, aliados a outros que corroboram o mesmo saber, promovem uma reconfiguração na identidade do futebol brasileiro no que tange seus valores

básicos. Em outras palavras, a agregação do jogo em equipe, característico dos europeus, passa a ser aceita como uma forma de realçar, “na nossa metade do campo” e no discurso, as características originais e os traços de sucesso – materializados por uma grande performance dentro de campo – da identidade não só do futebol brasileiro, mas também do Brasil, que continuaria a ser o país-sede da melhor seleção do mundo. Conforme afirma Bakhtin (1995), os valores variam de acordo com os interesses da comunidade discursiva – e, naquele momento, o interesse maior era a vitória.

Esses discursos entrecruzam-se com discursos políticos e econômicos que apareceram em diversas crônicas analisadas. Não era só no futebol que o Brasil precisava parar de apostar somente em conquistas passadas e desenvolver as novas estratégias, tomar novos rumos e buscar um certo equilíbrio. No cenário político-econômico mundial também. Como é possível observar no trecho abaixo, a derrubada da inflação foi, sem dúvida, um grande feito do presidente Fernando Henrique Cardoso, que agora precisava ocupar-se da injustiça social e do desenvolvimento:

- (26) Já escrevi, na página 2 desta *Folha*, meu cantinho mais habitual, que a queda da inflação equivaleu a tirar da sala o bode. Antes que uma inflação indecente se instalasse, o Brasil era um país injusto, subdesenvolvido, carente, o diabo. À tais carências, juntou-se a inflação debochada. Eliminada esta, a sala ficou livre do mau cheiro do bode, mas não da injustiça, do subdesenvolvimento etc. FHC, no entanto, convenceu-se de que a sua obra estava completa com a vitória sobre a inflação (no pressuposto de que ela seja definitiva, pressuposto que seu ministro Pedro Malan não dá por assegurado). (ROSSI, C. FHC, lembre-se de Carlos Alberto Parreira, 22 jun. 1998, p. 4).

E por falar em entrecruzamento de discursos políticos, econômicos e do futebol, a interdiscursividade é outra característica marcante desta análise.

As crônicas de futebol, que são geralmente escritas por ex-jogadores e treinadores ou jornalistas esportivos, também foram escritas por jornalistas políticos,

principalmente os editorialistas e os colaboradores da *Folha de S. Paulo*, durante a cobertura que o jornal realizou sobre a Copa de 1998.

É fundamental ressaltar a importância dessa atitude para nossa análise. Representantes da(s) ideologia(s) à(s) qual(ais) o jornal se filia, os discursos, a(s) voz(es) e o tom áspero dos editorialistas foram vigorosos, retumbantes e recalcitrantes no processo de construção discursiva de uma identidade nacional um pouco desvinculada da imagem do futebol e, por isso mesmo, mais contida e menos eufórica em relação ao desempenho da seleção brasileira, e mais atenta às questões políticas, econômicas e sociais do Brasil. Em outras palavras, era a rejeição da identidade nacional fundadora, caracterizada pela alegria, criatividade, descompromisso, indisciplina e falta de seriedade, identidade que o discurso da crônica futebolística da *Folha* insistia em afirmar em 1994 no intuito de se des-subjetivar em relação à seleção de Parreira e seu futebol burocrático.

Os editores Clóvis Rossi, Jânio de Freitas e Marcelo Coelho e as colaboradoras Marilene Felinto e Bárbara Gancia, principalmente, posicionaram-se contra o ufanismo que costuma tomar conta de grande parte país durante uma Copa do Mundo e mascara muitos dos problemas sociais do Brasil, como fome e racismo, que não se resolvem com o otimismo hipócrita alardeado pela mídia.

No trecho abaixo, por exemplo, Rossi retoma o discurso da política do pão-e-circo e preenche os sintagmas “pão” e “circo”, respectivamente, com os sentidos de “comida” e “futebol” para condenar a importância exacerbada que a mídia e muitos torcedores brasileiros – inclusive, os governantes e outras autoridades importantes – dão a uma vitória ou a uma derrota da seleção, em comparação à falta de interesse deles pela fome – segundo o enunciador, uma questão mais significativa que o futebol – que assola o país.

- (27) Circo é bom e eu gosto, mas pão é mais importante, pelo menos no Brasil. E a quantidade de pão à mesa de cada qual não vai aumentar se a seleção ganhar nem vai diminuir se perder. (ROSSI, C. Menos biquinho, mais futebol, 27 jun. 1998, p. 4).

Já no excerto abaixo, Felinto crítica a exclusão e o exílio sociais do negro brasileiro no futebol, atacando a valorização hipócrita que a mídia, nomeadamente a Rede Globo, e a classe média brasileira conferem aos traços físicos dos negros e mulatos, raças às quais pertencia a maioria dos jogadores da seleção brasileira de 1998 – durante uma Copa do Mundo:

- (28) Não é bem o tipo físico dos homens da seleção que a TV Globo estampa nas suas novelas de horário nobre, por exemplo. Não é nenhum Ronaldinho dentuço, nenhum Roberto Carlos atarracado, nenhum beijudo como César Sampaio ou Aldair que a Globo escolhe para astro das novelas ou âncora de seus telejornais. Não é bem esse tipo físico –da maioria dos brasileiros– que a mídia escolhe para apresentar em fotografias, em anúncios reluzentes de revistas que vendem produtos. Mas como é Copa do Mundo, a hipocrisia da classe média resolve arrotar louvores à nossa mestiçagem, dizer que neguinho é lindo, que pretinho isso e aquilo. (FELINTO, M. Seleção de mulatos feios, 12 jul. 1998, p. 4).

Tentar conter, com discursos dissonantes, o entusiasmo popular sobre o futebol brasileiro foi também uma estratégia utilizada com o objetivo de chamar a atenção dos leitores para os defeitos da política econômica de Fernando Henrique Cardoso, a quem a *Folha de S. Paulo*, por esse gesto discursivo, opunha-se ideologicamente, como constatamos no trecho a seguir, em que Marcelo Coelho filia-se ao discurso da infantilidade do brasileiro, simbolizada pela ingenuidade que o português colonizador, sobretudo o jesuíta, enxergava no indígena brasileiro, para predicar como infantil – e por que não ingênua? – a ilusão de desenvolvimento gerada por um dos pilares da política econômica neoliberal de FHC, o aumento das exportações em detrimento das importações (superávit comercial):

- (29) É como se nós fôssemos uns perpétuos enganados pelo FMI, uns dominados pelo imperialismo, o que nos impede o uso da imaginação e da pureza. [...] Cabe-nos

perceber, acho, que nenhuma torcida vale por um superávit comercial. Que toda torcida, fanática do futebol, cética no Oscar, é infantil. E é a defesa de um mundo infantil que se reproduz, sem a infantilidade de Guga ou de Pelé de 58. É a infantilidade adulta: bom resumo do Brasil nos tempos de FHC. (COELHO, M. O Brasil não é mais um país-criança, 10 jun. 1998, p. 5).

Ao criticar o Brasil, o discurso dos editorialistas e dos colaboradores busca modificar a identidade dos brasileiros fanáticos por futebol, que, segundo esse discurso do conselho editorial da *Folha*, deveriam ser mais sérios e mais céticos quanto à situação política, econômica e social do país.

Em grande parte das crônicas referentes à Copa de 1998, a palavra “Brasil” representava pouco a seleção nacional, e muito um país cheio de mazelas sociais, corrupção política e impunidade:

- (30) Nada melhor do que a distância geográfica para enxergar o Brasil em seu lugar no mundo: um Legislativo ineficiente, encoberto por centenas de suspeitas de corrupção e comportamento imoral, um Judiciário atolado em leis que não servem para nada (que não punem ninguém e que ninguém cumpre), um Executivo ‘forte’, com poder de ordenar execuções sumárias de medidas provisórias e enganações eternas –mas um país que joga um futebol bom, o melhor do mundo. (FELINTO, M. Farinha européia, 4 jul. 1998, p. 4).
- (31) As notícias que chegam do Brasil aqui na França dão um pouco de vergonha: é Congresso que entra em recesso branco, é banco mudando de horário por conta da Copa, é deputado e mais deputado livre de cassação, é sem-terra sendo baleado, é velho morrendo na fila do INSS, é a seca batendo recordes, é traficante decorando a favela para o Mundial de futebol, é bandeira verde-amarela em todo canto. [...] Nenhuma pessoa razoavelmente sensata pode dizer que o Brasil é sério. O caso dessa cambada de deputados que acaba de se livrar da cassação é o exemplo mais típico da conduta acanhada que o país adota como norma. (FELINTO, M. Sensualité, sexualité, 8 jun. 1998, p. 4).
- (32) A tentação de “não ser sério”, de levar tudo na brincadeira, de fazer com que as coisas sempre terminem em Carnaval, nos persegue como uma construção que nos delicia e ao mesmo tempo nos amedronta. (COELHO, M. A tentação de terminar tudo em carnaval, 15 jul. 1998, p. 5).

Em (30), (31) e (32), os sintagmas “nossa seleção” e “nosso futebol”, freqüentemente observados na crônica futebolística, não foram empregados. Esse é mais um procedimento discursivo para dar evidência aos problemas socioeconômicos do país, mantendo, assim, distante da identidade nacional a euforia e o ufanismo comuns no Brasil, em tempos de Copa do Mundo.

Por sua vez, os sintagmas “nós” e “brasileiros”, no interior desse discurso de que o Brasil não é um país sério, corroboram uma identidade nacional brasileira permeada pela falta de seriedade, que continuará sendo assim enquanto os torcedores, os governantes e a mídia derem mais valor ao futebol que aos assuntos verdadeiramente essenciais, como o subdesenvolvimento, a fome, o desemprego, a violência etc.

Convém lembrar que esse discurso costuma representar o país aos olhos dos estrangeiros, graças, entre outros fatores, à vinculação, produzida pela mídia internacional em larga medida, do futebol e do carnaval à imagem do Brasil. Considerados como dois espetáculos, duas festas, carnaval e futebol, também caracterizados pelo seu aspecto lúdico – não é à toa que se diz “brinca o carnaval” e “brincar de bola” –, atribuem à subjetividade brasileira contornos de infantilidade, descompromisso, indisciplina e falta de seriedade.

Dialogando com esses contra-discursos, aparecem outros, que reprovam e questionam a conduta irresponsável dos torcedores brasileiros que, em tempos de Copa, manifestam um patriotismo preso unicamente ao futebol:

- (33) Repito: o destino da pátria não se joga em um campo de futebol. (ROSSI, C. Menos biquinho, mais futebol, 27 jun. 1998, p. 4).
- (34) [...] na pressa de chegar a sua casa para ver o jogo, [o torcedor brasileiro] é capaz de atropelar o pedestre igualmente brasileiro que cruza a rua na sua frente. Quantas vezes não ouvimos a expressão ‘pátria’ jogada no meio de uma frase sobre a seleção brasileira? Será que nossa noção de pátria é tão merreca que pode ser reduzida a um mero campeonato de futebol? [...] continuamos devendo aos índios e paraguaios que

massacramos, aos africanos que escravizamos e aos nossos filhos, que deixamos morrer de fome e de falta de assistência médica na porta dos postos de saúde deste nosso Brasil varonil. (GANCIA, B. Torcedor tapuia confunde alhos com bugalhos, 8 jul. 1998, p. 3).

Nesse excerto, para argumentar que são absurdas as noções de pátria e de nacionalismo dos brasileiros que confundem “alhos com bugalhos”, como consta do título da crônica, Bárbara Gancia retoma as memórias social e discursiva sobre a colonização, iniciada no século XVI – quando o Brasil foi palco de massacre de índios e escravização de africanos –, e sobre a Guerra do Paraguai, travada entre 1864 e 1870 – quando as forças armadas brasileiras protagonizaram o mais sangrento conflito armado do continente americano e contribuíram para a morte de cerca de 300 mil paraguaios.

Ainda em (34), o sintagma “Copa do Mundo” é substituído por “um mero campeonato de futebol” para reforçar a crítica ao nacionalismo incoerente dos brasileiros que, na pressa para chegar em casa e ver o jogo da seleção, são capazes de “atropelar o pedestre igualmente brasileiro que cruza a rua na sua frente”, das autoridades governamentais brasileiras que preferem incentivar o gosto pelo futebol a promover as melhorias necessárias na saúde, na educação, na segurança, enfim, nas condições de vida da população.

Pela sua temática, podemos afirmar que os discursos materializados em (33) e (34) dialogam com os discursos surgidos durante a Copa de 1970 que criticavam as práticas ufanistas da Ditadura Militar, que, comandada pelo general Emílio Garrastazu Médici, estimulava, em larga escala, o entusiasmo do povo brasileiro pelo futebol no intuito de desviar sua atenção das questões políticas, econômicas e sociais do Brasil e mascarar os atos de violência (perseguição, tortura e assassinato) cometidos contra os que questionavam o regime.

No entanto, como a censura imperava sobre os veículos de comunicação da época, era muito difícil ver um desses contra-discursos nas páginas do jornal, nas ondas do rádio ou na tela da TV.

Vale destacar, ainda, que a negação do consenso de que o futebol é uma unanimidade nacional, o maior e melhor bem da cultura brasileira, a crítica ao patriotismo incoerente da mídia, dos torcedores e das autoridades brasileiras durante uma Copa do Mundo e o questionamento da ampla identificação entre o Brasil e o futebol são procedimentos discursivos que, além de contribuírem para a construção discursiva de uma subjetividade diferente para o Brasil – como descrevemos anteriormente, menos eufórica com o futebol e mais preocupada com a situação política, econômica e social do país –, também ajudam a acrescentar, à imagem da *Folha de S. Paulo*, contornos democráticos e intelectuais. Contornos democráticos porque o jornal analisa a relação entre o Brasil e a Copa do Mundo por dois vieses diferentes: o consensual e o contra-sensual. Ou seja, dá voz tanto aos discursos que apóiam essa relação como aos discursos dissonantes. Contornos intelectuais porque, ao publicar também os contra-discursos, abre espaço ao questionamento e à reflexão, que, embora sejam assinados e publicados pelos colunistas, especialmente os membros do conselho editorial, também podem ser feitos pelo leitor quando este ler o jornal.

E falando em leitor, devemos dizer que essa abordagem discursiva múltipla apresentada pela *Folha de S. Paulo* certamente visa atingir e conquistar um público-alvo heterogêneo, aumentando a gama de leitores e, conseqüentemente, os lucros do jornal com venda de exemplares, assinaturas e contratos de publicidade.

Mesmo com a derrota para a Noruega, o Brasil classificou-se para a fase seguinte, isto é, as oitavas-de-final e enfrentou o Chile. Com dois gols de César Sampaio e dois de Ronaldo, a seleção não teve trabalho para vencer por 4 a 1.

O jogo seguinte, das quartas-de-final, colocou-nos contra a Dinamarca. Os escandinavos abriram o placar, mas não resistiram ao poder de fogo do ataque brasileiro, formado por Ronaldo, Bebeto e Rivaldo, que marcou, com um chute rasteiro de fora da área, o último gol da virada brasileira sobre a equipe dos irmãos Michael e Brian Laudrup por 3 a 2.

Nas semifinais, o Brasil tinha a Holanda pela frente. Assim como em 1994, era mais um teste de ferro, não somente por causa da forte tradição holandesa no futebol, mas também porque a Laranja Mecânica, alcunha da seleção holandesa, vinha sendo considerada a melhor equipe daquele Mundial.

Após um duelo eletrizante, que durou 120 minutos – os 90 minutos regulamentares e mais os 30 minutos de prorrogação – e terminou empatado em 1 a 1, o Brasil venceu por 4 a 2 nos pênaltis. Naquele jogo, brilharam o goleiro Taffarel, defendendo duas cobranças holandesas, e a dupla Ronaldinho-Rivaldo, que havia feito seu melhor jogo até então.

Na Copa de 1998, o Brasil chegava à sua sexta final. E contra a França, que, apesar de ser a anfitriã e contar com o apoio maciço da torcida, não tinha tradição e jogo suficientes para derrotar a seleção brasileira, ainda mais numa final de Copa.

A seqüência de vitórias e, principalmente, mais um triunfo do Brasil sobre a Holanda encheram de otimismo o discurso da crônica produzida pelos jornalistas esportivos – enquanto o discurso dos editores e colaboradores mantinha o tom moderado, as ressalvas a respeito do clima de euforia e as incertezas sobre o futuro da seleção naquela competição – e motivaram a reafirmação da identidade do futebol-espetáculo por meio do enaltecimento da maneira como atuaram os jogadores brasileiros, entre outros procedimentos discursivos:

- (35) Porque, seja como for, ninguém jogou nesta Copa, até agora ao menos, tanto quanto jogou a seleção brasileira nesta vitória consagrada. Uma vitória do futebol. (KFOURI, J. Nantes como nunca, 4 jul. 1998, p. 4).
- (36) Do mesmo modo que nós, brasileiros, disfarçamos a indiscutível superioridade que temos sobre quase o mundo inteiro neste ofício de jogar bola –Alemanha, Argentina e Itália são outra conversa–, usando um discurso sempre respeitoso, nossos adversários usam a tática inversa. (KFOURI, J. O general Verão, 23 jun. 1998, p. 4).

Como se pode notar em (36), o pronome “nós” volta à cena para, criando um efeito de coletividade, afirmar a superioridade que, no futebol, os brasileiros detêm sobre os outros povos. Além disso, a menção ao discurso respeitoso, remonta à cordialidade característica de uma identidade cultural brasileira que começou a ser construída ainda na carta de Caminha, como explicamos anteriormente.

Também, neste momento, é possível notar que o pronome “nós” volta a incorporar os brasileiros à seleção que se tornava favorita ao inédito pentacampeonato:

- (37) Apesar de tudo, o vinho da vitória embriaga e nada melhor do que a consciência que merecemos não apenas a vitória, mas o calor do vinho que alegra a mente, o coração e o gesto. [...] Bem, estamos mais uma vez na final de uma Copa. Pegando a França ou a Croácia, temos futebol suficiente para colocar mais uma estrela na camisa amarela da seleção. O “timing” da seleção é bom, a cada jogo se apresenta melhor. (CONY, C. H. O vinho da vitória, 8 jul. 1998, p. 5).

Com a seleção brasileira investida de favoritismo dos pés à cabeça, até a imagem do Brasil como nação, que vinha sendo tão espezinhada pela voz editorialista que ocupou parte do espaço crônica futebolística da *Folha* durante a Copa da França, ficou fortalecida por causa dessas vitórias. Nos excertos a seguir, observamos esse novo entrecruzamento discursivo entre futebol e política, em que o sintagma “Brasil” ora assume o sentido de nação promissora, ora o de equipe de futebol pronta para pôr as mãos na taça, numa harmonia animadora entre as performances nacionais na política e no esporte:

- (38) É a primeira vez que o Brasil une de forma tão harmoniosa o seu talento inigualado no futebol a uma projeção real como país [...] Em 1994 começamos uma fase nova. A vitória na Copa dos Estados Unidos, quase como um espelho, refletiu a vitória do Real, lançado enquanto avançávamos para a final contra a Itália. Vitórias trabalhadas, difíceis, mas empolgantes. A seleção recuperou a glória de 24 anos antes. Mas o país por trás das redes começava a mudar, e a mudar para valer. O time de Parreira não ficou mais isolado na sua vitória. Hoje, essa campanha brasileira na França mostra um futebol brilhante e respeitado que vai abrindo alas para um país infinitamente mais presente e atraente. (AZAMBUJA, M. Um país, um futebol e 20 mil embaixadores, 12 jul. 1998, p. 1).

- (39) Ingressos que custaram cerca de US\$ 50,00 nas mãos de cambistas que os revendem por não menos de US\$ 500,00. Desvio de entradas, lesando milhares de turistas que não puderam ver os jogos pelos quais pagaram com antecipação. Cenas da Copa de futebol num país de Primeiro Mundo.
Situações como essa gerariam uma crise de relevância internacional, caso tivessem ocorrido no Brasil. Os brasileiros seriam os primeiros a se mortificar diante da humanidade. (FARIA, A. C. *Très chic*, 10 jul. 1998, p. 1).

Em (39), Faria chama a atenção para os problemas envolvendo cambistas que superfaturavam ingressos para os jogos da Copa de 1998. Esse é um procedimento discursivo que aproxima as identidades de Brasil, um país de Terceiro Mundo, e França, componente do Primeiro Mundo, e defende a identidade nacional brasileira, sugerindo que o Brasil não seja inferior aos países desenvolvidos, pelo menos no que diz respeito à organização de espetáculos futebolísticos. Aliás, no segundo parágrafo, o enunciador critica a hipocrisia com que os discursos provenientes do Primeiro Mundo abordam nossas falhas, concebendo-as como geradoras de crises “de relevância internacional”.

No entanto, contrariando a grande maioria das expectativas, a França venceu o Brasil e impôs ao país do futebol sua pior derrota em finais de Copa do Mundo: 3 a 0, com dois gols do astro franco-argelino Zinedine Zidane.

Não obstante poucos acreditassem nos franceses, a verdade é que eles tinham sim suas virtudes. Formada quase inteiramente por jogadores atuantes nos melhores e mais badalados clubes da Europa, a seleção francesa teve o mérito de neutralizar os laterais Cafu e Roberto Carlos, bem como os atacantes Rivaldo, Bebeto e Ronaldinho, as “armas” ofensivas do Brasil naquela competição.

Mesmo assim, o discurso da crônica esportiva da *Folha de S. Paulo* preferiu destacar os deméritos da seleção brasileira, reforçando a idéia de que o Brasil perdeu para si próprio.

Em outras palavras, o discurso da crônica futebolística analisada fez nossa identidade, embora abalada por uma “zebra” ocorrida justamente numa final de Copa de Mundo, permanecer talentosa e vencedora a ponto de sermos derrotados apenas por nós mesmos. Como vinha sendo verificado ao longo de uma parte do trajeto discursivo analisado, o maior rival do Brasil era ele mesmo.

Neste sentido, acentuam-se as críticas ao menosprezo e à falta de seriedade e compromisso demonstrados pela seleção brasileira, e as críticas à incompetência e à desorganização dos dirigentes brasileiros, principalmente os da CBF, que foram apontadas anteriormente como prováveis causas do mau desempenho da seleção:

- (40) [...] pode-se ir com serenidade aos fatos: a Confederação Brasileira de Futebol é povoada por irresponsáveis e mentirosos. Seu médico, Lídio Toledo, dá entrevistas supondo que o Brasil é habitado por um bando de cretinos. (GASPARI, E. Lídio e seus idiotas, 15 jul. 1998, p. 1).
- (41) A seleção brasileira perdeu porque demonstrou certo menosprezo pelo time da França, achando que a qualquer momento poderia ir lá e marcar os gols que lhe assegurariam o título.
A segunda lição é de que no futebol, principalmente numa final de Copa do Mundo, o entusiasmo e a raça são indispensáveis. Faltou, sim, raça a alguns de nossos jogadores. Os jogadores da seleção brasileira – e esta não é a primeira vez que isso acontece – entram em campo mais preocupados com outras coisas do que com o rival, com o time que está do outro lado, por mais respeito que o time possa merecer. [...] Os jogadores agora precisam erguer a cabeça e estar preocupados em descobrir onde nós erramos. E não está difícil descobrir quais foram os erros, principalmente porque houve alguns jogadores para quem a Copa não parecia ser tão importante como realmente era. (SANTANA, T. A seleção perdeu por menosprezar seu rival, 13 jul. 1998, p. 3).

Nos trechos acima, nenhum dos enunciadores faz menção a qualquer qualidade da França, cujo treinador, Aimé Jacquet, colocou em prática estratégias defensivas e ofensivas que dificultariam a vida da seleção brasileira em qualquer circunstância, isto é, com ou sem menosprezo por parte dos jogadores brasileiros, com ou sem corrupção dos dirigentes – coisa

que sempre existiu, mas que é deixada de lado quando o Brasil vence –, com ou sem a crise nervosa de Ronaldinho.

Em (41), o emprego do pronome “nós” consolida a identidade nacional vitoriosa ao enfatizar novamente que a culpa pela derrota foi dos brasileiros, que, ao invés de reconhecer os acertos franceses, precisam descobrir onde erraram.

Por falar na tal crise nervosa de Ronaldinho, que permanece sem explicação contundente até hoje, o discurso da crônica, filiando-se ao saber do Brasil que perdeu para si mesmo, aliou os problemas supracitados à influência negativa exercida pela crise nervosa de Ronaldinho, sofrida poucas horas antes do jogo, sobre o grupo de jogadores:

- (42) O fato deixou a comissão técnica da seleção desesperada e provocou um racha na equipe antes do jogo decisivo da 16ª Copa do Mundo de futebol. Nas seis horas que se seguiram, até o início da partida contra a França, o Brasil perdeu o pentacampeonato. A derrota de 3 a 0 foi uma trágica consequência de acontecimentos que misturam despreparo, irresponsabilidade, incompetência e vaidade. (MARIANTE, J. H. A história secreta de Ronaldinho, 16 jul. 1998, p. 4).

No exemplo acima, as palavras “despreparo”, “irresponsabilidade”, “incompetência” e “vaidade” preenchem os sintagmas “Brasil” e “seleção”. Procurar falhas inerentes à própria seleção brasileira, e justificar a derrota para França por meio de delas era uma forma de corroborar a identidade fundadora do futebol brasileiro. Em outras palavras, ainda éramos os melhores, apesar do revés inesperado causado não pelas virtudes do oponente, mas sim pelos nossos próprios defeitos.

Ao enunciar que o Brasil perdeu o pentacampeonato nas seis horas anteriores ao jogo contra a França, Mariante credita a fatores internos, advindos dos bastidores da seleção brasileira, principalmente, o “racha”²⁰ na equipe por conta dos problemas de saúde

²⁰ Ainda não há um consenso da mídia esportiva sobre o que aconteceu com Ronaldinho horas antes da final da Copa do Mundo de 1998. Uma das versões sobre o caso conta que houve uma grande polêmica entre os jogadores da seleção brasileira a respeito da convocação do atacante para aquela última partida. Entre pressões de patrocinadores e dirigentes, essa polêmica teria “rachado”, isto é, dividido a equipe em dois grupos com

que acometeram Ronaldinho, para reafirmar a identidade do futebol brasileiro como a de melhor do mundo. Em (42), o discurso da crônica futebolística da *Folha de S. Paulo* também reafirma a identidade nacional brasileira, pois, além de o Brasil ser a sede desse melhor futebol do mundo (o futebol-arte, o futebol-espetáculo, então, tetracampeão mundial), o futebol é um dos elementos culturais que mais simboliza a identidade nacional do Brasil não apenas aos olhos do mundo todo, inclusive aos olhos do próprio povo brasileiro.

A análise com base no conceito de trajeto temático indicou que o processo de construção da identidade nacional realizado no e pelo discurso das crônicas futebolísticas publicadas na *Folha de S. Paulo* durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998 caracteriza-se por três movimentos: a construção de uma identidade nacional homogênea, a cisão dessa unidade identitária e a recuperação da identidade fundadora.

Às vésperas da Copa de 1994, a expectativa que costuma tomar conta de grande parte do Brasil nessas ocasiões, motivou a crônica futebolística a engendrar, no discurso, uma identidade nacional permeada pelo futebol-arte que, marcado pelo talento individual dos craques brasileiros, diferenciava a seleção brasileira das demais seleções concorrentes – principalmente, as européias –, exaltando a alegria, a criatividade e a descontração do estilo brasileiro e transformando o Brasil num país vitorioso, detentor do melhor futebol do mundo.

A ruptura dessa unidade eclodiu assim que a maneira de jogar da seleção brasileira apresentou-se completamente diferente da esperado pela torcida e pela crônica. Lançando mão de estratégias importadas da Europa, os treinadores Carlos Alberto Parreira e Mario Jorge Zagallo substituíram o espetáculo, ícone da identidade do futebol brasileiro, pelo

opiniões completamente divergentes. De um lado, um grupo de jogadores defendia que Ronaldinho, eleito pela FIFA como o melhor jogador do mundo na temporada precedente, entrasse para jogar. De outro lado, um grupo liderado pelo atacante reserva Edmundo, o substituto direto de Ronaldinho naquela final, exigia que o craque ficasse em observação numa clínica local, pois havia sofrido os sintomas de uma síncope semelhante a uma epilepsia e não ainda havia nenhuma certeza sobre seu estado de saúde. O “racha” teria destruído o espírito de equipe da seleção e comprometido decisivamente o desempenho dos jogadores brasileiros, que, como alguns discursos da mídia esportiva afirmavam, “não pareciam ser eles mesmo”.

futebol burocrático ou futebol de resultados, com o qual os brasileiros não se identificam. O estilo europeu da seleção brasileira de 1994 foi a condição de produção que provocou a des-subjetivação dos cronistas em relação à seleção brasileira. A materialização lingüística desse processo de cisão deu-se com o surgimento dos sintagmas “seleção de Parreira” e “time de Parreira e Zagallo”, empregados para distinguir a seleção brasileira como ela estava sendo – burocrática, rigidamente disciplinada, filiada às estratégias defensivas inventadas na Europa – da seleção brasileira como ela deveria ser – espetacular, alegre, cheia de dribles e gols.

Contudo, o Brasil conquistou aquela Copa. E o discurso da crônica reunificou a identidade nacional que havia produzido no pré-Copa, pois uma vitória é sempre bem-vinda no futebol, principalmente quando atinge proporções mundiais, uma vez que exhibe o país – e não apenas a equipe que o representou em campo – aos olhos do mundo inteiro.

Ademais, a condição de melhor do mundo no futebol corroborava a expectativa positiva que muitos brasileiros cultivavam sobre Plano Real, o plano econômico que impulsionaria o país rumo ao desenvolvimento.

Em 1998, notam-se os mesmos movimentos de homogeneização, heterogeneização e novamente homogeneização na construção da identidade nacional brasileira.

Com a seleção brasileira podendo contar com, pelo menos, cinco dos maiores craques da época, a expectativa era altíssima, o que provocou a afirmação de uma identidade nacional marcada pelos lances geniais e pelas vitórias do futebol.

A defesa dessa identidade era feita até mesmo quando a seleção não proporcionava o espetáculo que a torcida e a crônica estavam ávidos para assistir. Empregando o sintagma “não-sei-o-quê”, o discurso da crônica atribuía ao próprio futebol brasileiro a culpa pelas performances pífiadas da seleção, como a vitória apertada diante da Escócia e a derrota para a Noruega. Nessas situações, o destaque não era dado às virtudes dos

adversários, mas sim aos desentendimentos entre os craques brasileiros, à falta de entrosamento da equipe, à estrutura administrativa decadente do futebol brasileiro, entre outros fatores.

Paralelamente a esse processo e ocupando uma parte do espaço da crônica futebolística, discursos dissonantes produzidos pelos editorialistas e colaboradores da *Folha de S. Paulo* promoveram a criação de uma identidade nacional mais séria e desvinculada do futebol. Esses contra-discursos criticaram a participação preponderante do futebol na identidade cultural do Brasil, desaprovando a atitude das autoridades, da mídia e dos torcedores que davam mais atenção ao desempenho da seleção brasileira do que às questões políticas, econômicas e sociais do país.

A identidade nacional fundadora veio a se consolidar, com efeito, após a derrota do Brasil para França na final da Copa. Ao invés de elogiar o desempenho consistente dos franceses, o discurso das crônicas analisadas culpou o próprio Brasil por um revés que nem a grande maioria dos brasileiros, nem a própria crônica sequer cogitava remotamente. De acordo com o discurso da crônica, o Brasil, mesmo tendo perdido para a França numa final de Copa do Mundo, ainda era o melhor do mundo. Prova disso, é que perdera para si próprio, para as falhas de sua própria estrutura. Em outras palavras, a identidade nacional do Brasil construída no e pelo discurso da *Folha* em 1998 era a de um país tão imbatível no futebol que só uma equipe estava à altura de subjugar-lo: ele mesmo, melhor dizendo, seus erros.

Por fim, a partir dos resultados das análises aqui apresentadas, podemos concluir que a mídia esportiva impressa – representada, nesta pesquisa, pelas crônicas futebolísticas publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* – exerceu um poder regulador sobre a construção discursiva da identidade nacional brasileira durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, avaliamos como a mídia esportiva impressa, por intermédio de um arquivo de crônicas futebolísticas publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998, constituiu-se como um poder regulador na construção discursiva da identidade do futebol brasileiro e da identidade nacional brasileira.

Para tanto, mobilizamos alguns conceitos da AD francesa, representada notadamente por Michel Pêcheux e Michel Foucault – tais como, discurso, subjetividade, saber, poder, procedimentos discursivos, memória, entre outros –, e teorias de Boaventura de Sousa-Santos, Suely Rolnik e Stuart Hall, filiadas à Sociologia e à Antropologia, sobre um dos conceitos-chave desta pesquisa: a identidade.

Incrementamos nosso arcabouço teórico com os estudos de Alex Bellos, Franklin Foer e Simon Kuper sobre a relação entre o futebol e a sociedade em que é praticado, especialmente, o futebol brasileiro, um dos nossos temas.

Para a análise do arquivo de crônicas futebolísticas, adotamos a noção-conceito de trajeto temático, elaborado por Jacques Guilhaumou e Denise Maldidier, com base na qual percorremos as crônicas para verificar com que sentidos os sintagmas “futebol brasileiro”, “seleção brasileira” e “Brasil”, todos correlacionados ao tema desta pesquisa, foram preenchidos e em que condições sócio-históricas.

Os resultados da análise das crônicas publicadas durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998 apontaram para três momentos no processo de construção discursiva das identidades supracitadas, momentos que marcaram esse processo pelos movimentos de unidade ou homogeneidade, ruptura ou des-subjetivação e, por fim, restabelecimento da unidade fundadora.

Em 1994, embora a seleção brasileira não tenha atuado da maneira como é reconhecida aos olhos do mundo todo, inclusive os dos próprios brasileiros, um discurso em prol do futebol-arte, o que melhor caracteriza o Brasil, prevaleceu como forma de reafirmar e defender uma identidade nacional que afirma a superioridade brasileira sobre as demais seleções, sobre os demais países, nessa metáfora da conquista do mundo que é a Copa.

Mesmo não tendo se dado do jeito como os torcedores e a crônica esportiva gostariam – com dribles, criatividade, alegria e muitos gols –, o tetracampeonato permitiu que Parreira e Zagallo, treinador e assistente técnico da seleção, respectivamente, tivessem seus méritos reconhecidos por algumas vozes instauradas no interior da crônica, mostrando que, no futebol, a vitória é uma condição fundamental na produção de sentidos.

Além disso, o status de melhor do mundo dialogava muito bem com a expectativa positiva que grande parte do Brasil vivia em torno do Plano Real, que colocaria o país nos trilhos do desenvolvimento, a caminho do Primeiro Mundo.

Durante a Copa do Mundo de 1998, o processo de construção das identidades do futebol brasileiro e da nacional empreendido pelo discurso da crônica futebolística da *Folha* também foi marcado pelos mesmos três movimentos (afirmação da identidade nacional brasileira atravessada pelo futebol, negação desse consenso e reafirmação dessa identidade), que, ao invés de se subdividirem em três períodos, se desenvolveram simultaneamente.

De um lado, os jornalistas esportivos afirmavam nossa identidade nacional simbolizada pelo futebol-arte, lançando mão de discursos que sustentavam uma unidade subjetiva homogênea e fundadora: a do brasileiro alegre, criativo, habilidoso e vencedor, enfim, o artista da bola, o melhor do mundo, que só pode ser derrotado por si próprio.

Neste sentido, irrompe o sintagma “não-sei-o-quê”, apontado pela maioria dos cronistas como aquilo que estava faltando para a seleção brasileira deslanchar, colocar em campo sua identidade, digamos, genuína.

Como o Brasil acabou sendo derrotado pela França na final da competição, a identidade fundadora futebol brasileiro – e, conseqüentemente, do Brasil – foi mantida a partir do reforço da idéia de que o Brasil perdeu para si próprio, para seus próprios problemas, nomeadamente, a crise nervosa de Ronaldinho horas da final, os desentendimentos provocados na equipe por conta disso, o menosprezo dos jogadores brasileiros, a estrutura administrativa falida do nosso futebol, enfim, o “não-sei-o-quê” que ninguém conseguiu definir categoricamente.

No entanto, os membros do conselho editorial e dos colaboradores rejeitaram, por várias vezes, o consenso de que o futebol é uma unanimidade nacional. Apoiados nos aspectos negativos da política nacional, em algumas demonstrações irracionais de patriotismo, na apropriação hipócrita do futebol pela mídia e na ganância de alguns jogadores brasileiros, os contra-discursos, os discursos dissonantes dos editores e colaboradores questionaram a ampla identificação entre o Brasil e o futebol, e criticaram a conduta incoerente da mídia e dos torcedores brasileiros – inclusive dos políticos e de outras autoridades importantes – durante o Mundial.

A análise das crônicas futebolísticas publicadas na *Folha de S. Paulo* durante Copas do Mundo de 1994 e 1998, executada com base no conceito de trajeto temático, discurso, interdiscurso, memória discursiva, identidade etc., nos permite concluir que, no espaço das Copas supracitadas, a mídia esportiva impressa – representada, nesta pesquisa, pelas crônicas futebolísticas analisadas – exerceu um poder regulador sobre a construção discursiva da identidade nacional brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Stéréotypes et clichés**. Paris: Editions Nathan, 1997.

AZAMBUJA, M. Um país, um futebol e 20 mil embaixadores. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 1, 12 jul. 1998.

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BELLOS, A. **Futebol**. O Brasil em campo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BLOCH, M. **Apologie pour l'histoire ou métier d'historien**. Paris: Colin, 1949.

BURKE, P. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

CARVALHO, N. F. Estruturas Semânticas no Léxico de Futebol. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 75-102, 1996.

COELHO, M. A tentação de terminar tudo em carnaval. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 5, 15 jul. 1998.

_____. O Brasil não é mais um país-criança. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 5, 10 jun. 1998.

_____. Parreira triunfa sem o futebol-espetáculo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 6, 20 jul. 1994.

CONY, C. H. Lambendo feridas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 26 jun. 1998.

_____. O vinho da vitória. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 5, 8 jul 1998.

CORACINI, M. J. Sujeito, identidade e arquivo. Entre a possibilidade e a necessidade de dizer(-se). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT: PERSPECTIVAS. 2004, Florianópolis. **Anais digitais do Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas**. Florianópolis: 2004. CD-ROM.

COURTINE, J. J. O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (orgs.). **Os múltiplos territórios do discurso**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

COUTO, J. G. Alá-la-ô, seleção, e a turma da Rvatska. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 18 jun. 1998.

CRUYFF, J. Brasil tem tudo para ser campeão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 6, 9 jun. 1994.

DAMATTA, R. **O que faz do Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DOSSE, F. **História em migalhas**. Dos *Annales* à Nova História. São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

FARIA, A. C. Très chic. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 1, 10 jul. 1998.

FEBVRE, L. Ni histoire à these ni histoire-manuel. Entre Benda et Seignobos. In: FEBVRE, L. (org.) **Combats pour l'histoire**. Paris: Colin, 1953. p. 80-98.

FELINTO, M. Farinha européia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 4 jul. 1998.

_____. Seleção de mulatos feios. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 12 jul. 1998.

_____. Sensualité, sexualité. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 8 jun. 1998.

FERNÁNDEZ, M. C. L. O. **Futebol** – Fenômeno lingüístico. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

FOER, F. **How soccer explains the world**. Nova Iorque: Harper Collins, 2004.

FONTENELLE, A. Time brasileiro ainda não convenceu a todos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 5, 16 jun. 1994.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P; DREYFUS, H. (orgs.). **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. Retornar à história. In: _____. **Ditos e escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 282-295.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FREITAS FILHO, L. A cobertura esportiva no rádio e no jornal. In: DIEGUEZ, G. K. (org.). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 51-59.

FROMER, M.; REIS, N. Independência (ou morte) é hoje. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 11, 4 jul. 1994.

_____. Quem são, afinal, os verdadeiros heróis? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 12, 16 jul. 1994.

_____. Time de Parreira deixa os torcedores à míngua. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 7, 10 jul. 1994.

GABEIRA, F. A pátria de chuteiras e o centroavante que faz gols. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Ilustrada, p. 6, 8 jun. 1998.

GANCIA, B. Torcedor tapuia confunde alhos com bugalhos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 3, 8 jul. 1998.

GASPARI, E. Lídio e seus idiotas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 1, 15 jul. 1998.

GREGOLIN, M. R. V. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso** – Diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. Michel Foucault: o discurso nas tramas da história. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (orgs.). **Análise do Discurso: Unidade e dispersão**. Uberlândia: Entremeios, 2004. p. 19-42.

GUATTARI, F. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, A. (org.). **Imagem máquina**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. p. 177-191.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUILHAUMOU, J. Os historiadores do discurso e a noção-conceito de formação discursiva: narrativa de uma transvaliação imanente. **Revista Ecos**, Cáceres: Editora UNEMAT, n.º 3, p. 107-115, jun. 2005.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A Análise do Discurso no lado da História. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura: Da História no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 163-183.

HALBWACHS, M. **Mémoires collectives**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HELENA JÚNIOR, A. Quebra de tradição. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 10 jun. 1998.

_____. Só queríamos uma seleção mais moleque. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 3, 22 jul. 1994.

_____. Suécia só deu alegria ao Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 5, 28 jun. 1994.

HOBBSAWN, E. **Nações e nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

KFOURI, J. Esconde-esconde. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 2, 2 jun. 1998.

_____. Nantes como nunca. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 4 jul. 1998.

_____. O general Verão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 23 jun. 1998.

_____. Tradição a ser vencida. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 2, 24 jun. 1998.

KFOURI, J.; COELHO, P. V. Gloriosa caminhada. **Placar**, São Paulo: Editora Abril, n.º 8 (ed. especial); p. 9-11, jul. 1994.

KUPER, S. **Football against the enemy**. Londres: Phoenix, 1996.

LANCELOTTI, S. Ataque brasileiro é o menos eficiente até agora. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 3, 1º jul. 1994.

LE GOFF, J. **Memória e história**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MALDIDIER, D. (Re)lire Michel Pêcheux Aujourd'hui. In: PÊCHEUX, M. **L'Inquiétude du Discours**: Textes choisis par D. Maldidier. Paris: Cendres, 1990.

MARIANI, B. S. C. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a revolução de 30. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (orgs.). **Os múltiplos territórios do discurso**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999. p. 102-121.

MARIANTE, J. H. A história secreta de Ronaldinho. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 16 jul. 1998.

MILAN, B. **O país da bola**. São Paulo: Record, 1998.

NAVARRO-BARBOSA, P. L. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, M. R. V. (org.). **Discurso e mídia: A cultura do espetáculo**. São Carlos: Clara Luz, 2003. p. 111-124.

NORA, P. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1985.

OHTAKE, R. Criatividade faz do Brasil a vanguarda do futebol. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 12, 16 jun. 1994.

ORLANDI, E. P. **Discurso e entremeio**. Campinas: Unicamp, 1996.

PÊCHEUX, M. **Discurso: Estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 1988.

_____. Ler o arquivo hoje? In: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura: Da História no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 55-66.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Semântica e discurso**. Campinas: Unicamp, 1997.

POLONIO, M. Discurso político e publicidade no governo Lula: a construção da identidade nacional. **Estudos Linguísticos**, São Carlos, n.º 35; p. 1453-62, 2006. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/622.pdf>>. Acesso em: 1º mar. 2007.

ROLNIK, S. Uma insólita viagem à subjetividade. Fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, D. (org.). **Cultura e subjetividade**. Saberes nômades. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2000. p. 25-34.

ROSSI, C. A seleção que fica sempre no quase. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 24 jun. 1998.

_____. Confissões de quem não torce por decreto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 5 jun. 1998.

_____. Em busca do jogo que a seleção “escondeu”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 2 jun. 1998.

_____. FHC, lembre-se de Carlos Alberto Parreira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 22 jun. 1998.

_____. Menos biquinho, mais futebol. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 27 jun. 1998.

SANTANA, T. A seleção perdeu por menosprezar seu rival. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 3, 13 jul. 1998.

_____. As opções de Zagallo para mudar a seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 3, 14 jun. 1998.

_____. Briga vem em hora ruim para a seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 3, 5 jun. 1998.

_____. Copa dos EUA será melhor que a da Itália. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 3, 17 jun. 1994.

_____. No jogo dos invictos, Brasil leva vantagem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 3, 13 jul. 1994.

SILVA, E. O. O esporte como filão publicitário. In: DIEGUEZ, G. K. (org.). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 40-50.

SOUSA SANTOS, B. **Pela mão de Alice**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SUZUKI, M. Brasil passou pela partida fundamental. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 2, 10 jul. 1994.

_____. Brasil teve uma vitória constrangedora. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 2, 5 jul. 1994

_____. Nada muda, até os erros são os mesmos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 2, 26 jun. 1994.

_____. No mínimo 1. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 2, 10 jun. 1998.

ANEXO A – Crônicas futebolísticas publicadas na *Folha de S. Paulo* durante a Copa do Mundo de 1994

Brasil tem tudo para ser campeão

A defesa é boa e o ataque é mortal

Autor: JOHAN CRUYFF

Editoria: ESPORTE Página: 6

Edição: Nacional JUN 9, 1994

O Brasil é sempre uma seleção que precisa ser levada em conta na hora de fazer os prognósticos de um Mundial.

Além dessa premissa, neste Campeonato do Mundo a seleção brasileira pode e deve lutar pelo título, porque possui todos os ingredientes para fazê-lo.

A equipe possui uma boa defesa, um meio-campo técnico e um ataque mortal.

O Brasil foi de menos a mais. A verdade é que, na fase de classificação, parecia uma seleção sem idéias, sem ambição e sem “punch” no ataque.

Com a chegada de Romário, a equipe se transformou, e não porque tenha mudado o estilo de jogo, mas pelo fato de que agora todos os jogadores sabem que podem ganhar de qualquer rival em qualquer momento.

Jorginho e Cafu são bons jogadores na hora de iniciar o futebol pelas laterais do campo desde a defesa.

Quando a bola chega ao meio-campo, Raí, Mauro Silva, Zinho e Dunga são capazes de retê-la todo o tempo necessário até que os dois atacantes, Bebeto e Romário, consigam a melhor posição para marcar.

O mais importante é manter a posse da bola, não ter pressa e movê-la até que o time adversário deixe um mínimo espaço para levar o bote, e isso o Brasil sabe fazer.

O exemplo da partida contra a Argentina tem que servir para que todos se convençam de que esta seleção brasileira pode lutar pelo título.

No Mundial de 82, o Brasil ofereceu o melhor espetáculo de todos e não foi campeão.

Apesar disso, sempre que se fala da Copa disputada na Espanha, todo mundo recorda o grande futebol da seleção dirigida por Telê Santana.

Todos sabemos que Zico, Sócrates, Falcão, Júnior e Éder foram os campeões morais daquele campeonato.

Agora, o Brasil pode recuperar parte da magia daquela equipe, sem esquecer que o objetivo sempre é o de ganhar.

Time brasileiro ainda não convenceu a todos

Autor: ANDRÉ FONTENELLE

Editoria: ESPORTE Página: 5

Edição: Nacional JUN 16, 1994

Favorita eterna ao título mundial, a seleção brasileira chega à Copa do Mundo cercada por expectativa e dúvidas.

As dúvidas vêm, principalmente, do comportamento da defesa, que deixou a desejar nos amistosos de preparação.

A expectativa vem do ataque. Poucas vezes um jogador concentrou tanta responsabilidade em torno de si quanto Romário.

A ausência do atacante do Barcelona (Espanha) na maior parte das eliminatórias contribuiu para aumentar a aura em torno do jogador, enquanto a seleção sofria nos jogos fora de casa.

Nunca o Brasil temeu tanto ser eliminado da Copa do Mundo. Após empatar com o Equador e perder para a Bolívia nos dois primeiros jogos, a situação era difícil.

O time se recuperou em casa e acabou no primeiro lugar da chave. Romário foi convocado para o último jogo, contra o Uruguai, no Maracanã, e marcou os dois gols que garantiram a classificação.

Uma vez classificada, a seleção se deparou com a dificuldade para se reunir e se preparar. Este ano, conseguiu realizar apenas seis amistosos, apenas um deles contra uma seleção de alto nível (Argentina, em março, em Recife).

Além disso, o técnico Carlos Alberto Parreira não pôde contar nunca com o time completo. Romário não participou de nenhum jogo de preparação antes do embarque para os EUA.

Romário não é, porém, o único enigma do Brasil.

Os problemas começam no gol, onde, para muitos, deveria estar Zetti, do São Paulo, e não Taffarel, da Reggiana (Itália).

O goleiro titular da Copa de 90 não voltou à sua melhor forma desde que foi barrado no Parma (Itália).

Na defesa, o desempenho de Branco deixa a desejar, mas seu substituto, Leonardo, joga como meia no São Paulo e está desacostumado com a lateral.

Raí, em má fase no Paris Saint-Germain (França), recebeu um voto de confiança de Parreira, mas ainda não correspondeu. Zinho também desperta dúvidas.

Na frente, grande parte da imprensa critica a decisão de Parreira de escalar apenas dois atacantes, Bebeto e Romário.

No entanto, este é o setor com menos problemas, devido à forma exuberante de Romário e à presença de bons reservas, Ronaldo, Viola e Muller.

A primeira fase não deve ser problema para a seleção. A questão é saber se ela está pronta para enfrentar equipes bem armadas como a Colômbia, mais bem preparada para o Mundial.

Criatividade faz do Brasil a vanguarda do futebol

Autor: RUY OHTAKE

Editoria: Esporte Página: 12

Edição: Nacional JUN 16, 1994

Outro dia, almoçando com Adhemar Ferreira da Silva, ele dizia da sua preparação aos grandes títulos que conquistou. Que freqüentemente, seu técnico de então, o abnegado Dietrich Gerner, pagava-lhe a condução -o bonde para a pista do Canindé- além do lanche reforçado, sempre com a paternal recomendação para se alimentar bem. Por isso, acho que constituímos um país singular: tantos desajustes sociais e desacertos econômicos não poderiam produzir esportistas campeões, sobrepujando os superpreparados atletas do primeiro mundo.

Foi emocionante ver Alessandra, Leila e Ruth ao lado de Paula, Hortência e Janete conquistarem o Campeonato Mundial de Basquete Feminino. Com toda certeza aquelas três meninas conseguiram superar a infância e a adolescência difíceis. Quase inacreditáveis. E ganharam garbosamente suas medalhas de ouro. Sem falar nas recentes conquistas do voleibol masculino.

Esse é o potencial do nosso país, que certamente se concretizará quando for possível incorporar todos os jovens numa educação digna. Porque talento e criatividade não nos faltam. Principalmente no futebol.

Gosto de assistir o futebol. Freqüentemente vejo pela televisão jogos do campeonato europeu, que Silvio Lancellotti, uma verdadeira enciclopédia, comenta de uma forma muito interessante. Inteligente. E assisto vários jogadores considerados estrelas européias. O Roberto Baggio, artilheiro italiano. O Brolin, atacante sueco, jogando no Parma. O Lothar Matthaus, festejado armador alemão. Ótimos jogadores, necessariamente oportunistas.

Mas, acho que o craque é Romário.

Tem lampejo de gênio que faz o gol, que decide a partida. Por exemplo: aquele gol contra o Canadá quando enganou cinco defensores, com cinco dribles diferentes em cinco segundos, para fazer um gol tranqüilamente; e outros como aquele em que dá um toque de bola pelo lado esquerdo do goleiro para avançar pelo lado direito e ao perceber que o mesmo vai alcançá-lo, para cometer o pênalti, subitamente volta pelo mesmo lado da bola, ficando fora de alcance, fazendo mais um gol. O desvio dessa sua corrida também é coisa de craque. Não há tempo para raciocínio. Só o lampejo do gênio. Seu olhar que a televisão mostrou em close é o olhar que me lembra o de Pelé: a dominar o destino da bola.

Penso que arte e esporte têm muita coisa em comum. A nossa música popular, reconhecida internacionalmente como uma das manifestações independentes mais significativas do mundo. Pela alta qualidade criativa, que até dispensa as gigantescas produções inerentes aos shows de Madonna ou de Michael Jackson. Um simples violão é suficiente para acompanhar toda exuberante musicalidade de um Chico Buarque de Hollanda, de um Caetano Veloso e de tantos outros. Porque toda ênfase está na criatividade.

Torço para que a criatividade dos nossos jogadores seja muito mais ousada que qualquer esquema tático a ser adotado pela seleção.

Para cada inovação surge uma estratégia que tenta anular a criação. Mas a criatividade está sempre à frente, na vanguarda, por isso é inovadora e, as táticas são esboçadas, para que os médios e os medíocres possam bloquear os criadores.

Quando o Brasil foi campeão em 58, o time era escalado com o goleiro, dois zagueiros, três médios e cinco atacantes. Veja só, cinco atacantes. Aí os europeus começaram a inventar os esquemas defensivos para anular a criatividade brasileira e sul-americana. Eu me lembro que surgiram, desde um tal de MW, até um ridículo 4-5-1. Sem falar no “todo mundo

ataca e todo mundo defende”, é o “futebol moderno”. Ninguém me tira da cabeça que são todos, todos esquemas adequados aos europeus: sem muita criatividade, compensada por ampla preparação atlética, desde a infância, originando o chamado futebol força.

O Brasil, além de tricampeão, foi em duas outras Copas a melhor seleção: em 1950, na inauguração do Maracanã, e em 1982, na ainda recente campanha na Espanha. Portanto, das onze Copas realizadas após a guerra, fomos os melhores em cinco delas: levamos três. Com futebol maravilhoso, que a todos deslumbrou. E não imitadores, e muito menos defensivos. Esse fortíssimo retrospecto nos coloca na posição de autêntica vanguarda do futebol. Que deve ser conduzida com a ousadia de quem acredita. De quem tem craques.

Copa dos EUA será melhor que a da Itália

Autor: TELÊ SANTANA

Editoria: ESPORTE Página: 3

Edição: Nacional JUN 17, 1994

Começa hoje uma Copa do Mundo que, tenho certeza, será bem melhor do que a de quatro anos atrás.

Mais técnica, menos violência e, acima de tudo, mais gols, é o mínimo que esperamos do que vai acontecer a partir de hoje nos Estados Unidos, este país de pouco futebol.

Na Itália, tivemos a pior Copa da história. Nela prevaleceu justamente o oposto: os sistemas defensivos, arbitragens tolerantes com o pontapé e poucos gols.

Basta dizer que a Argentina marcou, em sete jogos, apenas cinco gols. Se tivesse empatado em 0 a 0 com a Alemanha, na final, e ganho o título nos pênaltis, teria sido campeã com menos de um gol por jogo.

Espero aqui, entre outras coisas, um Brasil mais ofensivo, jogando com a consciência de que, agora, cada vitória vale três pontos.

Um futebol como o nosso não pode jogar para empate. Temos, talvez, o melhor elenco dos 24 presentes nesta Copa. Acredito nele.

Tenho expectativas otimistas também em relação ao progresso do futebol africano e à qualidade das arbitragens.

As recomendações da Fifa aos árbitros são no sentido de não deixarem o antifutebol entrar em campo. Embora, no Brasil, o nosso Renato Marsiglia não se preocupe muito com isso.

Se podemos nos orgulhar de nosso futebol, não podemos dizer o mesmo dos nossos árbitros, aqui representados exatamente por Marsiglia.

Falando em futebol, em bom futebol, devemos saudar a chegada de Ronaldão aos Estados Unidos.

É de estranhar que tenha sido preciso saírem dois para que ele tivesse um lugar entre os quatro zagueiros da seleção brasileira. Na verdade, ele já deveria estar entre os 22 chamados no primeiro momento.

Ronaldão é jogador de seleção. Sério, dono de uma raça impressionante, marcador implacável, excelente no jogo pelo alto. Em resumo, uma muralha.

Conheço-o mais do que bem. Quando cheguei ao São Paulo, ele andava meio por baixo. Por uma necessidade, desloquei-o da zaga para o meio campo.

Fui muito criticado por isso. Não entendiam que, com Ronaldão naquele setor, jogadores como Leonardo tinham cobertura adequada para se lançarem ao ataque.

Pode não ser dono de grande técnica, seu futebol talvez não seja muito refinado, mas tem um invejável vigor físico.

Não é tarefa fácil passar por ele. Considero-o um dos melhores zagueiros do Brasil. Se entrar no time, não sairá mais.

Somem-se a tudo isso o seu caráter e a sua personalidade. Já estava de malas prontas para ir jogar no Japão e aparecia todos os dias para treinar no São Paulo, como se ainda estivesse no clube.

São de jogadores e homens como este que o futebol está precisando.

Suécia só deu alegria ao Brasil

Autor: ALBERTO HELENA JR.

Editoria: ESPORTE Página: 5

Edição: Nacional JUN 28, 1994

A Suécia só nos traz boas lembranças. Desde a Copa da França, em 38, quando goleamos os suecos por 4 a 2 e ficamos com o terceiro lugar. Em 50, os suecos entraram na dança, junto com a Espanha, ao som da marchinha “Touradas em Madri”, duas goleadas históricas, que nos lavaram a alma e nos levaram à perdição: 7 a 1.

E foi contra a mesma Suécia, também numa goleada -5 a 2-, que levantamos o caneco pela primeira vez, em 58. Por fim, na Itália, há quatro anos, 2 a 0. Mas ficou um travo amargo, em 78, na Argentina, quando empatamos de 1 a 1. Não contra os suecos, que sempre foram impecáveis. Mas contra aquele juiz ladrão que apitou o final do primeiro tempo quando a bola alçava vôo em direção à cabeçada certeira de Zico, na cobrança de um escanteio, anulando um gol legítimo.

Hoje, em Detroit, estaremos novamente frente à frente. E nada neste mundo me faz supor que podemos ter uma surpresa. Nosso time não está aqui para brilhar. Mais que isso: esconjura o brilho, o show, o espetáculo. Tem plena consciência de suas limitações e nítida visão de seu objetivo: quer simplesmente ganhar a Copa, modestamente, opacamente, burocraticamente, não importa. E é o que está fazendo até agora: gol indevassado e cinco bolas nas redes russas e camaronesas.

Já a Suécia, muito longe daquele futebol encantador de 58 e 74, caminha nesta Copa meio reticente. Um empate aqui, com Camarões, uma vitória de virada, suada, com um gol de pênalti ali na Rússia, e assim chega diante do Brasil, sem maiores pretensões, senão um empate que lhe dê chances de continuar viva na Copa. Talvez até uma derrota digna lhe assegure essa oportunidade.

Logo, o que temer? Tem, duas coisas: a nossa soberba e as bolas altas dos suecos na área brasileira. Isso, porque não boto fé na saída de gol de Taffarel (incrível: mas esse moço era quase perfeito nisso, tempos atrás!). E, embora Márcio Santos seja um bom espanador da lua, seu parceiro de zaga, Aldair, tem falhado nesses lances com certa frequência.

Então, ficamos assim: uma cabeçada loura e gol. Pronto. Acabou a festa, pois Romário vai lá e tira a diferença. O resto é bola rolando daqui pra lá, de lá pra cá, até o apito final.

Independência (ou morte) é hoje

Autor: MARCELO FROMER; NANDO REIS

Editoria: ESPORTE Página: 11

Edição: Nacional JUL 4, 1994

É verdade que estamos todos um pouco desconfiados, apesar do nosso franco favoritismo perante o esforçado selecionado dos Estados Unidos.

Também pudera, o nosso técnico é o único que não se apercebeu de que este time dos “sonhos”, nada mais tem sido que um grande pesadelo para nós brasileiros.

A conformação das chaves para esta Copa do Mundo tem-nos sido extremamente favorável.

E ao que tudo indica assim será até o fim, onde então os prognósticos darão lugar ao imprevisível, e provavelmente nós estaremos lá disputando a unhas e dentes o tão esperado tetra.

E nós, talvez a expressão máxima do pessimismo desde que esta dupla de retrógrados assumiu o comando da seleção, não vemos outra saída senão a de torcer.

Sim, porque o nível de inflexibilidade atingido por Parreira atingiu as raias da loucura. Nem sequer os jogadores por ele convocados lhe servem para coisa alguma.

É a teimosia que reina absoluta. Para aqueles que, como nós, esperavam que o Brasil nada mais fosse que a pura expressão do futebol que aqui jogamos, é chegada a hora de deixar o orgulho de lado.

É preciso mostrar para os norte-americanos que pelo menos em uma coisa nós somos melhores que eles. No trato com a bola.

Hoje é o 4 de Julho, dia da independência para eles. Para nós, o dia da independência ou morte.

Time de Parreira deixa os torcedores à míngua

Autor: MARCELO FROMER; NANDO REIS

Editoria: ESPORTE Página: 7

Edição: Nacional JUL 10, 1994

Que estranho time é esse que há muito já deixou de ser brasileiro?

É um time estranho, pois já deixou de representar o futebol de seu próprio país, abandonando à míngua os seus torcedores.

É um time estranho que durante a Copa foi abandonando, também, seus jogadores.

Os nossos craques já não se reconhecem nesse time (alguns já nem mesmo cabem dentro dele) e, conseqüentemente, apresentam um futebol irreconhecível.

Vejam os casos do Raí, há pouco tempo tido como o maior craque do país, campeão de todos os torneios que disputou. Ele nunca conseguiu reproduzir, dentro dessa seleção, o seu melhor futebol. Acabou por ser afastado de uma maneira cínica e sobretudo inútil, demonstrando que dentro desse time cabem poucos jogadores.

Outro exemplo é o Zinho, representante do último time brasileiro a ganhar todos os torneios que disputou. Ele também não consegue jogar bem nessa seleção e muitos pedem a sua cabeça.

Se analisarmos cada um dos nossos jogadores, talvez somente se salve a estrela solitária do Romário, que nunca precisou, nem precisará de time algum: joga sozinho e para si.

Então chegamos a uma estranha encruzilhada. Ou os jogadores brasileiros formam um bando de pernas-de-pau ou há algum fenômeno que os impede de jogar.

Por isso, voltamos ao princípio desse raciocínio para chegar à seguinte conclusão: se esse time não representa mais o futebol brasileiro, se ele não representa também os torcedores e nem mesmo os seus jogadores, quem ele representa afinal?

Ele representa apenas o Parreira. O problema é que o Parreira não representa nada.

Nada muda, até os erros são os mesmos

Autor: MATINAS SUZUKI JR.

Editoria: ESPORTE Página: 2

Edição: Nacional JUN 29, 1994

Meus amigos, meus inimigos, o time idealizado por Parreira voltou a mostrar os mesmos erros e defeitos dos dois primeiros jogos do Brasil.

Com uma diferença, como esta coluna dizia ontem. O Brasil pegava seu primeiro adversário organizado taticamente. Um time sem craques diferenciais, mas bem treinado e eficiente dentro do campo.

Rússia e Camarões, times juntados às pressas, não tinha objetivo quando dominavam a bola. Não tinham jogadas treinadas. Não se organizavam, nem se posicionavam dentro do campo.

Evidentemente, este não é o caso da Suécia, um time quase geométrico, com as suas peças dispostas com o rigor de um jogo de xadrez. E um time que joga junto há bastante tempo.

Além disso, o esquema idealizado por Parreira Copa é muito previsível: Raí por um lado, Zinho por outro, tentativa de subida ao ataque dos laterais. Todos os técnicos adversários já manjaram.

Resultado: os suecos entraram com Larsson (7), pela direita, barrando a subida do Leonardo e o grandalhão Ingesson (8), o bárbaro, tentando segurar o Jorginho pelo seu lado esquerdo.

Se Bebeto e Romário, à frente, tivessem a mobilidade que mostraram até agora Caniggia e Batistuta, por exemplo, da Argentina, o esquema funcionaria melhor. Mas suas características são outras.

Também como nos dois primeiros jogos, o espaço de criação (e até de conclusão de longa distância) abriu-se para Mauro Silva e Dunga. Mas os dois duplicam funções e são ineficientes.

(A Argentina também está jogando com dois volantes –ou dois cabeças-de-área, como se diz por aí. Mas Simeone fica mais plantado e Redondo sai para fornecer condições de jogo ao ataque).

Outro ponto importante é a falta de velocidade na saída da bola. Com a entrada de Mazinho no segundo tempo, o time adquiriu mais mobilidade e melhorou um pouco a velocidade do toque de bola.

Então bye, bye. Que eu estou saindo do jogo correndo para pegar o vôo das 20h. Eu, o cavaleiro solitário. Eu, o caubói urbano. Eu no meu Paris, Texas.

Ou melhor, Detroit, Texas. Da terra do carro para a terra do cavalo. Nesta terra de caubóis do asfalto. “El reportero cibernético”, o descobridor dos sete ares cavalgando com botas de sete léguas.

Amanhã tem Holanda. Holanda em Orlando. A laranja mecânica perdeu o caldo. Para os limões mecânicos da Nigéria. O etno fut da elegância total. E depois, Dallas. Atrás do dólar furado.

Dos bulls de Barretos para os bulls de Chicago. Ou melhor, Chica-gol. Ou o chica chica boom da Carmem Miranda. Porque Chicago é 10. É o 10 que falta à seleção brasileira. Chicago é chic.

Do restaurante do Michael Jordan, dos touros de Chicago, para os cavalos do Texas. Como o espírito indomável dos mustangs –o “muscle car” emblemático que virou canção pop no Brasil.

Para o Texas como um maverick rebelde na tradição de Orson Welles. Como os mavericks desta Copa são os argentinos, os desgarrados do rebanho. Para o Texas para ver o kid don Diego Armando.

Brasil teve uma vitória constrangedora

Autor: MATINAS SUZUKI JR.

Editoria: ESPORTE Página: 2

Edição: Nacional JUL 5, 1994

Meus amigos, meus inimigos, ufa!, o Brasil escapou de dar o seu maior vexame na história das Copas do Mundo. Foi uma vitória constrangedora de um time medíocre e sem imaginação.

Um futebol sem personalidade e medroso. O Brasil, pasme, contra um dos adversários mais fracos das oitavas, contribuiu para baixar a média de gols nesta fase do torneio.

Bora Milutinovic não se intimidou e preparou um time que joga ajustadinho para enfrentar o Brasil sem retrancas. Cumpriu exemplarmente o seu papel.

Temos agora a Holanda. É o adversário mais perigoso que a seleção jogará.

Tem um meio-de-campo lento como o nosso. Mas tem um bom ataque. Na teoria, será um jogo mais aberto, embora Koeman conheça bem Bebeto e Romário e fará sugestões para a marcação.

É um jogo que poderá exigir criatividade do time brasileiro. E mais velocidade.

Até agora, duas mercadorias em falta no time de Carlos Alberto Parreira.

A Argentina saiu anteontem do Mundial em Los Angeles por causa de um jogador dopado. Um grande filósofo alemão já discorreu sobre o crepúsculo que pode atingir os deuses.

Os anjos do nome daquela cidade ficam perto dos deuses da mitologia moderna, o cinema. Os anjos ficam ao lado do Éden: Hollywood. Um lugar no mundo que conhece bem os deuses malditos.

Maradona tentou construir a sua volta como queria voltar a atriz do filme "Sunset Boulevard" (nome da mais bela rua daquela cidade). Os dois encontraram o fim nesta Meca da mitologia moderna.

Maradona, o maior jogador portenho (o que não é pouco), o segundo no mundo depois de Pelé, o único a ganhar uma Copa sozinho, pode ser "escobarizado" (no sentido metafórico, é claro) em seu país.

Foi chamado de "cachorro" pela torcida. Nós, os passionais abaixo do Rio Grande, somos pródigos em expiar as nossas culpas. Desde que se ache um grande e único culpado.

Nas Copas, principalmente nas etapas finais, qualquer detalhe pode ser fatal. Em um campeonato normal, 48h podem ser consideradas suficientes para a recuperação de um time. Em Copa, não.

A Bélgica, até o último minuto da classificação, era a primeira colocada do grupo. Perdeu e ficou em terceiro. Foi para Chicago jogar 48h depois. Não contava nem com um nem com outro. Está fora.

Com a Argentina ocorreu a mesma coisa. Era a primeira. Teve o caso Maradona. Perdeu a cabeça. Perdeu o jogo para a Bulgária. Ficou em terceiro. Não contava jogar em Los Angeles, 48h depois.

Também está fora. Enquanto isto, a Alemanha cumpriu o seu planejamento. E teve oito dias para recuperação do time e para esperar o adversário, que sai do jogo do México contra a Bulgária.

Em Copa, os deuses (crepusculares ou não) também estão nos detalhes.

*

"Era mas difícil botar-lo do que meter-lo".

Do locutor da cadeia de rádio Caracol, ontem, comentando um gol perdido do atacante Bergkamp, da Holanda.

Ataque brasileiro é o menos eficiente até agora

Autor: SÍLVIO LANCELOTTI

Editoria: ESPORTE Página: 3

Edição: Nacional JUL 1, 1994

O exame das estatísticas da Copa demonstra que o Brasil ostenta um dos ataques menos eficientes e uma das retaguardas mais apelativas do Mundial.

Basta comparar os seus números com aqueles das seleções já eliminadas para constatar a impotência do time de Parreira & Zagalo.

De acordo com os dados oficiais da Fifa e dos dados do Datafolha, com apenas 47 finalizações em 270 minutos de futebol, o Brasil fica atrás da Bolívia (48), Colômbia (56), Marrocos (61) e Coréia do Sul (63).

Vai tão desconjuntadamente à frente o Brasil que pouquíssimos escanteios obtém. Até agora, bateu somente dez, como o time patético de Camarões –e abaixo da Bolívia (14), do Marrocos (17), da Noruega (19), da Coréia do Sul (20) e da Colômbia (22). Felizmente a seleção nacional consegue atingir o alvo inimigo nas ocasiões cruciais. Em pontaria, a sua média de acertos está na casa dos 51%, sem contar o pênalti de Raí.

Na defesa, ao lado da Coréia do Sul, o Brasil é por enquanto o vice-campeão dos chutões. Mandou a pelota além das linhas laterais em 60 oportunidades. Pior somente a Noruega, 68. O Marrocos e a Bolívia detonaram a bola 58 vezes. A Colômbia, 54. Camarões, 48. Aliás, nem mesmo faltas o Brasil induz os seus adversários a cometerem. Sofreu 34 infrações contra as 37 do Marrocos, as 41 da Coréia e as 63 da Bolívia. (SL)

No jogo dos invictos, Brasil leva vantagem

Autor: TELÊ SANTANA

Editoria: ESPORTE Página: 3

Edição: Nacional JUL 13, 1994

Brasil e Suécia. As duas últimas seleções invictas numa Copa cheia de altos e baixos se enfrentam nas semifinais. Normalmente, surpresas à parte, as chances maiores são nossas.

Vi o jogo anterior, em Detroit, e acho que o Brasil cumpriu naquele dia sua atuação menos convincente. Alguns fatores contribuíram para isso, como a dimensão do campo, sobretudo a largura, algo em torno de 61 metros. Estreitado o campo, ficou difícil o trabalho de nossos laterais. Jorginho e Leonardo encontraram um forte bloqueio pela frente. Ficamos sem nossa melhor jogada.

Outro fator foi o piso do campo. Placas de grama escorregadias, fazendo a bola deslizar demais, dificultaram o melhor controle de bola brasileiro.

Nosso meio-campo não jogou bem naquele dia. Não criou opções para o ataque, errou muitos passes, não se entendeu. Individualmente, jogadores como Raí e Zinho não fizeram metade do que podiam fazer. Não fosse uma jogada de Romário, só dele, e as coisas poderiam ter se complicado.

A defesa sueca é forte. Marca bem, bloqueia, multiplica-se. Há momentos em que usa sete, oito jogadores para fechar a área. Não se deve esperar algo muito diferente disso.

Normalmente, repito, as melhores chances são brasileiras. Nossa seleção cresceu muito a partir das oitavas. Teve um jogo duro com os EUA, mas em circunstâncias especiais. Fomos muito bem no segundo tempo contra a Holanda. Foi nosso melhor momento até aqui.

O jogo de hoje é decisivo. É importante que a seleção brasileira tenha mais serenidade. Nossos jogadores não podem se descontrolar ao primeiro lance adverso da partida.

Os suecos têm menos alternativas ofensivas que os brasileiros. Sua maior arma, senão única, são os cruzamentos altos sobre a área para atacantes de boa estatura, homens que cabeceiam bem. É preciso cuidado. Esses centros vêm, geralmente, do meio-campo, já que os suecos não são de ir à linha de fundo. Esta é uma jogada nossa.

Se o Brasil tiver tranquilidade, jogar como no segundo tempo com a Holanda e conseguir as jogadas de linha de fundo, deverá ir à final. Afinal, entusiasmo, força de vontade e raça, não faltam na seleção.

Brasil passou pela partida fundamental

Autor: MATINAS SUZUKI JR.

Editoria: ESPORTE Página: 2

Edição: Nacional JUL 10, 1994

Meus amigos, meus inimigos, foi a melhor partida do Brasil e uma vitória fundamental para os próximo jogo. O Brasil ganha peso, consistência e aguarda tranquilo a decisão do adversário hoje.

A Suécia nós já conhecemos. É um time duro de vencer. Mas também será muito duro para eles ganharem do Brasil, mesmo que joguem com o artilheiro Dahlin. Já a Romênia, é ardilosa e matreira. É menos transparente. Passar pela Holanda era estratégico para o Brasil se posicionar bem no torneio. Ganhou de um adversário do primeiro time da seleções mundiais. Isto dá nova moral ao time.

Carlos Alberto Parreira está conseguindo triunfar com os seu conceitos. É bom que se diga antes: se o Brasil ganhar, os méritos são em grande parte dele.

A Holanda foi um time lento, sem imaginação, de muito toque de bola sem objetividade, além de errar muitos passes. Só atacou quando perdia por 2 a 0.

A defesa brasileira, no final, complicou bastante. Mas quem tem Bebeto e Romário, tem quase tudo.

*

Pode dar qualquer coisa no jogo de hoje entre a Suécia e a Romênia. A Suécia tem, talvez, o time mais organizado taticamente de todos que chegaram às quartas-de-final.

A Romênia tem um contra-ataque explosivo, rápido, demolidor. E tem o Hagi, que muitos acham que será o jogador deste Mundial.

É o conjunto da Suécia contra a qualidade individual da Romênia. Mais do que o encontro de dois times, o encontro de duas filosofias diferentes de jogar futebol.

*

Se a Alemanha não ganhar hoje, será a maior surpresa desta Copa e talvez uma das maiores de todos os tempos.

A Alemanha é um time bom, com jogadores experientes, está descansada e, além de tudo, tem, talvez, o melhor banco de reservas de todos os times que vieram aqui aos EUA jogar o Mundial.

A Bulgária tem um meio-de-campo dedicadíssimo, mas fraco, e enfrenta crises seguidas de relacionamento entre seus jogadores, que discutem o tempo todo dentro do campo.

Hristo Stoichkov é o maior mala sem alça desta Copa. Reclama do time, reclama do juiz, reclama dos adversários e reclama do técnico. É o avesso do avesso de Juergen Klinsmann.

Mas vamos ver ao lado de quem estarão hoje os deuses da bola.

*

Meus amigos, meus inimigos, Itália é Itália e Espanha é Espanha.

Não iriam mudar justamente em quarta-de-final histórica para os dois.

A Itália que chegou à Copa ensaindo jogar com três atacantes, não fez uma boa campanha e ontem não deu outra.

Entrou ontem em campo com um atacante, Massaro, que seria o reserva.

A Espanha, que ninguém esperava muita coisa, chegou às quartas melhor do que a encomenda. E também não regateou: entrou sem nenhum atacante.

Depois entrou Julio Salinas, que é o mesmo que nada. No segundo tempo, Arrigo Sacchi ousou mais. Tirou Albertini, pôs Signori e venceu. Ontem era dia dos Baggios.

Quem são, afinal, os verdadeiros heróis?

Autor: MARCELO FROMER; NANDO REIS

Editoria: ESPORTE Página: 12

Edição: Nacional JUL 16, 1994

Hoje é sábado, disputa do 3º e 4º lugares de uma Copa da qual devemos tirar algumas lições como torcedores e, principalmente, como cronistas.

Começamos a nossa campanha contra Parreira justamente quando ele e Zagalo insistiam na não convocação de Romário, o salvador brasileiro nesta Copa. Na nossa opinião este era apenas mais um erro na estruturação de um time extremamente defensivo e pouco criativo.

Assistindo a emocionantes campeonatos nacionais e regionais, não víamos na formação do selecionado a expressão do que estava ocorrendo nos campos brasileiros. O excesso de estrangeiros, a teimosia com alguns craques e tantas outras coisas nos desagradaram profundamente.

Depois, quando já convocada a seleção, lutamos então pelo melhor aproveitamento possível dos jogadores escolhidos pelo técnico, o que não ocorreu em nem sequer uma partida.

Mas a grande verdade é que não se pode questionar agora a validade do projeto de Teimoso e Velho Zaga para a conquista do tetra, mesmo que isso por um acaso não ocorra amanhã, o que é praticamente impossível.

Algumas surpresas agradáveis vieram colaborar para o sucesso de nossa seleção. A começar pela preparação de risco feita por Moraci Sant'Anna (defendida nesta coluna centenas de vezes), que só fez excluir alguns jogadores com contusões antigas. O nosso time foi sem dúvida o de melhor preparo nesta Copa.

E quem poderia imaginar que a nossa zaga reserva fosse desempenhar o futebol seguro e classudo de Aldair e Márcio Santos. E que Branco, "recuperado", fosse o herói da batalha contra a Holanda? E quem iria imaginar que a fraca Itália conseguiria, por obra da camisa, chegar à final? Só o futebol.

Só não nos peçam para que nos rendamos diante a tão falada tática do futebol de resultados, pois não é nisso que apostamos para o futuro do futebol.

A teoria de que é importante que vençamos a Copa para que assim revolucionemos o futebol brasileiro não nos sensibiliza.

Vamos só ficar atentos para que os verdadeiros heróis sejam reconhecidos, senão corremos o risco de produzirmos mais uma série de Parreiras e Zagalos, para a tristeza do futebol de sonhos.

Parreira triunfa sem o futebol-espetáculo

Torcida adere à “filosofia” do técnico brasileiro de que o importante é ganhar e se alegra com a dura vitória na Copa

Autor: MARCELO COELHO

Editoria: ESPORTE Página: 6

Edição: Nacional JUL 20, 1994

A vitória do Brasil nesta Copa foi um sofrimento, claro. Comemorar sim, mas como? Dá raiva e alívio. Tivemos trabalho duro, pessimismo intenso e luta contra as possibilidades reais de derrota.

Tudo já foi comentado e analisado pelos que entendem de futebol. Alinho apenas algumas observações e paradoxos.

Um paradoxo é que, quanto mais sofrida, incerta e difícil nossa campanha nos Estados Unidos, mais alegria e emoções terminou trazendo. O futebol bonito e exibido pode levar o espectador a grandes prazeres; mas emoção, torcida, interesse dependem mais, certamente, de sufocos como os que passamos.

Claro que houve lances belíssimos de Romário. Mas os adeptos do futebol-espetáculo rapidamente se convenceram, no calor da própria torcida, de que o bom mesmo é ganhar. E muito dos lances de Romário, afinal, foram mais “miraculosos” do que bonitos, mais proezas do que construções arquitetônicas de estilo.

A uma certa altura do campeonato, não houve quem não quisesse um gol, fosse como fosse, feio ou bonito. A partida se assiste com os olhos, mas se torce com o coração. Pênaltis, muito bem, somos campeões. Melhor ganhar do que perder.

Não se confunda o argumento acima com qualquer defesa da tática de Parreira. Não tenho a menor idéia se Parreira escalou o melhor time (sei apenas que resistiu a convocar Romário), se é bom técnico ou não. Faço apenas alguns raciocínios sobre o que se disse e o que se diz dele.

Cresce, ou melhor, foi crescendo durante a Copa, a idéia de que “o Parreira estava certo”. Que o tetra “calou a boca” dos adversários do Parreira.

Há aí um problema lógico. A vitória, por si, não prova que Parreira estava certo. A vitória prova apenas que o time de Parreira ganhou, e isso envolve muitas possibilidades. Pode-se dizer que, Parreira, com toda sua ruindade, não impediu que o Brasil apesar disso vencesse. Pode-se dizer que, com outro técnico tudo seria mais fácil; que com Ronaldo, Muller e Viola teríamos ganho de 8 a 0. Pode-se dizer que muito foi graças a Romário. Pode-se dizer que tudo foi graças ao fato de os adversários terem sido muito ruins. Quem sabe?

Em resumo: o fato de ter ganho a Copa não ratifica as concepções de um técnico de futebol. Há inúmeras possibilidades de se ganhar uma Copa, assim como há inúmeras possibilidades de perdê-la. Poderíamos ter perdido, e daí Parreira seria execrado. Poderíamos ter ganho mais facilmente, com outro técnico, e todos os críticos de Parreira diriam? “Não disse que tinham de tirar o Parreira?”

Uma coisa é observar um atirador mirando o alvo, outra coisa é julgar o que faz um técnico de futebol. No caso do atirador, se ele estiver apontando a arma para um lugar oposto ao alvo, podemos dizer: É um louco, precisa virar para o outro lado. No caso do técnico, ele joga com uma série de opções que nem sempre se coordenam entre si. Confia na improvisação de um, na disciplina de outro jogador; tem de fortalecer o ataque, mas não pode descuidar da defesa, etc. etc.

A soma de tantos fatores não dá “razão” absoluta a ninguém. A vitória não surge como decorrência de um raciocínio, mas como uma conjunção de causas, de forças e

contra-forças, não se podendo dizer com certeza se a concepção do técnico era um peso a favor ou contra o time. Ainda mais com o gosto de empate que teve este tetra.

Mesmo assim, Parreira saiu vitorioso, suas teses triunfaram na prática. Pois, se é verdade que o importante, para Parreira, era ganhar a Copa, com um futebol bonito se possível, mas se for feio não faz mal (desde que se ganhe, tudo está bom), esta mentalidade acabou prevalecendo na torcida. Como eu disse acima, o espetáculo ficou em segundo plano nas alegrias gerais, uma vitória por pênaltis é a cara do Parreira.

Essa alegria é decorrência do próprio estilo de jogo da seleção. Como torcíamos pela seleção, e ela jogava assim, não havia outro jeito exceto o de aderir ao esquema, à “filosofia de jogo” que estava em curso.

Tanta críticas a Parreira tinham, por outro lado, uma causa ideológica. E que o jogo “para ganhar”, o esquema tático rígido, a preocupação com a defesa, o medo de pôr todo o time no ataque, não correspondiam à imagem que o brasileiro faz de seu futebol e, mais importante, de si mesmo e de seu país.

O que cai por terra, nesta vitória brasileira, é a idéia de que com improvisação, com displicência até, mas sobretudo com genialidade e ginga, nosso país é melhor que os outros. A concepção de um país que é “terra prometida”, de que “Deus é brasileiro”, de que “em se plantando tudo dá”, foi substituída por uma ideologia mais dura, mais objetiva, menos lírica e otimista.

Depois de 24 anos sem ganhar, não podia ser diferente: –guerra, planejamento, previdência, pênaltis. Tudo isso deu certo. Vitória feia, ridícula até. Fomos “germânicos” nesta Copa. Vencemos... mas talvez tenhamos sido, no íntimo, derrotados por Parreira.

Romário fica como reserva ideológica do “talento natural” do brasileiro, do herói de metro e meio de altura, do garoto pobre que desponta para o mundo. Excelente, face à germanização deste aliás valoroso jogador que é Dunga.

Mas toda a conversa em torno da “ginga” e do charme do futebolista brasileiro não é inocente do ponto de vista ideológico. Sempre me parecem algo racistas, por exemplo, os comentários a respeito do baixinho que faz gol contra os grandalhões, do mulato com jogo de cintura frente aos nórdicos desengonçados.

Raça contra raça, brancos contra mulatos, negros contra árabes –há quem tenda a ver na Copa do Mundo uma espécie de teste genético. Não gosto disso. Embora tenha de notar, claro, que diferenças culturais etc. etc. fazem diferenças no estilo de jogar.

A questão é: Perdemos este estilo? A Copa de 94 não serviu como reafirmação das virtudes de nossa “brasilidade” –artigo ideologicamente suspeito serviu como afirmação de que uma mentalidade mais dura e objetiva se instala no Brasil– mais calvinista, menos improvisada, mas isso também é ideologicamente suspeito.

Uma vitória por pênaltis tem a cara de Parreira. Alegria-nos, só porque foi vitória. Porque foi heróica, porque Dunga e Taffarel valeram tanto quanto os gênios do presente e do passado. Parabéns ao Brasil, mas que dureza.

Só queríamos uma seleção mais moleque

Autor: ALBERTO HELENA JR.

Editoria: ESPORTE Página: 3

Edição: Nacional JUL 22, 1994

A geada queimou as primaveras, e o que era vermelho, amarelo, rosa, virou um emaranhado de galhos secos e cinzentos. E um verão fora de hora se insinuou no inverno brasileiro que não vivi. Tudo indica que a natureza conspirou para receber nossos tetras com o devido calor. Ou a seleção trouxe o sol da Califórnia para o frio da Paulicéia.

Aqui, dei de cara com o real, que cheira a fantasia. Pelo menos, esse negócio de valer mais do que o dólar. Fantasia que o país veste misturando as cores da vitória nos campos de futebol com as dos partidos políticos que disputam as eleições.

Aliás, como criticamos o regime militar por se utilizar da conquista do tri. E, agora, o que fazemos? Temperamos a geléia real com uma pitada do plano econômico, outra dos gols de Romário, mais a oferta dos produtos do dia e o orgulho de ser brasileiro haverá de desembocar nas eleições gerais. Tudo me soa falso como batucada numa tampa de isopor.

Mas há um lado bom a ser considerado. No avião, na volta, sentei-me ao lado de um rapaz de uns 24 anos de idade, carioca, que estuda em Los Angeles. O moço estava simplesmente deslumbrado com a conquista do tetra. Ele jamais havia sentido o gosto da vitória.

Toda uma geração de homens e mulheres nunca pôde gritar o grito de campeão do mundo. Até que ponto esse grito entalado na alma jovem e entusiasmada não contribuiu para o estado de entropia que tomou conta do Brasil nas últimas duas décadas?

Ser brasileiro, antes de 64, era cultivar a malícia, a malandragem, a improvisação, a capacidade de driblar o destino e a realidade, sempre com um sorriso nos lábios.

Depois, a idéia de nacionalidade escureceu, ganhou um tom de arrogância no ame-o ou deixe-o, tinha algo de depuração, de enquadramento de espírito da chamada brasilidade.

Acho que é mais por isso tudo que eu gostaria de ter visto nos EUA uma seleção um pouco moleque, mais crioula, menos burocrática e sisuda.

No fundo, era por isso que brigava tanto para Parreira enfiar Viola naquele time. Ele nos deu 15 minutos de irreverente espetáculo. Mais do que nada.

O que eu queria, como no velho cancionista, era um samba enfezado, compassado, ritmado, cheio de alegria. Por outro lado, chega de saudade.

ANEXO B – Crônicas futebolísticas publicadas na *Folha de S. Paulo* durante a Copa do Mundo de 1998

Tradição a ser vencida

Autor: JUCA KFOURI

Editoria: ESPORTE Página: 2

Edição: Nacional Jun 24, 1998

O Brasil jamais ganhou uma Copa do Mundo perdendo algum jogo na campanha.

O tetracampeonato veio sempre de maneira invicta.

Com um empate em 1958 (0 a 0, com a Inglaterra), outro em 1962 (0 a 0, com Tchecoslováquia), seis vitórias em 1970 e dois empates em 1994 (1 a 1, com a Suécia, e 0 a 0, com a Itália).

Para quem, como Zagallo, gosta de comparações que levam a história em conta, sem dúvida, eis aí uma péssima notícia.

Mas o mais preocupante não é nem isso.

O preocupante foi ver Dunga calado, de boca fechada, onde não entra mosquito nem cabe bronca em ninguém.

Dunga é melhor zangado do que feliz.

E o time brasileiro jogou torto, com Leonardo no lugar errado, pela direita, com meio Rivaldo apenas, porque também pela direita, e com Denílson, pedindo jogo, jogando bem, mas como meia, não como ponta aberto.

Resultado: o futebol de fantasia ficou na fantasia e mesmo quase morto, o time norueguês arrancou uma vitória graças ao seu esforço e ao puxão na camisa dado por Júnior Baiano, que a TV não mostrou.

A seleção brasileira podia se dar ao luxo de perder. Há também uma história que ensina que os grandes campeões perdem quando podem. Tomara.

Mas Zagallo, é óbvio, dirá que o time que vale é o que enfrentará o Chile e que ninguém venha com conversa mole de querer mudar o que deu tão certo contra Marrocos – pobre Marrocos, que fez o seu papel e voltou para casa por causa do Brasil.

Mais pobre ainda, no entanto, é Camarões, cujo presidente de sua federação foi dos principais cabos eleitorais de Lennart Johansson e, talvez por isso, acabou vergonhosamente prejudicado diante do Chile, cuja federação votou em Josep Blatter.

Chile que não assusta nas oitavas, a não ser pelo efeito que a derrota diante dos noruegueses possa causar em nossa seleção.

Uma seleção que, de resto, permanece sob o signo da imprevisibilidade total.

E que, ao prometer jogar como o time de 1982, lembrou mais o de 1966, o único, desde então, a perder uma partida ainda na primeira fase da Copa.

Quebra de tradição

Autor: ALBERTO HELENA JR

Editoria: ESPORTE Página: 2

Edição: Nacional Jun 10, 1998

Sei lá do que é capaz a Escócia. Só sei que os escoceses sempre praticaram um futebol duro, defensivo e com uma ácida pitada de irreverência.

Lembro-me que, em 74, às vésperas do jogo contra o Brasil, eles passaram a noite no bar do hotel, onde encontrei, mais pra lá do que pra cá, o centro-médio Bremmer, um ruivinho de pouco mais de metro e sessenta, cheio de sardas e malícia, que me prometeu: “Vou aporrinhar o Rivellino amanhã”. E como aporrinhou!

Bremmer, hoje, deve ser um senhor de digna calva e ventre rombudo, cevado a uísque e à cerveja preta, se vivo estiver. Nem garanto mesmo que tenha feito um sucessor.

O pior é que não sei do que seremos capazes.

Pode ser que simplesmente a gente caia no artil irritante dos escoceses, como também pode ser que baixe um orixá em cada um, e que a bola passe a rolar com aquela fluência e leveza que todos nós esperamos de um Cafu, de um Roberto Carlos, de um Giovanni, de um Rivaldo, de um Bebeto e de um Ronaldinho, todos sob o comando de Dunga, até agora nosso maestro no meio-campo.

O que sei é que jogo de abertura de Copa do Mundo quase sempre acaba num contido 0 a 0, espelho do nervosismo que costuma tomar conta dos 22 jogadores em campo.

Só espero que, se tivermos de quebrar a tradição, seja logo por uma goleada animadora.

*

Na entrevista coletiva de ontem cedo, Zagallo foi enfático ao declarar-se adepto do futebol-arte, a verdadeira escola brasileira. Mas foi, sobretudo, cético quanto à possibilidade desse tipo de jogo prevalecer na Copa que se inicia hoje: “Tá todo mundo lá atrás”.

É possível que, nesta Copa, ainda tenhamos de amargar o tal futebol de resultados.

Mas, pelo passo em que vamos, as Copas do próximo milênio acabarão por se transformar num grande espetáculo de TV, exclusivamente. Por razões econômicas e (com o perdão da palavra) geopolíticas, as seleções se reunirão em cima da bucha e livres das pressões do conceito de pátrias em confronto. Será algo assim como uma grande feira internacional, a grande passarela das individualidades.

Esconde-esconde

Autor: JUCA KFOURI

Editoria: ESPORTE Página: 2

Edição: Nacional Jun 2, 1998

Se às vésperas da Copa a ordem é esconder o jogo, a Noruega e a Iugoslávia que se cuidem: ambas não entendem nada de estratégia.

Porque ninguém mais está jogando o que pode nos amistosos preparatórios.

A Argentina até que andou se distraíndo e se traindo.

Mas a Alemanha, a Itália, a Inglaterra, a própria França, também do grupo das candidatas ao título, andam colecionando mais críticas que elogios dos observadores.

O Brasil então, ah, o Brasil já é o campeão neste jogo de esconde-esconde.

Único país do seletto grupo dos campeões mundiais cujo nome não começa com vogal (pelo menos em português), a seleção nacional segue consoante as determinações de não entregar o ouro para os adversários.

A, é, i, ó, u, Alemanha, Argentina, Itália, Inglaterra e Uruguai –este último de futebol tão escondido que nem à Copa irá sempre se deliciaram com a nossa soberba e nunca se cansaram de elogiar nossa fantasia.

Pois a fantasia acabou bem acabada em 1994, tema, aliás, nesta semana, da tida como melhor revista de economia do mundo, a inglesa "The Economist".

Por isso, quando o moneiro Zagallo elogia a atuação de seus rapazes diante do Athletic Bilbao ele não está tergiversando nem variando.

Quando diz que só mesmo a partir do terceiro jogo da Copa (diante da Noruega, por sinal) o time estará na ponta dos cascos, também não está só exprimindo um desejo.

No primeiro caso, o treinador está manifestando a sólida opinião de quem já viu tudo que precisava ver em futebol e, generoso, revela parte do mistério que só ele e seus comandados conhecem.

No segundo, novamente, a experiência fala mais alto.

Ou não foi exatamente no terceiro jogo, diante do Zaire, em 1974, que a seleção brasileira ganhou de 3 a 0?

Portanto, calma, brasileiros. A arte da dissimulação é para poucos e, felizmente, nossos patrícios que estão em Lésigny são mestres neste mister.

E que tal engolir alguns sapos imaginando que eles sejam príncipes?

Em busca do jogo que a seleção “escondeu”

Autor: CLÓVIS ROSSI

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: Nacional Jun 2, 1998

O repórter do jornal espanhol “El País” saiu do San Mamés, o estádio de Bilbao em que a seleção brasileira empatou com o Athletic, em dúvida se o Brasil “é assim” ou apenas “se escondeu” no amistoso.

Suspeito que essa dúvida esteja na cabeça de todos os torcedores brasileiros. Parece inacreditável que um time que tem, entre outras coisas, os dois jogadores eleitos os melhores do mundo (Ronaldinho e Roberto Carlos), para não mencionar um lote grande de outros, se limite a esse futebolzinho de quinta mostrado no San Mamés.

Diz “El País”: “O Brasil se escondeu muito tempo em Bilbao. Escondeu, sobretudo, sua capacidade ofensiva, ontem indolente e demasiado previsível”.

No fundo, era a mesma inquietação que Juca Kfourri exibia, à noite, no programa “Cartão Verde” (TV Cultura). Como explicar que jogadores como os já citados Ronaldo e Roberto Carlos, mais Giovanni, Rivaldo, Denílson, Edmundo e cia., não joguem na seleção um décimo do que jogaram por seus clubes na temporada que passou?

A resposta fácil é culpar Zagallo. Mas pode não ser a melhor resposta. Afinal, o pressuposto nela embutido é o de que todos os técnicos dos clubes em que jogam os atletas citados são brilhantes o suficiente para explorar melhor o talento deles. E Zagallo seria, por extensão, o único incompetente, que tem ouro nas mãos e dele tira só pedras.

Fosse assim mesmo, a solução seria simples: trocar Zagallo por qualquer outro técnico e ponto final. Por mais traumático que pareça, na antevéspera da estréia na Copa, pelo menos serviria para injetar sangue novo, o que, nos clubes, em geral dá certo, ao menos inicialmente.

É raro o caso de técnico novo que na estréia e nos primeiros jogos subseqüentes não consiga resultados algo melhores que seu antecessor, em especial se tem nas mãos um elenco pelo menos razoável. E o da seleção, mais que razoável, é excelente.

Tanto é assim que o teor de polêmica em torno da convocação foi baixo desta vez. Pode-se criticar Doriva, por exemplo, e lamentar a ausência de Zé Elias. Mas, no todo, não há muito mais a tirar ou acrescentar aos 22 nomes relacionados por Zagallo.

O problema aí são dois: primeiro, falta coragem à CBF para mudar de técnico tão perto da Copa. Tanto que, em vez de dispensá-lo e convocar outro treinador, a CBF preferiu o quebra-galho de chamar Zico para coordenador técnico, seja lá o que signifique isso exatamente.

Já naquela altura estava claro que os jogadores não rendiam, na seleção, o que rendem nos clubes. Portanto, estava claro, se for correta a tese de que a culpa é de Zagallo e de ninguém mais, que seria preciso mudar o comando.

O segundo problema é justamente a hipótese de que a culpa não seja de Zagallo ou, ao menos, não seja só dele. É o pior dos mundos, porque derruba a explicação que tudo resolve.

Seria preciso pensar em toda a fracassada estrutura do futebol brasileiro, que espalha campeonatos irracionais pelos Estados, desmotiva os torcedores, expulsa os astros para o futebol estrangeiro e assim por diante.

Depois, espera-se que um técnico e 22 atletas se reúnam às vésperas do torneio e resolvam tudo com meia hora de treino.

Até podia funcionar quando a superioridade do futebol brasileiro era de fato incontestável. Hoje, não é mais, até porque os outros aprenderam em parte graças ao conhecimento aportado pelos atletas brasileiros espalhados pelo mundo.

Como não dá para corrigir problemas estruturais desse calibre do dia para a noite nem parece haver coragem (se é que se trata de fato de uma necessidade) para trocar de técnico, o jeito é esperar que “El País” esteja certo e que a seleção esteja apenas “escondendo” seu jogo até a hora de estreiar na Copa.

Ou esperar que Romário se recupere e faça até mais que os outros, ou seja, jogue na seleção não apenas o que joga no clube, mas muito mais, porque, neste caso, nem nos seus clubes, o número 11 vinha jogando alguma coisa.

Confissões de quem não torce por decreto

Autor: CLÓVIS ROSSI

Editoria: ESPORTE Página: 5

Edição: Nacional Jun 5, 1998

Por onde quer que você passe, está lá a pressão para torcer pelo Brasil na Copa do Mundo, um decreto-lei não escrito, mas poderoso, que é editado de quatro em quatro anos.

Há apelos até criativos, como o da caninha 51, que usa o slogan "Penta mais um" (ou 51, para os mais distraídos), ordenando a seus consumidores que encham a cara até que venha o penta que não é penta. Se vier, será o quinto título, mas penta, no meu tempo, só valia para quem ganhasse cinco vezes consecutivas.

Há apelos que são irritantes como os de todo o noticiário da Rede Globo em torno da Copa. De tão melosos, de tão patrioteiros, dá vontade até de torcer contra.

Torcer para o Irã, por exemplo, só para provocar. É bom que o leitor saiba que estou fora dessa obrigatoriedade de torcer pelo Brasil só por ter nele nascido.

Nada contra o país. Mas, para citar Nelson de Sá, em sua coluna de ontem, o encanto que me provocam astros do esporte em geral e do futebol em particular é "para o prazer do consumidor e não (para) a glória da pátria".

É isso, exatamente isso. Ou, visto pelo avesso: se o balé Bolshoi, digamos, é bom, mas é russo, não brasileiro, sou obrigado a torcer para que a bailarina principal quebre a perna ou escorregue pateticamente no melhor momento?

Futebol é a mesma coisa. É (ou deveria ser) um grande balé, um espetáculo, dado por atores globais quer vistam a camisa amarela da CBF ou qualquer outra.

O Cony vem insistindo em suas colunas sobre a Copa que a tal de globalização começou pelo futebol. É bem possível. Basta ver que, dos 11 titulares de Zagallo, só 3 jogam no futebol brasileiro (Taffarel, aliás já de saída, Júnior Baiano e Bebeto).

Tudo somado, torço invariavelmente por quem dá prazer ao "consumidor", chame-se Holanda (1974), Argentina (1986) ou até Brasil (em 1970 e 1982).

O resultado final da Copa, para mim, é até secundário, mesmo porque o futebol consegue ser uma das poucas atividades humanas, talvez a única, em que a história não é escrita necessariamente pelos vencedores.

O que ficou da Copa de 54 foram os nomes dos húngaros Kocsis, Czibor e, acima de tudo, Puskas, não dos alemães ganhadores.

E não deve ser mera coincidência o fato de o técnico derrotado em 1982 (Telê Santana) ter continuado à frente da seleção para a Copa seguinte, ao passo que o técnico vencedor de 1994 (Carlos Alberto Parreira) está, quatro anos depois, dirigindo a modestíssima Arábia Saudita.

A seleção de Telê perdeu, mas encantou o consumidor. A de Parreira ganhou, mas irritou-o.

Por tudo isso, meu coração só será verde-e-amarelo se o time brasileiro jogar bonito, perdendo ou ganhando. Em caso contrário, estou ainda à procura de alguém que encante o inveterado consumidor de futebol que sou.

*

A coluna de ontem dizia que falta um "não-sei-quê" para a seleção brasileira. Se verdadeira a informação divulgada ontem pela rádio Jovem Pan, segundo a qual Rivaldo, Edmundo e Leonardo foram aos tapas (ou quase) após o amistoso contra o Athletic de Bilbao, o "não-sei-quê" só pode ser excesso de estrelismo.

Coisa muito difícil de curar, ainda mais às vésperas do início de uma competição. Mas a cura certamente não é o chá de banco que Zagallo deu em Edmundo anteontem, ao que tudo indica como castigo por algo que o mortal comum ignora.

Em 1974, houve problemas semelhantes e deu no que deu (o vexame contra a Holanda).

Briga vem em hora ruim para a seleção

Autor: TELÊ SANTANA

Editoria: ESPORTE Página: 3

Edição: Nacional Jun 5, 1998

Eu já tinha ouvido que os jogadores da seleção brasileira discutiram no vestiário após o amistoso contra o Athletic Bilbao, mas parece que a coisa foi bem mais grave do que isso.

Falam agora que houve até agressão física. É muito ruim para um grupo ficar nessa situação, ainda mais quando a Copa do Mundo está quase começando.

Esse é um momento de união, e os jogadores devem ser mais que nunca companheiros uns dos outros, não fiquem batendo boca.

Se a briga foi entre Leonardo e Edmundo, só posso acreditar que o culpado é o Edmundo, que tem muitos antecedentes em confusão. Ele sempre teve problemas ao longo de sua carreira.

Por outro lado, trabalhei com o Leonardo no São Paulo um bom tempo e nunca vi ele nem sequer discutir com um companheiro. O Leonardo não é de briga. Muito pelo contrário, é uma pessoa calma e inteligente.

Se a comissão técnica decidiu não escalar Edmundo no amistoso com Andorra anteontem devido a esse desentendimento, acho que foi uma punição justa. O Edmundo tem que entender que ele não pode fazer esse tipo de coisa na seleção.

Talvez a briga pela vaga de titular com a saída de Romário esteja contribuindo para esse clima ruim que está na seleção brasileira. Tem muita gente querendo aparecer nesse lugar.

Mas parece que a equipe já estava dividida no momento do corte do Romário. Alguns jogadores querendo que ele ficasse, e outros achando melhor sua saída definitiva do time.

A comissão técnica da seleção tinha que tomar uma decisão. E tomou, uma vez que chegou o dia final para a inscrição de jogadores na Copa e Romário ainda não estava bem recuperado.

Não acho que o corte tenha sido decidido devido a uma rixa entre Zico e Romário. O Zico é muito correto. Tenho certeza que neste momento ele está fazendo o melhor para a seleção brasileira.

Fico muito triste com o que alguns torcedores fizeram na chegada de Romário ao Rio de Janeiro, rasgando retratos do Zico. Ele sempre foi um homem direito e um grande jogador, que defendeu honrosamente o Flamengo e a seleção durante muitos anos.

Na Copa do Mundo de 86, no México, ele pediu a mim para ser cortado. No dia da contusão, ele achava que não tinha condições de se recuperar até a Copa.

Conversei com o Neilor (Neilor Lasmar, médico da seleção na época) e o convenci a jogar. Tomei a decisão de esperar por ele.

O futebol fraco que a seleção brasileira apresentou no amistoso contra o time de Andorra, que é muito ruim, talvez decorra dessas disputas internas.

A equipe não foi bem em quase nada. Não encontro nem uma pessoa sequer que tenha gostado do time do Brasil. Até o Ronaldinho perdeu muitos gols.

Após a definição do corte de Romário, imaginava também que o substituto seria um atacante, um jogador de características ofensivas para suprir essa ausência. Afinal, Romário é um jogador que se coloca muito bem na área e é sempre um goleador.

O Brasil tem muitos jogadores em boas condições de substituí-lo, tanto atuando aqui no país como no exterior.

Dá para fazer uma lista de jogadores de frente que poderiam ter sido chamados por Zagallo.

O Jardel, que está muito bem no Porto e é sempre uma boa opção para o jogo aéreo, o Muller, que está em excelente forma no Santos e é um grande jogador, o Dodô, que sabe se entrosar muito bem com seus companheiros na frente, entre outros.

Lambendo feridas

Autor: CARLOS HEITOR CONY

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: Nacional Jun 26, 1998

As notícias que chegam das bandas onde está concentrada a equipe brasileira são previsíveis. Há descontentamento, mas não desespero. A derrota (essa sim, previsível) frente à Noruega foi assimilada como um acidente não de percurso, mas de fim de percurso. Afinal, já estávamos classificados e, embora o argumento não pese, o pênalti contra nós foi, na minha opinião, inexistente, embora merecido.

Mesmo assim, é hora de lamber feridas. Os supercraques reclamam que na seleção não dispõem das mesmas condições e regalias de que gozam nos grandes times europeus em que atuam. Com outras palavras, Ronaldo diz que é o centro gravitacional da Inter e que tudo gira em torno dele, gira e converge –daí que é considerado o melhor jogador do mundo.

Rivaldo é acusado de prender a bola, Roberto Carlos de jogar fechado, Taffarel de ter apenas duas mãos e Denílson de ser Denílson. Vale tudo para explicar uma derrota. Só não vale admitir que o time jogou mal, que todos se apresentaram apáticos, exibindo um salto alto inexistente.

A análise que se pode tirar da derrota de Marselha é simples: homem por homem, isoladamente, como numa apresentação de misses num concurso de beleza, o Brasil dá banho. Como jogo associado, esse conjunto de misses deslumbrantes não forma um sentido. Perdem para a Noruega e perderão para o Chile, amanhã, se continuarem a pisar o gramado como numa passarela de visibilidade internacional.

Vamos pegar pela frente um Chile supermotivado, com a imprensa mundial prestando atenção em seus craques. Salas e Zamorano estão sendo saudados como revelações, causaram impacto que só pode ser comparado, guardadas as proporções, ao surgimento da dupla Pelé-Garrincha no Mundial de 58, na Suécia.

Outro fator que motiva o Chile: aparentemente, ele nada tem a perder. Chegou às oitavas-de-final, não sofre a cobrança de ser campeão e, muito menos, de voltar para casa com cinco estrelas na camisa nacional. Tudo será lucro para ele, vença ou perca. Já o Brasil parece vergado ao peso de sua própria glória, de suas medalhas, de seus patrocinadores. Não é mais uma equipe de futebol, mas um conjunto pop de superastros que, diga-se de passagem, até aqui nada fez de notável nesta Copa de 98.

Entre as cobranças que se pode fazer –e que já estão sendo feitas– está o custo emocional e financeiro de uma seleção vedete como a do Brasil. Emoção é coisa séria, mas, em tese, emociona-se quem quer e pode. Já o custo financeiro –que de alguma coisa forma passa pelo bolso de todos nós– esse também conta. A massa de recursos despejada em cima da seleção, seja em forma de patrocínios ou subvenções, disfarçadas ou não, recai mais cedo ou mais tarde sobre o consumidor que somos todos nós. Tudo valerá a pena se a alma não for pequena e trazermos o penta. Tudo será caríssimo se comprarmos um tênis de certa marca por um preço no qual esteja embutido o nosso fracasso.

A seleção que fica sempre no quase

Autor: CLÓVIS ROSSI

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: São Paulo Jun 24, 1998

Se alguém se animar a colocar em um computador o talento individual dos jogadores brasileiros e, em especial, o seu molejo, na comparação com seus adversários da Noruega, o resultado final seria algo em torno de 10 a 0 ou por aí para o Brasil.

Mas, como futebol não é videogame, deu Noruega.

Deu porque continua faltando, sempre, alguma coisa ao time brasileiro. Ou é aquele último passe, ou é aquele último drible, ou é aquele último chute. Ainda assim, a vitória viria e seria até certo ponto justa, se, ontem, não tivesse faltado algo mais: aqueles sete minutos finais durante os quais a Noruega fez os dois gols.

A soma de todas essas carências provoca a mais importante de todas: a falta de empatia entre os jogadores e o seu público.

Esse fenômeno já havia ficado claro no jogo contra a Escócia, em que, apesar de derrotados, os escoceses foram comemorar junto à torcida, ao passo que os brasileiros, vencedores, saíram de campo tão burocraticamente como haviam jogado.

Ontem, foi pior: terminada a partida, o time da Noruega, incorporado, deu uma espécie de volta olímpica pelo campo, puxando a “ola” em cada tribuna diante da qual parava (inclusive naquela em que a torcida brasileira estava mais maciçamente concentrada, atrás do gol defendido por Taffarel no segundo tempo).

Tudo bem que os noruegueses tinham o que festejar: a classificação —e, ainda por cima, contra o Brasil. Mas a empatia certamente não decorre apenas disso. Vem, suponho, do fato de que a torcida sentiu que seus jogadores foram ao limite de suas possibilidades, que, convenhamos, não são muitas.

No fundo, é a velha história: ganhar do Brasil tem um sabor equivalente a derrotar os Estados Unidos no mundo real.

Mas os Estados Unidos do futebol cometem, reiteradamente, no mundo de fantasia que é uma Copa do Mundo, o pecado mortal de mostrarem exatamente pouca fantasia.

É uma jogada aqui, outra ali, e nada mais.

Por isso, a torcida não demonstra mesmo empatia com o seu time. Torce tão burocraticamente como joga a seleção. E, o que é pior, o time da fantasia de nove de cada dez jornalistas era justamente o time que jogou ontem. Basta lembrar que quem deve voltar ao time, para enfrentar o Chile, é César Sampaio. Saia quem saia (Leonardo ou Denílson), perde a fantasia.

Para quem é supersticioso, convém lembrar que, em todos os quatro títulos mundiais conquistados pelo Brasil, não houve derrota alguma. No máximo, empate.

Para quem não é supersticioso, mais importante é lembrar que o problema não está em ter perdido ontem, mas em ter exibido defeitos que são, a rigor, os mesmos desde o início da preparação.

Acaba ficando monótono ter que repetir que falta aquele não-sei-o-quê no time brasileiro, que seus jogadores não estão repetindo na seleção o que fazem nos seus respectivos clubes e vai por aí. De todo modo, esse mesmo time, com esses mesmos defeitos, sem o não-sei-o-quê que lhe falta, é suficiente para vencer o Chile, em circunstâncias mais ou menos normais.

O diabo é que não basta para conquistar a torcida. Talvez porque, bem feitas as contas, quem tinha razão era mesmo Egil Olsen, o técnico norueguês, ao dizer, antes da Copa, que, com os jogadores brasileiros e a sua tática, a Noruega seria campeã do mundo.

As opções de Zagallo para mudar a seleção

Autor: TELÊ SANTANA

Editoria: ESPORTE Página: 3

Edição: Nacional Jun 14, 1998

Como vocês puderam notar, a seleção brasileira fez uma estréia na Copa que só foi boa pelo resultado. A resposta para isso é clara (não serei o primeiro nem o último a dizer), mas falta entrosamento, os jogadores não se entendem em campo.

A armação tática usada pelo Zagallo é correta. Ela é usada pela maioria dos clubes no Brasil, com dois jogadores de meio-campo cobrindo as descidas dos laterais etc. Também não adianta voltar a dizer que o time deveria ter treinado mais, porque, agora, durante a Copa do Mundo, o entrosamento só vai ser adquirido nas partidas.

Parece claro, por suas últimas entrevistas, que Zagallo deve substituir Giovanni por Leonardo. Mas como ele levou Giovanni para jogar como titular, isso acaba criando um inconveniente. Creio que Leonardo, apesar de ser canhoto, poderá executar aquela tarefa, porque ele é um jogador que sabe se posicionar naquela faixa de campo (a da direita).

Quanto a Bebeto, ele realmente não conseguiu se acertar ainda. Eu não acho que ele deva permanecer na posição, tirando lugar do Denílson. O Denílson está atravessando uma fase boa, é um jogador que decide jogos, é driblador, versátil. E nos jogos da Copa do Mundo, pelo que pude acompanhar até agora, o que está decidindo são as jogadas individuais, que ele pode executar. Até aceito o argumento de que o Denílson possa ser usado num momento decisivo da partida, mas, se eu tivesse que optar, começaria com ele jogando.

Outro de quem se espera grandes atuações é o Ronaldinho. Talvez pela marcação, por ser um jogador muito visado e também por dificuldades de entendimento com seus companheiros de ataque, ele ainda não conseguiu desempenhar o futebol à altura das expectativas.

Esta Copa do Mundo está para o Brasil, mas o time precisa atuar em boas condições, criar mais situações de gol, que foram poucas diante de um time como a Escócia, e não permitir passar por sustos em seu setor defensivo.

Na próxima fase, o Brasil pode pegar a Itália ou o Chile. Se for a seleção da Itália, não tenham dúvida de que a partida será muito difícil.

Alá-la-ô, seleção, e a turma da Rvatska

Autor: JOSÉ GERALDO COUTO

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: Nacional Jun 18, 1998

Muito bem. O Brasil passou para as oitavas, como líder do grupo. Os primeiros temores se foram, mas, mas, mas...

Não é sem razão que muita gente diz que nós, jornalistas, ficamos procurando problemas. Em primeiro lugar, faz parte do nosso papel. Em segundo, os problemas do Brasil não precisam ser tão procurados assim. Eles estão à vista de todos (incluindo os adversários).

Um deles é o miolo da zaga –tanto o seu posicionamento como sua insegurança. Júnior Baiano e Aldair estão se livrando da bola de qualquer maneira, dando chutão para o lado que o nariz aponta. Pena que, para muita gente, isso ainda seja sinônimo de jogar sério ("Joga pro mato que o jogo é de campeonato"). Só que bola chutada para o mato é bola do adversário. Bola chutada para cima, quase sempre também. Traduzindo: é bola que logo está de volta.

Isso causa um desgaste à defesa e ao goleiro que poderia ser evitado com um pouco mais de calma e organização. Bom posicionamento significa também colocar-se de modo a facilitar a saída de bola do companheiro. Esse tipo de solidariedade não está existindo na nossa metade do campo.

Do círculo central para a frente, o entrosamento também não é dos melhores, mas ali, para compensar, sobra futebol.

Outra coisa que inquieta é a teimosia de Zagallo em usar Denílson só em doses homeopáticas, como se fosse uma droga pesada.

Contra Marrocos, o garoto demorou tanto para entrar que nem valia mais a pena. Mas, no primeiro tempo, quando os homens estavam querendo escovar os dentes do Ronaldinho com os cravos da chuteira, seria bom o Denílson entrar para aliviar um pouco a pressão sobre o astro.

Houve, também, coisas ótimas. Os gols dessa vez foram gols de verdade, construídos com classe e competência. Cafu ganha confiança, Leonardo esbanja personalidade, Rivaldo mostra toda a sua categoria, Ronaldinho desencanta. Até Bebeto apareceu para jogar (contra a Escócia parece que ele não foi).

Outra coisa boa foi ouvir a torcida brasileira cantando como não fez no primeiro jogo.

Melhor ainda: em vez dos hinos bélicos da maioria das torcidas européias, os brasileiros cantaram “Alá-la-ô” e “Está chegando a hora”, com muito humor e malícia. Gostei.

*

Por falar em torcida, um dos espetáculos mais bonitos que presenciei até agora na Copa foi a festa que as torcidas da Jamaica e da Croácia fizeram nas ruas de Lens no último fim-de-semana.

Como a cidade é pequena (35 mil habitantes), todo mundo se encontra na mesma avenida central, o boulevard Emile Basly. Durante todo o domingo, esse boulevard virou um carnaval de brincadeiras e conagraçamento entre os rastas jamaicanos e os ruidosos “xadrezes” croatas.

A população local –velhos, crianças, moças casadoiras– compareceu em peso, misturando-se aos estrangeiros.

O efeito geral foi inesquecível: uma mistura de província e cosmopolitismo, de reggae e domingo no parque. De quebra, aprendi a falar Croácia em croata. É algo como “Rvatska”, mas dito com muita raiva.

*

Pela primeira vez na vida, falei pessoalmente com Carlos Alberto Parreira. Como alguém que sempre o criticou (às vezes, com mais malcriação do que razão), devo prestar aqui um tributo ao técnico da Arábia Saudita. Poucas vezes conheci uma pessoa tão inteligente e civilizada.

FHC, lembre-se de Carlos Alberto Parreira

Autor: CLÓVIS ROSSI

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: Nacional Jun 22, 1998

A história recente de Carlos Alberto Parreira deveria ser incluída em todo manual de campanha política ou em qualquer guia para governantes recém-eleitos.

É uma devastadora evidência de como continua válido um refrão latino, o “sic transit gloria mundi”, que, de criança, a gente traduzia por “o trânsito continua imundo na rua da Glória”. O trânsito não melhorou na rua da Glória, mas pelo menos já descobri que a frase quer apenas refletir o quanto são passageiras as glórias mundanas.

Parreira, como todo o mundo sabe, foi campeão do mundo em 1994, o ápice na carreira de qualquer treinador ou jogador. Meros quatro anos depois, torna-se o primeiro técnico da história das Copas a ser demitido durante o torneio.

Consta que, após duas mortes (a do jornalista Vladimir Herzog e a do operário Manuel Fiel Filho), nos porões da ditadura militar, o general Orlando Geisel, ministro do Exército, teria dito a seu irmão, o presidente e também general Ernesto Geisel: “Demita-o com humilhação”, referindo-se ao general Ednardo D'Ávila Mello, então comandante do 2º Exército, em cujas dependências haviam ocorrido as mortes.

Ednardo foi de fato demitido.

Pois bem: os sauditas, tão imperiais quanto os generais brasileiros da época, fizeram a mesma coisa, a julgar pelo relato do jornal esportivo francês “L'Equipe”, que faz uma belíssima cobertura da Copa.

“Parreira nos fez passar por uma humilhação (a goleada de 4 a 0 ante a França). É justo que seja também humilhado”, teria sido o raciocínio da federação saudita, para dispensar o técnico antes mesmo de que a seleção fizesse a sua terceira e última partida na França.

Não é, a rigor, a única humilhação imposta a Parreira pelo futebol. O normal é que o técnico campeão permaneça à frente da equipe na Copa seguinte. Mas a CBF dispensou Parreira, certamente porque o futebol apresentado pela seleção brasileira nos Estados Unidos, embora campeã, foi de uma pobreza inacreditável.

Ou, transpondo para o plano político atual: ganhar a Copa equivaleu a derrubar a inflação, tanto tempo havia passado desde que o Brasil obtivera o título anterior (1970). Mas o público queria mais: queria que o Brasil ganhasse e encantasse.

No caso do presidente Fernando Henrique Cardoso, está ocorrendo um fenômeno similar: o público adorou a derrubada da inflação. Mas quer mais – e é justo que queira.

Já escrevi, na página 2 desta Folha, meu cantinho mais habitual, que a queda da inflação equivaleu a tirar da sala o bode. Antes que uma inflação indecente se instalasse, o Brasil era um país injusto, subdesenvolvido, carente, o diabo. À tais carências, juntou-se a inflação debochada. Eliminada esta, a sala ficou livre do mau cheiro do bode, mas não da injustiça, do subdesenvolvimento etc.

FHC, no entanto, convenceu-se de que a sua obra estava completa com a vitória sobre a inflação (no pressuposto de que ela seja definitiva, pressuposto que seu ministro Pedro Malan não dá por assegurado).

Pode até ser que o “título” de FHC em 94 (a vitória contra a inflação) baste para que ele seja reconduzido em 98 ao comando da “seleção” (o país).

Mas os últimos meses já foram uma demonstração de que a vida do presidente não será fácil nem nos meses que faltam para o pleito nem em um eventual segundo mandato. Se eu fosse ele, botaria um quadro no Planalto com a frase: “Remember Parreira”.

Menos biquinho, mais futebol

Autor: CLÓVIS ROSSI

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: Nacional Jun 27, 1998

Já sei o que os jogadores brasileiros fazem quando navegam na Internet: lêem o Zé Simão. É o único, suponho, que vive dizendo que os franceses fazem biquinho para falar, o que é verdade.

Pois os jogadores brasileiros deram também para fazer biquinho, não para falar francês, mas como protótipos de garotos mimados.

Biquinho de Dunga: “Ah, se eu não posso gritar e ser grosseiro, então também 'num' falo durante o jogo”.

Biquinho de Ronaldo: “Pô, tio, o Rivaldinho 'num' passa a bola p'a mim”.

Biquinho de Roberto Carlos: “Ah, se é para jogar aberto, vou ficar atrás da linha lateral”.

Biquinho do grupo todo (para Dunga): “Pô, tio Dunga, dá bronca na gente, dá, vai”.

Ridículo, grotesco e caricato, como diria Geraldo Bretas, um velho cronista esportivo, se ainda estivesse vivo.

Não, leitor, não vou cobrar da moçada que mostre garra, amor à camisa ou à pátria. Repito: o destino da pátria não se joga em um campo de futebol.

Circo é bom e eu gosto, mas pão é mais importante, pelo menos no Brasil. E a quantidade de pão à mesa de cada qual não vai aumentar se a seleção ganhar nem vai diminuir se perder.

Portanto, a coisa é bem mais simples: menos biquinho e mais futebol, só isso.

Artistas, como jogadores de futebol, são pagos para encantar o público e fazê-lo sonhar. O sonho pode variar de pessoa para pessoa. Há os que se acomodam em sonhar com uma vitória, venha do jeito que vier, nem que seja com gol de mão aos 99 minutos. São os profetas do “futebol de resultados”, os que se conformam com o possível.

Há os que sonhamos mais alto, os que queremos gols e show, vitória e fantasia, os que não vemos incompatibilidade alguma entre uma coisa e outra.

Porque, afinal, “la vida es sueño y, los sueños, sueños son”, já dizia Calderón de la Barca, que certamente, como todo poeta, se sentiria pouco à vontade neste mundo “de resultados”.

Seja como for, pela vitória apenas ou pela fantasia, paga-se uma fortuna a esses artistas para que falem menos e joguem mais.

Pena que tudo hoje pareça uma formidável confusão de conceitos. Exemplo: Dunga, o líder. De tanto ver a sua liderança alçada à condição de indispensável, o moço confundiu as coisas. Falar em campo não é, necessariamente, sinônimo de berrar grosseiramente com os companheiros.

Ser líder não é ser o imperador romano que vira o polegar para baixo, condenando não à morte, mas à execração pela massa ululante, um companheiro (Bebeto), justamente o que, no momento, estava mais frágil.

Por que Dunga não deu o seu espetáculo particular de maus modos com Ronaldinho, que, convenhamos, não está sendo tão melhor que Bebeto? Bebeto pelo menos fez dois gols, mais que qualquer outro brasileiro.

Ser valente contra os que estão por baixo é fácil. Faz parte, aliás, da tradição política brasileira.

Ganhar hoje do Chile não será mais que a obrigação. É só bater os olhos no retrospecto dos jogos entre as duas seleções. Por isso mesmo, uma simples vitória não preenche a cota de sonhos.

A bem da verdade, nenhuma das seleções o fez até agora, o que era mais ou menos previsível. Só não me peçam para que me conforme com o previsível ou com o possível. Se for para ficar só nisso, era melhor continuar acompanhando apenas a política brasileira, o território por excelência do conformismo.

Seleção de mulatos feios

Autor: MARILENE FELINTO

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: Nacional Jul 12, 1998

Na mídia brasileira, na televisão, nas revistas, nos jornais, nos anúncios de propaganda, mulatos e negros são tratados como se fossem feios cidadãos de segunda categoria.

Quando se trata de Copa do Mundo de futebol, no entanto, a mesma mídia passa a vender nossa seleção, de maioria mestiçada, mulata mais clara ou mais escura, como exemplo de miscigenação harmônica para o mundo. Mulato agora é lindo, negro é maravilhoso, e o Brasil é um paraíso de integração sócio-racial.

Só que se passam seleções e mais seleções vitoriosas, cheias de mulatos baixos e de pernas tortas (Garrincha, Romário), e nem por isso as novelas de TV ou a propaganda mudam seu padrão branco, loiro de olhos claros.

Não é bem o tipo físico dos homens da seleção que a TV Globo estampa nas suas novelas de horário nobre, por exemplo. Não é nenhum Ronaldinho dentuço, nenhum Roberto Carlos atarracado, nenhum beijudo como César Sampaio ou Aldair que a Globo escolhe para astro das novelas ou âncora de seus telejornais.

Não é bem esse tipo físico –da maioria dos brasileiros– que a mídia escolhe para apresentar em fotografias, em anúncios reluzentes de revistas que vendem produtos. Mas como é Copa do Mundo, a hipocrisia da classe média resolve arrotar louvores à nossa mestiçagem, dizer que neguinho é lindo, que pretinho isso e aquilo.

Justo a classe média brasileira, a que menos se mistura, a mais discriminatória: estão todos eles lá, branco com branco, cada um com sua mulherzinha branca, com seu maridinho branco. Mestiçagem é da porta para fora da casa deles. Só assim é boa.

Até a mídia francesa tenta criar uma onda de mestiçagem depois dos gols do negro Thuram, que classificaram o país para a final da Copa. O jornal “Libération” chamou inclusive uma especialista (“la démographe” Michèle Tribalat) para analisar o “cadinho” de raças da seleção francesa.

Fogo de palha. A França é o segundo país mais racista da Europa. Só perde para a Bélgica –para surpresa de todos os que achavam que Alemanha ou Inglaterra encabeçariam essa lista de horrorosos. Não é um gol de Thuram que vai mudar as coisas.

Ou será o futebol a cura para mais esse mal? Pode ser. Quem sabe agora, com sua conta bancária bastante avolumada, Thuram não segue o padrão brasileiro de ascensão social via futebol? Quem sabe, enfim, ele não se casa com uma modelo loira?

Mas voltemos à mentira brasileira. A mídia, a favor da classe média, esconde a cor e a cara do povo brasileiro, a não ser quando quer vendê-lo como bundas de mulatas carnavalescas ou músculos de jogadores de futebol. No Brasil só houve (e só há) miscigenação nas classes baixas. O resto é hipocrisia ou exceção.

Por mim, já que nem os países nem as raças me emocionam –e nem o futebol e nem a seleção brasileira, que é mestiça e feia como eu–, por mim, a França e o Brasil que se danem.

Farinha européia

Autor: MARILENE FELINTO

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: Nacional Jul 4, 1998

O Brasil pode até continuar o favorito da Copa do Mundo, mas a Europa torce contra, a despeito de uma ou outra manifestação simpática de franceses, a despeito da bolsa de apostas de Londres. A Europa não quer nem saber. O mundo agora anda escancaradamente em blocos. Nosso bloco é outro, o do Mercosul. Nosso passaporte feio vai mudar, enfim, para o passaporte do bloco: cor azul, com carimbo de “Mercosul-Brasil”.

A TV inglesa Sky News anunciava ontem claramente: se você não tem por quem torcer, depois que a Inglaterra foi eliminada, a Dinamarca é uma boa opção.

Um militante da Frente Nacional, o partido ultraconservador, de extrema direita francesa, dirigido por Jean-Marie Le Pen, me disse com todas as letras: em primeiro lugar, para nós, está a França, depois a Europa, que é a nossa civilização, depois o resto.

De certo modo, os europeus sabem que o Brasil não se dá ao respeito. A arrogância com que esse laboratório alemão Schering tem tratado o caso do falso Microvlar – que ele próprio fabricou e deixou cair no mercado – é um exemplo escandaloso.

Mas é isso mesmo. Quem não puniu o crime da hemodiálise, que matou dezenas de pessoas em Caruaru, acaba recebendo uma bolada de farinha da Schering.

Ora, se as autoridades de Saúde brasileiras são incapazes de inibir os falsificadores de remédios da Baixada fluminense, como é que uma Schering, ou qualquer outra empresa multinacional ou nacional, vai ter respeito pelas “leis” brasileiras?

Ora, se o Brasil nunca se importou em dar saúde a seu povo, que continua morrendo à míngua nas portas e nos corredores dos hospitais, quem vai ter respeito por qualquer fiscalização brasileira?

A Europa torce contra o Brasil. Porque acha que o Brasil é de outra estirpe, de outro bloco que não merece respeito, ainda que jogue melhor futebol. Também, só pode. Fosse na Alemanha, o laboratório Schering já estaria de portas fechadas. Mas é isso mesmo. A gente vai jogando nosso futebolzinho bom, fica feliz.

O time jogou bem, Roberto Carlos estava bem, Ronaldinho também estava bem, responsável pelo belo passe que levou ao belo gol de Rivaldo, Bebeto estava bem, apareceu bem, Cafu inspirado... Enfim, o time soube segurar o resultado, soube se manter frio e blablablá, blablablá.

Nada melhor do que a distância geográfica para enxergar o Brasil em seu lugar no mundo: um Legislativo ineficiente, encoberto por centenas de suspeitas de corrupção e comportamento imoral, um Judiciário atolado em leis que não servem para nada (que não punem ninguém e que ninguém cumpre), um Executivo “forte”, com poder de ordenar execuções sumárias de medidas provisórias e enganações eternas –mas um país que joga um futebol bom, o melhor do mundo.

A vitória sobre a Europa é boa para os meninos, que estão felizes. O futebol passa, e os meninos crescem, cheios de ilusões.

O Brasil não é mais um país-criança

Autor: MARCELO COELHO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ESPORTE Página: 5

Edição: Nacional Jun 10, 1998

O mais admirável, nestes dias de Copa do Mundo, são os extremos de indiferença. Tenho uma empregada que se recusa a torcer pela Seleção. “O que é que esses caras vão fazer por mim?” A frase é tão mercenária quanto a atitude de muitos jogadores de futebol hoje em dia. Mas há uma diferença entre ser mercenário no lucro, o que ocorre com qualquer craque de ocasião, e ser mercenário no prejuízo, o caso da minha empregada: aqui, pelo menos, esboça-se uma crítica ao sistema capitalista.

Crítica estranha, todavia, já que sua lógica é também a do lucro, a de levar vantagem. Observo, aliás, a contradição que fazia de Gérson, campeão de 70, anunciar os cigarros que garantiam ao fumante “levar vantagem em tudo”. Pois nem o Gérson, como jogador, era um oportunista, um fominha, nem o torcedor da seleção brasileira é um calculista, já que torcer não lhe traz vantagem em nada. Ademais, o sujeito que quer levar vantagem em tudo já parou de fumar.

Mas há outra forma de indiferença aos jogos da Copa, mais aristocrática. Ouvi certa vez, de um velho fazendeiro de Campinas, a frase brusca e cabal: “Nunca corri atrás de uma bola”. Coisa de crianças; coisa de negros, talvez.

O fato é que sempre houve uma relação entre futebol e infantilidade nacional; Nigéria, Estados Unidos e Japão talvez tenham derrotado o Brasil, em jogos históricos, por serem crianças futebolísticas, dando um quinau nos mais velhos.

Toda uma ideologia em torno da infantilidade de Garrincha, da espontaneidade de Pelé em 58, da pureza glabra e dentuça de Ronaldinho reforça a velha imagem das elites a respeito do povo brasileiro um povo criança, ingênuo e brincalhão.

É por isso que figuras como Edmundo e Romário nos chocam tanto. Romário é a criança mal-educada, é o pivete, o quase-marginal. Edmundo é o adulto encenqueiro, e o seu nome tem conotações de vilão shakespeariano: tudo se cerca de sombras.

Contra a infância, havia a impessoalidade técnica de Falcão, por exemplo, na Copa de 82. Ou a violência de Rivelino, em 70. Estamos contando apenas com a idade de Dunga, agora, para organizar uma inocência não tão inocente assim, como a de Ronaldinho, ou a juventude de Denílson, no banco de reservas.

De modo que a seleção brasileira parece cansada, velha demais, já antes de seu primeiro jogo. O Brasil deixou de ser um país-criança; paga o preço disso.

O Brasil é como uma potência colonialista decadente no futebol: desejo estar errado, mas cumpre o papel simbólico que a França desempenhou na Segunda Guerra ou o papel dos Estados Unidos no Vietnã.

Não gosto muito de torcer. Tenho visto algumas torcidas idiotas. Por exemplo, as que foram feitas em favor de um Oscar brasileiro. “O Quatrilho”, e depois “O Que É Isso, Companheiro?” tentaram “arrebancar a estatueta”, como diz a crítica especializada.

Dois filmecos se encarregaram de concentrar as esperanças da nação. Bem feito, se perderam. Outro caso: o de Gustavo Kuerten. O ganhador de Roland Garros virou um prodígio, um herói, e não apenas o brasileiro que enganou os gringos. Sua simpatia é inegável. Mas é óbvio que Guga foi um blefe jornalístico e mercadológico, como Maguila.

Há algo de simpático, entretanto, nessas torcidas. Quando pensamos em Guga, em Maguila, na seleção de basquete feminino, nos filmes do Oscar, há como que uma admissão do caráter secundário do chamado “talento brasileiro”. Conformamo-nos facilmente com um terceiro, com um quarto, com um quinto lugar.

Nossa desgraça é o futebol. Único ponto em que somos donos do mundo. E já não temos motivos para ser. Fixamo-nos num imaginário racial a ginga, a mestiçagem e num imaginário nacional, o da inocência e da criancice. Estes dois fatores são falsos, a meu ver, desde sempre.

Cria-se uma justificação prévia para o desempenho a de nossa infantilidade enquanto país. Já é tempo de desistir desse estereótipo. É como se nós fôssemos uns perpétuos enganados pelo FMI, uns dominados pelo imperialismo, o que nos impede o uso da imaginação e da pureza. Ou seja, vencer na Copa significaria um “resgate da nacionalidade”, uma afirmação do “verdadeiro Brasil”.

Os jogadores já perceberam que não é disso que se trata. Isso os prejudica. Cabe-nos perceber, acho, que nenhuma torcida vale por um superávit comercial. Que toda torcida, fanática do futebol, cética no Oscar, é infantil. E é a defesa de um mundo infantil que se reproduz, sem a infantilidade de Guga ou de Pelé de 58. É a infantilidade adulta: bom resumo do Brasil nos tempos de FHC.

Sensualité, sexualité

Autor: MARILENE FELINTO

Editoria: ESPORTE Página: 4-4 6/4047

Edição: Nacional Jun 8, 1998

As notícias que chegam do Brasil aqui na França dão um pouco de vergonha: é Congresso que entra em recesso branco, é banco mudando de horário por conta da Copa, é deputado e mais deputado livre de cassação, é sem-terra sendo baleado, é velho morrendo na fila do INSS, é a seca batendo recordes, é traficante decorando a favela para o Mundial de futebol, é bandeira verde-amarela em todo canto.

Mas eis que de repente, na monotonia de um quarto de hotel, a televisão em língua estrangeira (em várias línguas) solta vez ou outra o nome Brésil, Brazil, Brasile, Brasilien... A pessoa (brasileira) abre o olho que já se fechava no cochilo, feito cachorro que dormitasse num canto e erguesse a orelha ao farejar um osso, mas que volta a cochilar, com preguiça de sair do lugar.

O Brasil é esse osso duro de roer. Mas os europeus apostam que nossa seleção vai ganhar a Copa –única aposta que fazem no “gigante da América do Sul”. No fundo, eles sabem que o nosso país não é um país sério. Nenhuma pessoa razoavelmente sensata pode dizer que o Brasil é sério.

O caso dessa cambada de deputados que acaba de se livrar da cassação é o exemplo mais típico da conduta acanhada que o país adota como norma.

Existe hoje uma dúvida sobre se foi ou não Charles de Gaulle quem disse que o Brasil não é um país sério. Pouco importa. Seja lá quem for o autor da frase, tocou na nossa ferida mais profunda. Estava certo e continua certo.

Séria mesmo é a França. Um povo que sabe onde tem as ventas, como diria minha avó, que tem vergonha na cara, que não aceita as coisas assim calado feito brasileiro, que faz revolução e muda o mundo. É bem verdade que são secos por natureza, como todo europeu. Mas tem brio, dignidade, vergonha na cara.

Um dos únicos pontos a nosso favor –na comparação com os europeus– é, aliás, nossa falta de segura, nossa espontaneidade, nossa pornografia mais honesta. Dos três filmes pornográficos que passam aqui na TV paga do hotel, nenhum tem a coragem de exhibir o pênis nu e cru. É ridículo.

A pornografia européia é castrada, censurada. Só o sexo das mulheres aparece, mesmo assim, de banda, com poucos closes. Nesse ponto, o Brasil é sério, avançado. Nossos lemas são: spontanéité, sensualité, sexualité. Pelo menos nisso estamos séculos adiante dos europeus brancos em excesso, reprimidos e pudicos.

Temos também outra vantagem invejável –vamos enfim dar um estímulo à torcida brasileira: temos a vantagem da floresta, da selva abundante, rebelde, a tropicalidade da nossa Amazônia.

É que as árvores dos famosos jardins parisienses –o Luxembourg, o Tuileries etc.–, são de uma simetria monótona, de tão perfeita. A folhagem das árvores é aparada tão geometricamente que não deixa uma única folha fora do lugar, tudo artificial, como se não fosse natureza. Nossa desordem, nesse ponto, é melhor, é mais verde, naturalmente.

A tentação de terminar tudo em carnaval

Autor: MARCELO COELHO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ESPORTE Página: 5

Edição: Nacional Jul 15, 1998

Fui ver a final da Copa no telão da avenida Paulista. Meu raciocínio era o seguinte: se ganhássemos, ótimo. Se perdêssemos, seria importante presenciar uma experiência coletiva semelhante à da tragédia de 1950.

O raciocínio estava errado. Não vi nada que se aproximasse do famoso silêncio que, segundo contam, cobriu o Maracanã no dia da derrota frente ao Uruguai. Procurei lágrimas, não encontrei nenhuma. Logo que acabou o jogo, os trios elétricos voltaram a funcionar.

Por falta de coisa melhor, muita gente acabou caindo no pagode e na axé music de qualquer jeito. Claro, havia frustração, mas feita principalmente de vazio –de uma ausência do que comemorar–, mais do que de desgraça, de motivos para descabelamento e desespero.

Algumas diferenças entre 1950 e agora são evidentes, outras, nem tanto. O jogo não foi aqui no Brasil, o otimismo, imagino que não tão grande e, desde o primeiro gol, a vitória da França parecia fácil.

Não tivemos uma brusca inversão de expectativas, não sofremos com uma virada pouco antes do término da partida, nenhum momento foi especialmente dramático.

A derrota, na verdade, doeu o menos possível nessas circunstâncias. Nem mesmo podemos dizer que houve injustiça. É só engolir. Além disso, o público era composto, em sua maioria, de adolescentes.

Tenho a impressão de que a vontade de dançar, de divertir-se e de ironizar o acontecido venceu a decepção. O simples fato de ocupar a avenida Paulista, de sentir de vez em quando a cidade invadida pela população e não por ônibus e carros, já é euforizante. É uma pequena, incompleta e momentânea tomada da Bastilha.

Seremos menos “trágicos” do que éramos em 1950? A questão é um pouco enganadora. De um lado, temos daquela época uma imagem marcada pelos textos de Néelson Rodrigues. Tudo que se refira à primeira metade da década, culminando com o suicídio de Getúlio, é rodrigueano a nossos olhos.

Urros de dor e jorros de lágrimas, que, para o próprio Néelson Rodrigues, vinham numa chave irônica (de ironia levada a sério, entretanto), tendem a ganhar um sentido literal em nossa visão retrospectiva.

Tanto quanto o próprio Néelson Rodrigues, tendemos a uma nostalgia da tragédia irreparável, da grande ruptura histórica, da guerra civil que, como a batalha de Itararé, não houve.

A tentação de “não ser sério”, de levar tudo na brincadeira, de fazer com que as coisas sempre terminem em Carnaval, nos persegue como uma construção que nos delicia e ao mesmo tempo nos amedronta.

A “fracassomania” e a ameaça do “caos social”, para usar termos que estão na moda (sempre estiveram, aliás), exercem imaginariamente um poder hipnótico e ambíguo: justas e legítimas, são também inconcebíveis e espúrias.

Quando algo de ruim acontece –mortes de Tancredo e Ayrton Senna, por exemplo–, há como que um momento de celebração coletiva também. A tragédia, superável, foi maior depois que passou, depois de inscrita na memória, no panteão de nossos grandes traumas históricos, que substituem o grande trauma que realmente não aconteceu.

Um fator decisivo, entretanto, muda concretamente as coisas de 1950 para cá. A televisão impõe sobre os fatos uma temporalidade diferente: uma derrota na tela se desliga,

se zapeia, se interrompe com um anúncio, se dissipa no próximo programa. A tristeza pode ser grande, mas tende a ser rápida também.

O principal talvez não seja nada disso. É que, ao longo de tantas Copas do Mundo, desenvolveu-se uma estratégia interessante de imunidade coletiva. É bem conhecida de todos nós. Perdendo ou ganhando, somos e seremos sempre os melhores do mundo.

Não digo que não. Mas noto que o sucesso no futebol deixou de ser um acidente ou a soma de algum modo fortuito de acontecimentos felizes, para fazer parte de uma “essência” brasileira.

Depois de Garrincha e Pelé, depois do tri e do tetra, não se discute mais nossa superioridade. Podemos perder muito, como perdemos, aliás: do Japão, da Argentina, da Nigéria, e, duas vezes, da Noruega, que o fato será um escândalo, um absurdo. Mas sem nos abalar a fundo.

Na essência, “sub specie aeternitatis”, somos penta, hexa, hepta, tudo. Até seria preferível, em vista disso, que não disputássemos mais a Copa. De minha parte, não ficaria nem um pouco descontente, aliás.

O que acontece, então, quando o Brasil perde? Nesta Copa, juntaram-se dois temas, duas ordens de explicação. Não discuto se correspondem ou não à realidade: para isso eu precisaria entender de futebol. Ressalto apenas o tipo de argumentação.

O primeiro é que nossa “essência futebolística” foi sufocada, não pôde se manifestar, devido ao esquema de Zagallo. Ao esquema de Zagallo? À teimosia de Zagallo, à burrice de Zagallo, à loucura de Zagallo, à maldade de Zagallo.

Nosso time era o melhor, mas não pode “encontrar sua verdade”, não pôde manifestar sua excelência, tolhido na prisão de cimento e ferro do técnico.

Não por acaso, Zagallo é um remanescente da ditadura militar. O tema da “essência nacional sufocada” é um clássico, não do futebol, mas do pensamento político brasileiro desde os anos 30 pelo menos. Certo ou errado (haveria muito a discutir sobre isso), não surpreende que seja invocado aqui.

Mas há uma versão concorrente, que também serviu para nos anestesiarmos um pouco diante da derrota. É a de que os jogadores estão muito mais interessados em seus contratos de publicidade do que em atuar para o time, em favor do conjunto. Novamente, não posso avaliar se isso é verdade ou não.

Noto, de qualquer modo, que isso nos ajuda a suportar o fracasso. Pois passamos a dizer que “foram eles” – e não “nós” – quem perderam. Garotos milionários e mimados, “não são” mais representantes do “povo” como o imortal Garrincha. Perderam? Bem-feito para eles.

E aqui entra, ao lado do tema do “sufocamento”, o tema da “mercantilização” do futebol. A essência nacional não foi apenas tolhida, engessada, mas também traída. A Nike, a Pepsi, a Globo intervêm para que a espontaneidade popular não apenas seja esmagada pelo tacão autoritário, mas também transformada em simulacro, em mercadoria. Passamos do Regime Militar para o Consenso de Washington.

Os esquemas de interpretação se superpõem. É possível que ambos estejam certos. O fato é que perdemos feio da França, depois de uma campanha que mal deu para o gasto. Perdemos? Será? Como dizer isso? Absurdo. Pois já estava escrito na carta de Pero Vaz de Caminha que o Penta é nosso.

Torcedor tapuia confunde alhos com bugalhos

Autor: BARBARA GANCIA

Origem do texto: Colunista da Folha

Editoria: ESPORTE Página: 3

Edição: Nacional Jul 8, 1998

Ufa! Como se falou besteira nesta Copa do Mundo!

Uma das que mais me deixam tiririca é aquela descoberta da pólvora feita por alguns colegas bairristas de que, na França, cachorro é mais bem tratado do que imigrante.

Ora, ora. E a cachorrada não merece? Por acaso cachorro tira emprego de francês? Por acaso cachorro solta bomba no metrô de Paris?

Brincadeiras à parte, brasileiro acha plausível comparar cachorro com gente porque gosta errado de cão.

Não entende que animal deve ser tratado e amado como animal. Prefere considerar o cachorro um subser humano e chega ao cúmulo de comprar a idéia batráquia daquele cantor, o Eduardo Dusek: "Troque seu cachorro por uma criança pobre". Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, como diz o ditado popular.

Mas achar que crianças podem ser intercambiáveis com cães não deixa de dizer algo sobre nossa auto-estima e nosso grau de preconceito.

Pois, da mesma forma que gostamos errado de cachorros, também torcemos errado pela nossa seleção.

Basta dizer que, no dia do primeiro jogo do Brasil, as autoridades registraram 81 homicídios na Grande São Paulo.

O pessoal veste orgulhoso a camisa da seleção e sai gritando "Brasil, Brasil!".

Mas, na pressa de chegar a sua casa para ver o jogo, é capaz de atropelar o pedestre igualmente brasileiro que cruza a rua na sua frente.

Quantas vezes não ouvimos a expressão "pátria" jogada no meio de uma frase sobre a seleção brasileira?

Será que nossa noção de pátria é tão merreca que pode ser reduzida a um mero campeonato de futebol?

Quem torce pela seleção da forma certa e saudável pega emprestado o verde-amarelo da bandeira para vibrar com o espírito alegre do brazuca.

Torce pelo talento e pela arte do nosso futebol. E sabe que o orgulho que sentimos da nossa superioridade no esporte bretão não pode ser confundido com patriotismo.

Pois, nesse quesito, ainda engatinhamos. E continuamos devendo aos índios e paraguaios que massacrados, aos africanos que escravizamos e aos nossos filhos, que deixamos morrer de fome e de falta de assistência médica na porta dos postos de saúde deste nosso Brasil varonil.

Nantes como nunca

Autor: JUCA KFOURI

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: Nacional Jul 4, 1998

O Brasil não é Nigéria. A Dinamarca já sabe.

Mas a Dinamarca não joga um futebol chato e mecânico.

Isso quem já sabe sou eu.

Foi um espetáculo de futebol para os paladares mais exigentes.

E para os corações mais resistentes. Um jogo como aqueles de antigamente. Lá e cá, cá e lá, com apetite de gol.

Começou com uma jogada que se espera dos argentinos, jamais dos dinamarqueses. Só que eles a fizeram e saíram na frente.

Um baita susto que Ronaldo tratou de fazer passar, lançando maravilhosamente para Bebeto empatar.

Aqui, um capítulo à parte.

Bebeto não poderia perder aquele gol. Pois ao fazê-lo, com toda a experiência que tem, deu razão a Zagallo em mantê-lo e pôde ouvir, enfim, seu nome festejado quando saiu para Denílson entrar. Então veio a vez de Dunga, que foi o maior responsável por não deixar que Dinamarca impusesse seu jogo, com três ou quatro desarmes fundamentais.

Num deles, deu para Ronaldo servir a Rivaldo, que desempatou com maestria.

Outro susto viria no começo do segundo tempo, quando furou o pneu da bicicleta de Roberto Carlos, e Brian Laudrup, que já havia construído o gol de abertura, empatou.

Os Laudrup, aliás, líderes do alegre time nórdico, parecem ter nascido no Uruguai, talentosos e guerreiros.

A torcida brasileira se calou em Nantes. E um gomo do estádio se fazia ouvir pelo mundo afora, como se a sexta-feira, 3, fosse de mau agouro para os tetracampeões – assim como tinha sido para os tri italianos.

Nada disso.

Se Nantes não viu nada parecido com o passeio diante de Marrocos, viu um jogo de futebol como certamente jamais havia visto em toda sua história, coroado por mais um golaço de Rivaldo.

E se despediu, quem sabe, dos pentacampeões mundiais.

E apesar dos sustos, não só os dos dois gols, mas também os dos quase gols do fim do jogo.

Porque, seja como for, ninguém jogou nesta Copa, até agora ao menos, tanto quanto jogou a seleção brasileira nesta vitória consagrada.

Uma vitória do futebol.

O general Verão

Autor: JUCA KFOURI

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: Nacional Jun 23, 1998

Se foi mesmo o general Inverno quem derrotou Napoleão Bonaparte, eterno maior ídolo francês, na campanha da Rússia, desta vez o calor deverá ser mais um aliado da seleção brasileira diante da norueguesa nesta tórrida (e misteriosa) Marselha.

Para quem tem sol forte tão pouco tempo durante o ano inteiro, chega a ser maldade submeter os alvos nórdicos a tamanho sofrimento.

Como se já não bastasse o Denílson aberto pela esquerda, disposto a não sair mais do time, a ser o Mané, o Canhotoiro...

O fato é que toda a arrogância do técnico norueguês Egil Olsen desapareceu num instante.

Hoje não tem ninguém mais arrependido por aquela goleada acidental em Oslo. A tal ponto que ele só faz pedir desculpas por tudo o que disse de lá para cá.

Aliás, é assim mesmo.

Do mesmo modo que nós, brasileiros, disfarçamos a indiscutível superioridade que temos sobre quase o mundo inteiro neste ofício de jogar bola –Alemanha, Argentina e Itália são outra conversa–, usando um discurso sempre respeitoso, nossos adversários usam a tática inversa.

Eles sempre provocam até a véspera do jogo quando, então, dizem que estavam brincando, que não é bem assim etc.

Mas a questão da partida de hoje é só uma: que tipo de futebol teremos em campo?

O time que começa jogando é quase o time do povo, embora, estranhamente, Leonardo vá jogar pela direita e não pela esquerda, como era de se esperar –e Gonçalves não seja exatamente um especialista em bolas altas. Mas o zagueiro jogará mais por acaso que por opção de Zagallo.

Se o treinador tiver juízo, por sinal, tratará de prender Cafu e Roberto Carlos atrás, na tentativa de evitar os cruzamentos na área. Mas, se o general Verão entrar mesmo em campo, como se anuncia, e Denílson cumprir o que promete, os noruegueses vão ver com quantos paus se faz uma galera viking.

Em compensação, se der errado, que a imprensa e a nossa galera sejam humildes e dividam a responsabilidade com Zagallo.

Porque, desta vez, estamos todos no mesmo barco, louquinhos por uma boa dose de irresponsabilidade tática.

O vinho da vitória

Autor: CARLOS HEITOR CONY

Editoria: ESPORTE Página: 5

Edição: Nacional Jul 8, 1998

O Brasil não merecia vencer por pênalti. Fez a sua maior partida dos últimos tempos, acho que desde 1982 (Copa da Espanha), diante de um adversário de altíssima classe, que em momento algum se entregou. De qualquer maneira, mais uma vez Taffarel reuniu e resumiu todas as qualidades que a seleção brasileira mostrou durante o jogo, incluindo o tempo regulamentar e a prorrogação.

Um jogo de arrebrantar corações e mentes, por que a Holanda também estava lá, jogando o fino. Lembro as duas cabeçadas de Kluivert, no primeiro tempo, que mereciam ter entrado, até que veio a terceira cabeçada do mesmo atacante, empatando a partida quase ao final do segundo tempo.

Fora desses três lances, o Brasil foi o senhor do campo. Teve oportunidades para marcar mais dois gols pelo menos. Ronaldo fez afinal sua primeira partida de melhor jogador do mundo. Rivaldo, Dunga, César Sampaio, Denílson, o próprio Bebeto até ser substituído –enfim, o time esquentou para a final e para o penta.

Se é necessário falar mal de alguém, falaria de Roberto Carlos, que muito se esbofou, mas por duas ou três vezes deu passes errados para o miolo da área. Com mais calma e classe, ele poderia ter criado situações de gol que teriam evitado a decisão por pênaltis.

Aliás, saí da tribuna de imprensa na hora dos pênaltis. Não para evitar emoções fortíssimas, mas por respeito ao bom jogo que o Brasil realizou. Não atravessei o Atlântico, não estou há 40 dias fora de casa para assistir a uma roleta russa, um cara-e-coroa incongruente. Sei que é a regra aceita por todos, mas continuo achando que devia haver outro processo para se aferir um campeão, talvez um segundo jogo em tempo integral, enfim, qualquer outra coisa que não a série de pênaltis que, eventualmente, pode até fazer justiça ao melhor.

Bem, estamos mais uma vez na final de uma Copa. Pegando a França ou a Croácia, temos futebol suficiente para colocar mais uma estrela na camisa amarela da seleção. O “timing” da seleção é bom, a cada jogo se apresenta melhor. Ontem, contra a Holanda, pela primeira vez o Brasil deixou de jogar na horizontal, procurou a vertical –e se não fez mais foi por azar mesmo.

Como já disse, não assisti aos pênaltis. Não me fizeram falta. Evidente que Taffarel é o herói do dia –mas durante a partida ele fez defesas muito boas. Graças a ele, o Brasil deixa Marselha vingado de uma velha afronta de 60 anos, aquela derrota diante da Itália na Copa de 1938. E, mais recentemente, do desastre com a Noruega, quando o time jogou de salto alto e mereceu perder.

Um jornal daqui de Marselha anunciou o jogo de ontem como “suntuoso”. Foi suntuoso mesmo. Repito: não merecia ser decidido por pênaltis. Apesar de tudo, o vinho da vitória embriaga e nada melhor do que a consciência que merecemos não apenas a vitória, mas o calor do vinho que alegra a mente, o coração e o gesto.

Très chic

Autor: ANTONIO CARLOS DE FARIA

Editoria: ESPORTE Página: 1

Edição: Nacional Jul 10, 1998

Rio de Janeiro – Ingressos que custaram cerca de US\$ 50,00 nas mãos de cambistas que os revendem por não menos de US\$ 500,00. Desvio de entradas, lesando milhares de turistas que não puderam ver os jogos pelos quais pagaram com antecipação. Cenas da Copa de futebol num país de Primeiro Mundo.

Situações como essa gerariam uma crise de relevância internacional, caso tivessem ocorrido no Brasil. Os brasileiros seriam os primeiros a se mortificar diante da humanidade.

Na França, são respondidas com polidez e calma, mostrando não haver nos fatos uma gravidade que vá além do risco trivial que pode acontecer em qualquer grande evento no mundo.

Um amigo telefonou dizendo que foi assaltado duas vezes, durante essa recente estadia de um mês integrando a torcida brasileira. Está quase igualando o número de gols de Ronaldinho.

Em nenhum dos assaltos, disse ele, o meliante tinha aparência diferente da de um francês mediano. Ao contrário do que esperavam as autoridades policiais, que ficaram surpresas ao ouvir a descrição dos agressores com características tão gaulesas.

É claro que há aproveitadores de fora rondando os milhares de visitantes que estão nas terras francesas. Há até brasileiros, é preciso reconhecer.

Mas é absurdo pensar que todos os senões da Copa são causados por estrangeiros. Além disso, quando do último roubo, parte dos forasteiros –os hooligans ingleses e os carecas alemães–, representantes legítimos do mundo branco desenvolvido, já tinha ido embora da França, deixando suas marcas, entre elas um policial em coma.

Para mostrar o quanto os fatos desagradáveis são irrelevantes, chegam a dizer que a Copa é mesmo desvantajosa para o turismo francês. Afinal, os milhares de torcedores de futebol afastam o turista tradicional, este sim mais interessante em termos de consumo e comportamento.

Quando se tem auto-estima, até os vexames ganham outra dimensão, não empanando o brilho merecido da festa. Comme il faut.

Um país, um futebol e 20 mil embaixadores

Autor: MARCOS DE AZAMBUJA

Editoria: ESPORTE Página: 1

Edição: Nacional Jul 12, 1998

O Brasil está fixando uma imagem positiva e simpática que vai perdurar por décadas na França

O Brasil passou para a sua sexta final de Copa do Mundo. Um fato que se torna um hábito vem, desta vez, com muitos ingredientes de novidade. É a primeira vez que o Brasil une de forma tão harmoniosa o seu talento inigualado no futebol a uma projeção real como país. Daqui da França, sente-se de forma especial esse ingrediente de novidade e o seu efeito.

O Brasil que ocupa as manchetes e inúmeras páginas interiores de todos os jornais da França não tem de orgulhar-se apenas do seu majestoso futebol e de cada um dos seus craques. É reconfortante saber que o país que está por trás da rede valentemente defendida por Taffarel é muito melhor e mais respeitado fora do gramado do que o Brasil de outras Copas. Um Brasil que joga com o pé e com a cabeça. E que não sai do sonho do gramado para o pesadelo da inflação, da economia desarrumada, dos escândalos de corrupção, do autoritarismo.

Em 1958 tínhamos, é verdade, a era JK em plena força. Era o tempo do “50 anos em 5”, da febre da indústria automobilística chegando, do sonho da meta-síntese que era a construção de Brasília. Era também o tempo da bossa nova, do cinema novo, da literatura esfuziante de criatividade ilustrada por Guimarães Rosa. Era um tempo em que quase-quase chegamos lá. Mas o país ainda era modesto de dimensões, acanhado, voltado para o seu imenso quintal interior, um embrião da economia poderosa que chegaria a ser muitos anos depois. E começava a nutrir no berço o que seria o nosso grande surto inflacionário dos anos 60 a 80.

Foi como se o nosso futebol da Copa da Suécia e depois do Chile, já em 1962, tivesse ficado em impedimento, avançando mais da conta, enquanto o resto do país demorava a lhe dar o passe.

Em 1970, em uma Copa e com uma seleção que vai viver para sempre na memória coletiva do mundo, o país por trás das redes começava a viver a ilusão do milagre, enquanto se debatia no seu déficit de democracia e mal podia se mover no mundo e na sua região, tamanha era a resistência que gerava. Outra vez o impedimento.

Em 1994 começamos uma fase nova. A vitória na Copa dos Estados Unidos, quase como um espelho, refletiu a vitória do Real, lançado enquanto avançávamos para a final contra a Itália. Vitórias trabalhadas, difíceis, mas empolgantes. A seleção recuperou a glória de 24 anos antes. Mas o país por trás das redes começava a mudar, e a mudar para valer. O time de Parreira não ficou mais isolado na sua vitória.

Hoje, essa campanha brasileira na França mostra um futebol brilhante e respeitado que vai abrindo alas para um país infinitamente mais presente e atraente. Sem nenhum déficit de democracia. Falando, em economia, uma linguagem cada vez mais próxima da que utilizam os países desenvolvidos: a linguagem da estabilidade, da previsibilidade, da credibilidade. E crescendo, melhorando os seus indicadores sociais, como acaba de demonstrar o estudo das Nações Unidas, que nos graduou, dando-nos um crédito de confiança para continuarmos a enfrentar os muitos problemas que ainda inegavelmente são parte da nossa equação nacional.

Tudo isso é novo em uma história que vai ter mais um capítulo emocionante neste domingo de mais uma final que já é um triunfo e uma recompensa em si mesma e que, se Deus quiser, haverá de ter gosto de Brasil.

É muito mais empolgante e fácil ser embaixador de um país assim nesta França que vive um verão de sonho, combinando retomada do crescimento, um significativo recuo do desemprego, um desempenho extraordinário no comércio internacional, um grande prestígio provocado por sua ousadia na área social e uma grande projeção internacional pelo seu papel na consolidação da União Européia e por sua construtiva independência em diversos tabuleiros diplomáticos em todo o mundo. Uma França que se torna a cada dia, nos últimos três anos, um parceiro mais importante do Brasil, participando com investimentos produtivos em um número cada vez mais amplo de áreas da nossa economia, da indústria automobilística à siderurgia, da distribuição de livros e discos à geração de energia elétrica e às telecomunicações.

Não é difícil compreender o papel que o futebol e a nossa extraordinária campanha nesta Copa do Mundo desempenham nessa reaproximação do Brasil com a França. O Brasil está fixando uma imagem positiva e simpática que vai perdurar por décadas na França, a exemplo do que ocorreu no México em 1970. Nossos craques, com Ronaldinho à frente, entraram para sempre no imaginário francês. O Brasil e sua seleção foram objeto da atenção e do escrutínio cuidadoso dos franceses. E temos nos saído bem na prova.

Essa combinação feliz de virtudes futebolísticas respeitadas e de um país real mais forte e com mais auto-estima atrás das redes e espalhado pelas arquibancadas é a receita ideal com que sonha todo embaixador brasileiro encarregado de representar o seu país em um parceiro importante do Brasil.

E nessa tarefa tenho sido ajudado por nada menos do que 20 mil embaixadores honorários do Brasil –nossos torcedores, que têm sido, sem nenhum exagero, impecáveis na sua missão de torcer, alegrar-se e comemorar com elegância e com autenticidade. Nossos torcedores conseguiram conquistar a simpatia da França. Nem um único problema foi causado por qualquer brasileiro ao longo de toda esta Copa. Não há registro de nem uma queixa sequer contra brasileiros por mau comportamento, inconveniência, calote ou o que seja. Mesmo com os problemas que várias centenas de brasileiros enfrentaram para obter ingressos a que acreditavam de boa-fé ter direito, nossa torcida foi sempre a nossa melhor imagem de nós mesmos. Ela é a prova de que somos, em tudo e por tudo, cidadãos do mundo.

Nós todos devemos muitos agradecimentos por mais esta final a que chegamos: à nossa seleção, que está honrando o panteão de heróis do nosso futebol; à nossa torcida, que tem sido em si mesma um espetáculo de engajamento e um exemplo de cidadania; à França, pela hospitalidade com que nos está recebendo aqui; e a nós mesmos, por termos sido capazes de construir um país real para dar sustentação ao sonho que é o nosso futebol.

Lídio e seus idiotas

Autor: ELIO GASPARI

Editoria: ESPORTE Página: 1

Edição: Nacional Jul 15, 1998

Hoje, comemoram-se os 80 anos do início de uma das grandes vitórias militares da França: a batalha do Marne (100 mil baixas alemãs contra 60 mil aliadas). Quando ela terminou, perguntaram ao marechal Joffre quem tinha sido o responsável pelo triunfo e ele respondeu: “Quem ganhou, não sei, mas, se nós tivéssemos perdido, pobre Joffre”.

Para evitar a síndrome de Joffre, pode-se fazer de conta que o Brasil ganhou a Copa do Mundo por 3 a 0 (todos de Taffarel, como, não importa). Feito isso, pode-se ir com serenidade aos fatos: a Confederação Brasileira de Futebol é povoada por irresponsáveis e mentirosos. Seu médico, Lídio Toledo, dá entrevistas supondo que o Brasil é habitado por um bando de cretinos.

Ao que ele disse:

1) “Ronaldinho sofreu uma convulsão, que durou cerca de 30 segundos. Logo voltou ao normal, como se nada tivesse acontecido”.

No mundo do doutor Lídio (ou dos néscios a quem se dirige), uma pessoa vem andando pelo Eixo Monumental, sua frio, sofre uma convulsão (pelo seu diagnóstico), levanta-se e, como se nada tivesse acontecido, vai ao Banco Central ver se arruma um Proer. No caso de Ronaldinho, como já está abonado, sete horas depois entra em campo para disputar uma final de Copa do Mundo. Zagallo pergunta-lhe como está, ele responde: “Estou inteiro”. Acabou-se o problema. Talvez Zagallo não o escalasse se a resposta fosse outra: “Olha, deixei a perna direita no tomógrafo, mas acho que dá para encarar. Se o Edmundo me emprestar a dele, está tudo resolvido”.

2) “Fizemos todos os exames necessários. Tomografia computadorizada, ressonância magnética, eletrocardiograma e eletroencefalograma. Nada foi constatado”.

Grande doutor Lídio. Nada foi constatado nem o fato de ele ter sofrido a convulsão diagnosticada.

3) “Ele chegou a enrolar a língua no início e se debateu um pouco. Como estava deitado, não sofreu maiores conseqüências”.

Insuperável doutor Lídio. As eventuais conseqüências de uma convulsão relacionam-se com a posição em que a pessoa está. Se um jogador está de pé, pode se contundir. Como ninguém se contunde deitado, a convulsão não teve maiores conseqüências. O fato de o seu sistema nervoso ter entrado em colapso seria uma conseqüência menor de coisa nenhuma, pois “nada foi constatado”.

Não há notícia de cavalo que tenha sido mantido num páreo da tarde depois de sofrer uma convulsão durante a manhã.

A CBF mentiu para a Fifa, dizendo que o problema estava no tornozelo. Iludiu o público, embromando a causa da escalação de Edmundo na primeira lista. Colocou em risco a saúde do maior jogador do mundo, levando-o ao campo quando qualquer residente de pronto-socorro o levaria à cama. Se isso fosse pouco, está tratando a galera como se ela fosse idiota, como se o que aconteceu em Paris fosse algo banal. Coisa nenhuma, foi uma leviandade cometida por irresponsáveis.

Num ato de covardia, informam que Ronaldinho quis jogar. Tentam transferir a culpa à vítima. Esses senhores poderiam sentar nas suas poltronas para ouvir a velha canção “Quem Matou Davey Moore (Who Killed Davey Moore”, cantada por Pete Seeger). Conta a história de um boxeador morto no ringue. O empresário diz que não teve nada a ver com a história: “Disseram que estava tudo bem”.

A vida nacional está cheia de casos de pessoas que esconderam seus achaques.

Alguns foram bem-sucedidos, como Juscelino Kubitschek, que enrustiu um infarto em 1959 e só foi morrer, em desastre de carro, 17 anos depois. Em outros, custaram caro ao país. O marechal Costa e Silva não tinha saúde para assumir a Presidência, e os cartolas da ditadura sabiam disso. Teve um derrame no meio do mandato, levando o Brasil a um período de anarquia militar. Sabia-se desde 1974 que o general João Baptista Figueiredo era um cardiopata que carregava uma pequena lesão de um velho e despercebido infarto. Em 1981, já presidente, enfartou em público. Todos eles, pessoas maduras e poderosas, decidiram apostar o próprio couro.

No caso de Ronaldinho, a CBF apostou o couro de um garoto de 21 anos. Expuseram-no cruelmente a um risco de saúde e, obrigando-o a participar de uma farsa que acabou em fiasco, lesaram-lhe a imagem.

Mas o fato é que Joffre ganhou a batalha do Marne e, como se combinou no início deste artigo, a seleção derrotou a França por 3 a 0 (todos de Taffarel, não interessa como). Nesse caso, Ronaldinho é um herói. Teve uma convulsão, foi para o campo e ajudou o Brasil a tirar o penta. Seria uma história emocionante, mas nesse dia os doutores Ricardo Teixeira e Lídio Toledo teriam colocado uma nova emoção no futebol, tornando-o um esporte um pouco parecido com o boxe, no qual o atleta arrisca a saúde. Quando envelhece, abobalhado como Muhammad Ali, torna-se um repositório dessa emoção desconhecida para os torcedores do jogo de bola: a pena.

A seleção perdeu por menosprezar seu rival

Autor: TELÊ SANTANA

Editoria: ESPORTE Página: 3

Edição: Nacional Jul 13, 1998

A derrota na partida de ontem teve algumas lições para o futebol brasileiro. A primeira delas (uma lição quase tão antiga quanto o futebol) é de que não se ganha jogo de véspera. A seleção brasileira perdeu porque demonstrou certo menosprezo pelo time da França, achando que a qualquer momento poderia ir lá e marcar os gols que lhe assegurariam o título.

A segunda lição é de que no futebol, principalmente numa final de Copa do Mundo, o entusiasmo e a raça são indispensáveis. Faltou, sim, raça a alguns de nossos jogadores. Os jogadores da seleção brasileira – e esta não é a primeira vez que isso acontece – entram em campo mais preocupados com outras coisas do que com o rival, com o time que está do outro lado, por mais respeito que o time possa merecer. Nesse aspecto, não podemos atrair culpa ao Zagallo, a influência do técnico é menor. Esse menosprezo parte muito mais do próprio jogador. O técnico não pode ser considerado culpado.

A imagem do futebol brasileiro saiu arranhada no jogo de ontem, não por ter perdido, porque a derrota ou a vitória são elementos do futebol, mas por não ter se apresentado bem, à altura de uma seleção com as nossas tradições.

De um modo geral, a partida de ontem foi equilibrada, com chances para ambas as equipes. Considero a vitória da França justa, porque a França soube aproveitar muito bem as oportunidades que criou, ao passo que os brasileiros, não. Nossa defesa falhou muito, mas não foram falhas individuais, foram falhas de posicionamento. Nos dois primeiros gols, que saíram em cobranças de escanteio, a defesa estava mal posicionada.

Não quero atribuir a culpa ao Roberto Carlos, por ter permitido jogadas em sua parte do campo nem a outro jogador. Foi uma derrota do grupo.

A participação da seleção brasileira na Copa do Mundo da França pode ser considerada boa. Chegamos à final, depois de termos começando mal a Copa. O time foi engrenando aos poucos, durante a Copa. Acho até que demoramos um pouco demais para engrenar. Mas agora isso tudo é passado. Não adianta reclamar do que já aconteceu.

Dos jogadores brasileiros, os que considero que tiveram boa participação na final e ao longo da Copa foram os laterais, principalmente o Cafu, pela direita, o Dunga, que sempre foi um líder no meio-campo e jogador de comportamento exemplar. O grande jogador do Mundial me parece ter sido o Zidane. Inteligente, criativo, comandou ontem a seleção francesa na final.

A seleção brasileira deve passar agora por um período de renovação com a saída de alguns jogadores mais veteranos. As próximas competições vão mostrar se os jogadores que estão chegando podem manter o time num nível elevado no cenário mundial. Vamos esperar que surjam mais alguns jogadores bons no futuro próximo.

Não sei qual será o futuro do Zagallo. Ele tinha dito antes da partida de ontem que gostaria continuar dirigindo a seleção. Agora não sei qual será seu futuro, embora eu considere que ele ainda tenha todo o direito de continuar querendo estar à frente do grupo.

Os jogadores agora precisam erguer a cabeça e estar preocupados em descobrir onde nós erramos. E não está difícil descobrir quais foram os erros, principalmente porque houve alguns jogadores para quem a Copa não parecia ser tão importante como realmente era.

A história secreta de Ronaldinho

Autor: JOSÉ HENRIQUE MARIANTE

Editoria: ESPORTE Página: 4

Edição: Nacional Jul 16, 1998

O atacante Ronaldinho, 21, sofreu na tarde de domingo uma crise nervosa, e não um distúrbio neurológico como vinha sendo anunciado pela Confederação Brasileira de Futebol. O fato deixou a comissão técnica da seleção desesperada e provocou um racha na equipe antes do jogo decisivo da 16ª Copa do Mundo de futebol.

Nas seis horas que se seguiram, até o início da partida contra a França, o Brasil perdeu o pentacampeonato. A derrota de 3 a 0 foi uma trágica consequência de acontecimentos que misturam despreparo, irresponsabilidade, incompetência e vaidade. Ingredientes de uma novela de informação e contra-informação, em que o mal de Ronaldinho ganhou várias versões, de “contusão no tornozelo” a “convulsão de 30 segundos de causa ignorada” –nenhuma delas verdadeira.

A Folha reconstituiu o que aconteceu nas seis horas transcorridas entre a concentração do time, no Château de Grande Romaine, em Lésigny, e o vestiário do Stade de France, em Saint-Denis, local da partida.

Junto a funcionários do hotel, jogadores, assessores de imprensa, delegados da Fifa e médicos, apurou que a seleção já sabia que seu artilheiro atravessava problemas emocionais, com sinais de depressão e irritação.

Apurou que Lídio Toledo teve um acesso de choro ao ver o atacante prostrado no seu quarto, contido à força por companheiros depois do ataque de nervos. Que alguns jogadores discordaram das decisões do médico da CBF (temendo o exame antidoping, não medicou Ronaldinho), gerando um bate-boca que se estendeu até os vestiários do estádio da final. Que, pela primeira vez no Mundial, o ônibus deixou o hotel sem a batucada animada habitual dos atletas. Que, por causa do racha, a seleção não fez o aquecimento no campo. Que a comissão técnica não foi unânime ao resolver escalar o atacante contra os franceses, como também vinha sendo divulgado –o coordenador Zico se opôs. Apurou, enfim, que a seleção brasileira, apontada como favorita ao título, com os melhores e mais bem pagos jogadores do planeta, é uma bagunça.